

Poliana Macedo de Sousa

A festa do divino **Espírito Santo**

**Memória e religiosidade em
Natividade-Tocantins**



O livro *A festa do divino Espírito Santo: Memória e religiosidade em Natividade-Tocatins* analisa as festividades que ocorrem nesta cidade em louvor do culto mencionado na contemporaneidade, destacando alguns dos seus aspetos mais significativos. Tratando-se de uma cerimónia religiosa, integrada, como todas, muitos elementos profanos, dando voz à cultura local e às multifacetadas formas dela se exprimir. Transportada da Metrópole para o Brasil, a festa do Pentecostes ou do Espírito Santo foi fomentada pelos agentes locais, de que se destacam os franciscanos, e apoiada pelas elites e pelo poder régio. Porém, rapidamente envolveu todos os crentes, tornando-se numa grande manifestação de religiosidade popular. Esta adesão da população prende-se com a criação de mais um palco de atuação, nomeadamente para os grupos sociais mais destacados, e com a oferta de um bode, juntando todos os carentes de alimento, disponibilizando-lhes comida e aliviando as dificuldades alimentares de um quotidiano marcado pela penúria. A precisão do tempo histórico em que este culto chegou ao Brasil é difícil de estabelecer, todavia, ganhou adesão em muitas localidades e ainda hoje é celebrado de forma festiva. Em Portugal, o culto ao Espírito Santo remonta à Idade Média, mas foi no período seguinte que ganhou maior esplendor. A ele estiveram associadas algumas confrarias, mas o orago transbordou para outras instituições, como foram, por exemplo, os Hospitais, ganhando grande expressão em todo o continente, mas sobretudo nas ilhas dos Açores. A temática tem sido objeto de estudo de historiadores, mas também de sociólogos, antropólogos e etnólogos.



A festa do divino
ESPÍRITO SANTO

Série
**Comunicação,
Jornalismo e
Educação**



Diretor da série:

Prof. Dr. Francisco Gilson Rebouças Porto Junior
Universidade Federal do Tocantins (UFT), Brasil

Comitê Editorial e Científico:

Profa. Dra. Cynthia Mara Miranda
Universidade Federal do Tocantins (UFT), Brasil

Prof. Dr. João Nunes da Silva
Universidade Federal do Tocantins (UFT), Brasil

Prof. Dr. Luis Carlos Martins de Almeida Mota
Instituto Politécnico de Coimbra, Portugal

Prof. Dr. Nelson Russo de Moraes
UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Prof. Dr. Rodrigo Barbosa e Silva
Universidade do Tocantins (UNITINS), Brasil

Prof. Dr. Rogério Christofoletti
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil

Prof. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista
Universidade de Caxias do Sul: Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Profa. Dra. Thais de Mendonça Jorge
Universidade de Brasília (UnB), Brasil

Profa. Dra. Verônica Dantas Menezes
Universidade Federal do Tocantins (UFT), Brasil

Prof. Dr. Fagno da Silva Soares
CLIO & MNEMÓSINE Centro de Estudos e Pesq. em História Oral e Memória
Instituto Federal do Maranhão (IFMA)

Dr. Luís Francisco Munaro
Universidade Federal de Roraima (UFRR)

Dr. José Manuel Peláez
Universidade do Minho, Portugal

Prof. Dr. Geraldo da Silva Gomes
Centro de Estudos e Aperfeiçoamento Funcional do
Ministério Público do Tocantins, CESAF/MPTO

A festa do divino
ESPÍRITO SANTO

**Memória e religiosidade em
Natividade-Tocantins**

Poliana Macedo de Sousa

φ editora fi

Diagramação: Lucas Fontella Margoni

A regra ortográfica usada foi prerrogativa do autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da Creative Commons 4.0

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



<http://www.abecbrasil.org.br>

Série Comunicação, Jornalismo e Educação - 9

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

SOUSA, Poliana Macedo de.

A festa do divino Espírito Santo: memória e religiosidade em Natividade-Tocantins. [recurso eletrônico] / Poliana Macedo de Sousa -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.

222 p.

ISBN - 978-85-5696-133-4

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Símbolo. 2. Memória. 3. A festa do divino Espírito Santo. 4. Tocantins. 5. Imprensa
I. Título. II. Série.

CDD-177

Índices para catálogo sistemático:

1. História da sociedade 906

AGRADECIMENTOS

Não posso limitar meus agradecimentos a alguns nomes, pois seria necessário um capítulo deste trabalho para conseguir escrevê-los. Posso sim, agradecer a todos e todas que me acompanharam nessa jornada, sejam eles desde o início, desenvolvimento e finalização da escrita dessa dissertação que para mim tem um sabor de vitória.

Agradecer aos professores do Programa de Mestrado em Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Tocantins, por terem acreditado no meu projeto, incentivado meu intercâmbio, agradecer à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES por ter disponibilizado a bolsa de estudos para que pudesse me dedicar integralmente a essa pesquisa, bem como agradecer aos professores da Universidade do Minho, mais precisamente, do Instituto de Ciências Sociais que alimentaram minha sede de conhecimento com dicas e livros (e mais livros) a cada dia.

Agradecer aos amigos e familiares. Todos eles, sem esquecer ninguém, mesmo que só lembre no dia da defesa ou cinco dias após, todos serão lembrados no ínfimo do meu ser pelo apoio e crença nesse meu projeto de vida.

Ao meu filho que eu mal sabia que estava a caminho. Trouxe paz e discernimento para as escolhas que a vida nos impõe. Fiz as escolhas corretas!

Agradecer pelas dificuldades passadas nesses mais de dois anos de estudos. Foram muitas dificuldades que só provam que hoje, eu consegui! Venci as barreiras da vida, barreiras do conhecimento e barreiras da interdisciplinaridade.

Obrigada!

*As certezas, além de provisórias, são sempre pessoais.
Este é o meu olhar, resultante da minha forma de me relacionar
com as pessoas e do modo de ver as coisas. Noutras
circunstâncias, outras pessoas produziram outras certezas,
resultantes de outros olhares, de outras formas de relacionamento
com as pessoas e de outros modos de ver as coisas.*

(João Leal, em *As Festas do Espírito Santo no Açores*).

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO - <i>Maria Marta Lobo De Araújo</i>	13
INTRODUÇÃO	19
1. O SAGRADO E O PROFANO NAS FESTAS RELIGIOSAS POPULARES	29
1.1. FESTAS RELIGIOSAS POPULARES E A SUA RELAÇÃO COM O SAGRADO E O PROFANO	35
1.2. A FOLKCOMUNICAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM O SAGRADO E O PROFANO NA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO	40
1.3. A PERSPECTIVA DA HISTÓRIA ORAL: EM BUSCA DE UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR	45
1.4. CAMINHOS METODOLÓGICOS: FOLKCOMUNICAÇÃO E HISTÓRIA ORAL	50
1.4.1 <i>Aplicação da história oral na pesquisa</i>	58
2. FESTAS DO DIVINO NO CONTINENTE E ALÉM MAR	65
2.1. PORTUGAL, SUAS FESTAS E O ESPÍRITO SANTO	67
2.2. AS FESTAS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NO BRASIL	80
3. LUGAR, ESPAÇO E INTERAÇÃO NA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM NATIVIDADE - TO ..	91
3.1. FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM NATIVIDADE — TO.....	108
3.1.1 <i>Saída das Folias</i>	110
3.1.2 <i>Giro e Pousa das Folias</i>	139
3.1.2.1 <i>Folia de Cima</i>	147
3.1.2.2 <i>Folia do Outro Lado Do Rio Manuel Alves</i>	151
3.1.2.3 <i>Folia dos Gerais</i>	155
3.1.3 <i>Encontro das Folias</i>	159
3.1.4 <i>Preparação para as festas solenes</i>	160
3.1.5 <i>Esmola Geral</i>	175
3.1.6 <i>Festa do Capitão do Mastro</i>	182
3.1.7 <i>Missa Solene, Coroação e Festa do Imperador</i>	188
CONSIDERAÇÕES FINAIS	205
REFERÊNCIAS	213

APRESENTAÇÃO

Maria Marta Lobo de Araújo

O livro *A festa do divino Espírito Santo. Memória e religiosidade em Natividade-Tocatins* analisa as festividades que ocorrem nesta cidade em louvor do culto mencionado na contemporaneidade, destacando alguns dos seus aspetos mais significativos. Tratando-se de uma cerimónia religiosa, íntegra, como todas, muitos elementos profanos, dando voz à cultura local e às multifacetadas formas dela se exprimir.

Transportada da Metrópole para o Brasil, a festa do Pentecostes ou do Espírito Santo foi fomentada pelos agentes locais, de que se destacam os franciscanos, e apoiada pelas elites e pelo poder régio. Porém, rapidamente envolveu todos os crentes, tornando-se numa grande manifestação de religiosidade popular. Esta adesão da população prende-se com a criação de mais um palco de atuação, nomeadamente para os grupos sociais mais destacados, e com a oferta de um bodo, juntando todos os carentes de alimento, disponibilizando-lhes comida e aliviando as dificuldades alimentares de um quotidiano marcado pela penúria.

A precisão do tempo histórico em que este culto chegou ao Brasil é difícil de estabelecer, todavia, ganhou adesão em muitas localidades e ainda hoje é celebrado de forma festiva.

Em Portugal, o culto ao Espírito Santo remonta à Idade Média, mas foi no período seguinte que ganhou maior esplendor. A ele estiveram associadas algumas confrarias, mas o orago transbordou para outras instituições, como foram, por exemplo, os Hospitais, ganhando grande expressão em todo o continente, mas sobretudo nas ilhas dos Açores. A temática tem sido objeto de estudo de historiadores, mas também de sociólogos, antropólogos e etnólogos.

Como já referido, a autora estuda a festa do Espírito Santo em Natividade nos nossos dias, assenta a sua análise na História Oral e na participação ativa em algumas das suas tarefas, uma vez que realizou trabalho de campo e se embrenhou na festa, tal como muitos outros intervenientes. Partimos, portanto, de uma

investigação baseada em entrevistas e na observação e participação direta do fenómeno. A obra assenta ainda numa bibliografia atualizada, mas recorre também a um conjunto de imagens bem selecionadas que dão cor e ritmo ao texto e transportam o leitor para a festa. O livro divide-se em três capítulos, integra uma Introdução, Considerações Finais e a Bibliografia.

Partindo do conceito de religioso e profano, Poliana Macedo analisa o posicionamento de diferentes autores, dando a conhecer formas diferenciadas de entendimento, principalmente no que se refere ao individual e ao coletivo. Todavia, a dificuldade de separar estes dois conceitos é grande, uma vez que nas festas religiosas se entrelaçam, dando-lhe coesão, força e representatividade.

Buscando no tempo e no espaço a memória coletiva de um povo que se congrega em torno de uma devoção, a autora faz uma abordagem interdisciplinar, analisando os símbolos, os lugares, os objetos, e a interação social dos crentes, através da História Oral, metodologia de que se socorre. Aqui se dá espaço a vivências coletivas em torno do sagrado, como rezar, cumprir promessas, formular votos, cantar, assistir a atos religiosos, integrar cortejos, pousos e coroar o imperador. Simultaneamente, misturam-se práticas de carácter mais lúdico como: a dança, a folia, o divertimento, os jantares e almoços, as sociabilidades...

No segundo capítulo analisa-se as festas do Espírito Santo em Portugal e no Brasil, recorrendo a autora à metodologia já anteriormente referida, ou seja, à consulta de diferentes autores e ao posicionamento de cada um. Sublinhando a importância alcançada por este culto na Idade Moderna, Poliana Macedo alude às grandiosas festas em tempo barroco e à passagem da festa para a outra margem do Atlântico. Num tempo em que a religião servia os interesses da Coroa, entendia as festas como uma estratégia de controlo, domínio e integração. O Brasil assumiu e reproduziu este culto e estas festividades, adaptando-as ao contexto e às realidades locais. A adesão dos povos explica-se não somente pela religiosidade, mas sobretudo pela oportunidade de fruir de momentos de alegria, de pausa nos trabalhos, de

sentimentos de pertença à comunidade promotora, embora a diversidade entre elas seja grande e constitua, talvez, um traço forte a sublinhar.

O último capítulo trata da festa propriamente dita e a meu ver constituiu o mais conseguido. Aqui a autora, fruto da sua vivência e da pertença ainda que momentânea ao grupo de crentes que se junta para a comemorar, traçou quadros com grande vivacidade e levou o leitor consigo para a festa. Começa por abordar o espaço, aspeto historicamente importante por nele se desenrolarem as festas, mas não só. Há muito mais no espaço que festa. Porém, nem todo o espaço encerra em si o mesmo significado e importância: há locais sagrados, há outros onde impera o profano e existem ainda outros que reúnem manifestações festivas sagradas e profanas. O local assume assim um capital simbólico digno de registo. Na festa do Espírito Santo de Natividade, a festa envolve vários espaços e decorre não apenas na cidade, mas numa área geográfica muito mais alargada, quando as folias se deslocam até às fazendas.

Em Natividade, a festa do Espírito Santo “toma corpo” na década de 80 do século passado, mas já antes se realizava. Progressivamente ganhou mais relevo até atingir uma grande importância nos nossos dias. Tem repercussão na cidade e na região. Envolve, por conseguinte uma esmerada preparação, requer o envolvimento de muita gente e de avultadas receitas. Para angariar dinheiro que sustente a cerimónia, a comunidade movimenta-se para conseguir donativos. Os momentos das folias são dignos de realce, não apenas pelo número de pessoas que integram, mas principalmente pelo tempo em que se mantêm em atividade, pedindo. Com a bandeira, símbolo do Divino, os que a conduzem representam a festa onde chegam numa manifestação de cultura e religiosidade popular. Outros, participam na casa do Imperador, preparando o banquete. Entre cânticos, orações, a festa corre na casa do Imperador e na rua, envolvendo todos em volta do divino. Essa é talvez a maior capacidade agregadora da festa. É pôr todos os crentes ao serviço de um culto.

No domingo de Páscoa, a festa toma novos contornos, assumindo a casa do Imperador um lugar de destaque. Todavia,

as folias são peças fundamentais desta festa complexa e repleta de atos simbólicos. Cânticos, orações, preces e agradecimentos contagiam vários momentos da festa até as pessoas se deslocarem à igreja Matriz para se dar início à missa. Após a cerimônia, o toque e o beijar das bandeiras do Espírito Santo apelam a uma religiosidade marcada pela necessidade de tocar e interagir com o sagrado, simbolizado pelas bandeiras.

Investidas de um poder maior, as folias partem para pedir num itinerário alargado, onde os devotos entram em contato com o sagrado, criando emoção e sentimentos em todos que se abeiram para beijar, não poucas vezes a chorar. A festa é também emoção e gera sentimentos, por vezes, muito fortes. Segue-se o giro e o pouso das folias. Ou seja, a dádiva do Espírito Santo às populações rurais e de algumas cidades. É o Espírito Santo que as visita e não o contrário. As folias cumprem a missão de levar o culto aos que não quiseram ou não puderam participar, reproduzindo formas remotas de evangelizar e de catequese. São igualmente ocasiões de festa nas fazendas onde chegam, mas também de generosidade, pois os membros das folias são hospedados e alimentados nessas fazendas pelos seus donos. Depois do périplo feito, o Giro termina com as folias a encontrarem-se na praça da igreja Matriz, 10 dias antes da comemoração do Pentecostes. A Matriz alberga o sagrado, mas serve de ponto de encontro para outras finalidades, todas elas alusivas à festa. Em todo o percurso à volta da igreja deve existir um comércio local que movimenta dinheiro, como acontece em todas as festas religiosas. Aqui se oferecem os bens necessários a quem vem de longe e ali permanece durante dias ou largas horas.

Com a chegada das folias, o local enche-se de crentes e começam-se as “festas solenes”, ou seja as cerimônias mais de carácter religioso e simbólico. Alimenta-se e limpa-se a alma com um Tríduo e, no fim, é celebrada uma missa no domingo do Espírito Santo. No dia anterior decorre a Esmola Geral, ou seja, uma procissão com bandeiras, pedindo-se uma vez mais para a realização das cerimônias. Todos estes momentos são marcados por cânticos, envolvendo os presentes num objetivo comum de glorificar o Espírito Santo. Ainda neste mesmo dia decorre a festa

do Capitão Mastro, altura em que o capitão é transportado em cima de um mastro até à igreja Matriz, para assistir a uma missa. Após a festa religiosa, segue-se a profana na casa do capitão Mastro, com dança, muita folia e música. Como se compreende, as cerimónias são muitas, ocorrem em vários espaços e em momentos diferentes. No domingo de Pentecostes, celebra-se missa solene e procede-se à coroação do Imperador, o qual já investido segue em cortejo, acompanhado por familiares, amigos e ex-imperadores para a igreja Matriz. Trata-se de um momento em que se dá a ver a toda a população, investido de poder temporal e espiritual. O ritual é cumprido com rigor, envolvendo os que lhe estão mais próximos em termos de família de sangue e de representação do poder. O cortejo integra ainda estandartes e figuras alegóricas. Após a celebração da missa, procede-se ao sorteio do imperador e do capitão do Mastro do ano seguinte.

Este capítulo constitui o âmago do livro e encontra-se cheio de momentos festivos e alegóricos. Descreve a festa nos seus múltiplos locais, as pessoas que a integram e os propósitos que as impelem para a festa. Tem ainda a recheá-lo um conjunto de testemunhos, principalmente de gente que cumpre a tradição há já vários anos. Estes guardiões da memória constituíram peças fundamentais em que repousa muita da mensagem da autora do livro.

A obra de Poliana Macedo ganha fôlego no último capítulo, como já referimos. A vivacidade das suas palavras, a realidade contada e vivida, as entrevistas e o seu significado, as emoções, os sentimentos vivenciados e as imagens das fotografias transportam-nos para o local e convidam-nos a viver a festa. Ela tem precisamente essa capacidade agregadora que de forma tão realista se transmite ao leitor. A festa é em si mesma uma manifestação de união, geradora de sentimentos de pertença. É esse mesmo sentimento que vários entrevistados assumem. Evidenciando laços de união ao Espírito Santo, venerado e invocado em momentos de aflição.

Sinal de uma religiosidade popular intensa, a festa do Espírito Santo de Natividade ganhou nova dimensão com este trabalho. Felicita-se, por conseguinte, a sua autora, ao mesmo

tempo que se deseja que inspire novos investigadores a analisar outros formatos destas celebrações em diferentes regiões do Brasil.

Universidade do Minho, novembro de 2016.

INTRODUÇÃO

Este livro, resultado da dissertação de mestrado em Ciências do Ambiente defendida em maio de 2012, na Universidade Federal do Tocantins tem como objetivo relatar o processo de organização da comunidade do município de Natividade,¹ no Tocantins, em torno da realização da Festa do Divino Espírito Santo, além de compreender a sua contribuição na construção da cultural local. Nesse sentido, trabalhou-se com a relação entre a produção dos saberes e a ocupação dos espaços por grupos sociais que buscam assegurar a reprodução de suas marcas identitárias, utilizando o campo da folkcomunicação e da história oral como referencial metodológico e suporte teórico.

Caracterizada como uma festa católica, um sinal de partilha e de compromisso na missão de reunir os fiéis em torno da mensagem de Cristo, a festa de Pentecostes dá lugar às manifestações comunitárias de regozijo e alegria em que as pessoas do campo juntavam-se na cidade mais próxima, seguindo em procissão, cantando e dançando em louvor ao Divino Espírito Santo.

As festas em celebração a Pentecostes, ou como conhecemos: festas do Divino Espírito Santo, tiveram sua origem em Portugal com expansão do seu culto por toda a Europa Ocidental, durante o século XII, com grande influência fomentadora de ordens religiosas, como os franciscanos; o patrocínio do poder real e, por arrastamento, das classes sociais mais abastadas; o seu caráter caritativo do “bodo aos pobres²”, o que tinha grande popularidade; cortejos e cerimoniais ricos e suntuosos, com espetáculos impressionantes; e implementação desse culto, preferencialmente em zonas de influência dos grandes centros (ABREU, 1999).

Essa festa chegou ao Brasil por meio da colonização dos portugueses. De um modo geral, as festas do Espírito Santo tiveram um ciclo de implementação, expansão e decadência na

¹ É a mais antiga cidade do Estado do Tocantins - antes pertencente ao Norte Goiás fundada no século XVIII.

² Dar comida aos pobres.

história de Portugal. A sua fase de implementação constituiu-se (possivelmente) no início do século XIII até a implantação do modelo “império” em Alenquer, no início do século XIV, com sua fase de expansão também no início do século XIV até meados dos séculos XVI e, por fim, a fase de decadência que vai ao final do século XVI até nossos dias com maior ou menor intensidade e linearidade (LOPES, 2004).

Em Alenquer deu-se a implantação do modelo de “império” e que neste teve papel de grande significância a rainha Isabel de Aragão, que espalhou o culto por todo o país nos séculos XIV e XV e, a partir do continente, chega às ilhas da Madeira e Açores, com continuidade até os dias de hoje, além das colônias portuguesas, como o Brasil (LOPES, 2004).

As escassas e pouco precisas referências que possuímos acerca das origens das festas do Divino em terras brasileiras, ainda hoje vivas, nos remetem principalmente para o período compreendido entre o primeiro e o terceiro quartos do século XIX, embora, por exemplo, em Pirenópolis, no Estado de Goiás, a mesma parece ter sido introduzida em meados do século XVIII, à semelhança aliás, de Guaratinguetá, no Estado de São Paulo com informações remontando a 1751 (ABREU, 1999).

As festas foram introduzidas no Brasil com as entradas e bandeiras, conforme apontam alguns autores brasileiros e portugueses as folias foram precursoras dos populares festejos do Espírito Santo pelo interior do Brasil por se ambientarem geralmente na roça,

um conjunto de formalidades, um repertório de quadras de recurso, tão primitivos e completos que, num momento dado, punham em contribuição não só a espontaneidade religiosa, mas ainda a generosidade hospitaleira daquela boa gente, que não conhecia obstáculos no cumprimento de tradicionais deveres (MELLO MORAES, 1999).

Já no século XX, e fazendo um nexos entre os acontecimentos políticos que acarretaram mudanças geopolíticas

em que o Estado do Tocantins³, que fazia parte do então Estado de Goiás até o final da década de 1980, obteve boa parte da cultura que encontramos hoje sendo repassada de geração a geração, pela interferência familiar de migrações ou pelo próprio processo de colonização da então região norte de Goiás (MESSIAS, 2010).

Sobre as festas do Divino Espírito Santo no Tocantins, as comemorações vão de janeiro a julho, de acordo com as características de cada localidade, e são realizadas em várias cidades, especialmente nas regiões sudeste e central do Estado sendo: Almas, Santa Rosa, Chapada de Natividade, Peixe, Silvanópolis, Paranã, Conceição do Tocantins, Palmas, Porto Nacional, Araguacema, Araguaçu, com destaque para Monte do Carmo e Natividade (MESSIAS, 2010).

A festa do Divino Espírito Santo de Natividade é considerada uma festa tradicional no Tocantins, caracterizando-se pela sua singularidade em que alguns personagens, ritos e celebrações são distintos dos originários vindos com os colonizadores portugueses para o Brasil e, em conseqüência, para a região central do país (PREFEITURA DE NATIVIDADE, 2012).

O município de Natividade fica a 220 km da capital, Palmas, na região sudeste do Tocantins. Sobre o contexto histórico de Natividade, no século XVIII com a chegada de imigrantes portugueses nessa região à procura de ouro, foi edificado em 1734 o Arraial de São Luiz por Antônio Ferraz de Araújo, no topo da Serra, pelas mãos de cerca de 40 mil escravos trazidos por esses desbravadores (PREFEITURA DE NATIVIDADE, 2012).

Em 1770, o ouro do lugar já não atendia mais a demanda, os moradores desceram a serra, vindo formar um novo Arraial chamado de Natividade, por devoção dos moradores por Nossa Senhora de Natividade, quando em 26 de agosto de 1833, foi concedido o título de vila.

³ O Estado do Tocantins foi desmembrado do Estado de Goiás em 5 de outubro, por meio da Constituição de 1988.

A então Vila de Natividade é rodeada por serras, composta por obras arquitetônicas que integram o patrimônio histórico da cidade, banhada pelo Rio Manoel Alves e por diversas piscinas naturais encontradas em pontos variados das serras. Natividade passa a ser cidade em 01 de junho de 1891 (PREFEITURA DE NATIVIDADE, 2012).

A festa do Divino Espírito Santo segue o calendário cristão, com data móvel, celebrada cinquenta dias depois da Páscoa, precisamente no 7º domingo após a Ressurreição de Jesus, em que símbolos como a pomba e a cor vermelha representam, respectivamente, o Divino e o fogo, estão presentes em toda parte, seja nas bandeiras, decoração da Igreja e até mesmo na vestimenta dos devotos e foliões (PREFEITURA DE NATIVIDADE, 2012).

A preparação para a festa inicia-se um ano antes, com o sorteio dos festeiros na Missa de Coroação do Imperador, no Dia de Pentecostes. Nesse dia, os despachantes já sinalizam se vão ou não ‘soltar’ alguma folia, ajudando o Imperador e o Capitão do Mastro na busca de donativos sejam eles em dinheiro ou produtos para realização da festa. É a partir do sorteio dos festeiros que um novo ciclo se inicia, novas famílias serão inseridas nesse contexto e a devoção permanece.

Com o passar do ano, as atividades em torno da festa continuam: reuniões para escolha dos Alferes, foliões, locais e roteiros dos pousos, composição de músicas, entre outros. Até chegar o dia das celebrações mais solenes como a Saída das Folias, no Domingo de Páscoa da Semana Santa, os 40 dias de Giro das Folias, a Festa do Capitão do Mastro, Coroação e Festa do Imperador do Divino Espírito Santo (PREFEITURA DE NATIVIDADE, 2012).

A problemática desta pesquisa consiste em saber como ocorre o processo de organização da comunidade de Natividade em torno da festa do Divino Espírito Santo? Qual a sua contribuição para a cultura local? Como se deu o início desse modelo de comemoração, no caso “império”? Como é a atuação dos elementos folk presentes na relação entre a festa e a

comunidade, em que a festa como um todo representa os processos comunicacionais?

Natividade e a festa do Divino Espírito Santo foram escolhidas por já ter tido contato anterior com a comunidade desde 2006, quando da produção do Trabalho de Conclusão de Curso do curso de graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Tocantins – UFT, intitulado *Deus da Luz: um olhar dos nativitanos sobre o vídeo-documentário*. Posteriormente, ocorreram visitas no decorrer dos anos de 2007, 2009, 2010 e 2011, com objetivo de participar das edições do Seminário Nacional de Arte, Comunicação e Cidadania, organizadas em Natividade (SOUSA, 2007).

Em 2010, ao ingressar no Programa de Mestrado em Ciências do Ambiente e após as disciplinas cursadas, fiz intercâmbio na Universidade do Minho (UM), em Braga (Portugal), nos programas de Mestrado do Instituto de Ciências Sociais – ICS (Mestrado em História e Mestrado em Patrimônio e Turismo Cultural), sob a orientação das professoras Dr. Marina Ertzogue (UFT) e Dr. Marta Lobo (UM).

As pesquisas bibliográficas realizadas tanto na Biblioteca Central do Campus de Braga, bem como na Biblioteca do Campus de Guimarães, foram acerca do tema da festa do Divino Espírito Santo que em Portugal é batizada como festa do Espírito Santo, com foco nos principais autores que trabalham com o tema naquele país, principalmente antropólogos e historiadores.

Pesquisou-se também sobre as festas religiosas com enfoque temporal para o período da Época Moderna - o Barroco, pois foi o período em que a festa veio junto com os portugueses durante a colonização do Brasil, além de pesquisas acerca da Época Medieval (instalação do modelo de Império da festa do Divino em Alenquer).

Em Natividade, planejou-se também, acompanhar e descrever as formas de organização interna e externa dos personagens e foliões da festa, bem como suas relações com a comunidade, devotos e com outros grupos e instituições de apoio. Pesquisei a origem da comemoração da festa na cidade

relatando as etapas de organização da mesma, bem como a origem de Império em Alenquer (Portugal).

Ao entrevistar os foliões e devotos da Festa do Divino Espírito Santo de Natividade, conseguiu-se obter informações sobre a percepção e memória dos mesmos sobre as atividades acerca da festa. E análise por meio do suporte teórico de autores como Durkheim, Eliade, Bourdieu, Beltrão, Brandão e Tuan, as relações entre sagrado, profano, religiosidade, espaço, lugar e o homem, os quais contribuíram para a compreensão da importância da festa para os “nativitanos” e importância cultural para o Tocantins, bem como para o entendimento do envolvimento que os devotos e foliões possuem pelo Divino Espírito Santo.

A preservação da festa do Divino Espírito Santo pela comunidade local, enquanto legado de patrimônio cultural, é um momento de renovação da fé e da confirmação do temor a Deus que é regada por muitos cânticos de catira, comidas típicas e licores. Com celebrações registradas desde 1904, identifica-se a importância desses ritos e a significância da festa para os membros de sua comunidade, não só pelo seu significado histórico atual, mas cultura de promover a festa que já era celebrada e, por isso, merece ser preservada e investigada.

E, por meio do registro dessa tradição resultando na construção do conhecimento produzido a partir da pesquisa e também como produto desse conhecimento, dar-se-á conhecer a comunidade a história dessa festa, sendo que esta seria uma devolução de memória registrada e, até então, dispersa nos documentos do passado. Este estudo pretende contribuir para a preservação da cultura, da religiosidade e da memória, entendendo assim, que o meio ambiente é cultural, através de um estudo entrelaçado entre o passado e o presente.

Do aporte teórico e metodológico, pode-se ressaltar a folkcomunicação, a história oral e o lugar. Emile Durkheim expôs em sua obra *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (2008) que a religião só pode ser criação coletiva, pois não há “religião individual”, sendo ainda uma imagem da sociedade, idealizada

pelo homem para o homem, porém com suas raízes na realidade para ter relação com o tempo vivido e resistir ao tempo.

Independente da complexidade de uma festa religiosa, o homem religioso sente a necessidade de participar do tempo sagrado, pois é um acontecimento que foi originado há muito tempo e que por meio do rito torna-se presente naquele momento. No tempo sagrado, tempo dos ritos e festas religiosas, o homem quer se aproximar dos modelos divinos e ficar mais próximo de seus deuses, onde ele simula e recria outro ser baseado nos mitos, enfim, na história.

E, quando a folkcomunicação passa a estudar as manifestações que envolvem religiosidade, sagrado e o profano, ou seja, o que é divino, há uma busca por compreender os aspectos comunicacionais dos elementos religiosos de determinada cultura, além de buscar na memória do grupo participante dessa manifestação a ancestralidade, algo mais antigo.

Definida por Luiz Beltrão (1967) citado por Benjamin (2008, p. 02), a folkcomunicação é “o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, idéias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore”.

E será por meio dos métodos que abordam a interdisciplinaridade que pode-se concluir as diversas etapas que uma pesquisa em folkcomunicação necessita como vinculá-la à história oral na aplicação da pesquisa. Será pelos processos históricos de produção, reprodução e negociação dessas memórias e identidades religiosas que percebemos a importância da perspectiva da metodologia da história oral nesse projeto.

“Espaço” e “lugar” estão ligados à experiência que é o processo de aprendizagem dessas relações estabelecidas entre as pessoas durante a festa do Divino Espírito Santo. As composições das rodas, catiras, cânticos retratam as experiências vividas pelo homem nos espaços por onde passou, reforçando a ligação com a região. “Os espaços do homem refletem a qualidade dos seus sentidos e sua mentalidade. A mente frequentemente extrapola além da evidência sensorial” (TUAN, 1983, p. 18).

Na produção de crenças e práticas religiosas estão os modos de representação e compreensão individual e em grupo que são sustentadas pela memória, que é revivida nos lugares, nos discursos e nas práticas.

Sobre o processo da pesquisa, antes do término dos créditos das disciplinas, realizou-se pesquisa de campo em Natividade, sendo significativa desde o primeiro momento, pois foi a partir dela que pode-se conhecer a comunidade, sua história, vivenciar seu cotidiano, participar das festividades, auxiliando ainda em alguns momentos durante a organização da mesma, seja na confecção de bandeirolas ou no empacotamento de pipocas. Como já havia tido contato com a comunidade desde 2006 devido à produção do Trabalho de Conclusão de Curso, citado anteriormente, essa relação foi estreitada ao longo dos anos e dos eventos dos quais houve participação da pesquisadora e neles, o reencontro com as pessoas da comunidade.

Em linhas gerais, com relação aos aspectos metodológicos da pesquisa, ela é descritiva, pois visa delinear as características de determinada população ou fenômeno, envolvendo uso de técnicas de coleta de dados como observação e entrevistas. Já do ponto de vista dos procedimentos técnicos, a pesquisa pode ser classificada como bibliográfica, elaborada a partir de material já publicado, como livros, artigos de periódicos e materiais da Internet, além de ser um levantamento, pois envolve a interrogação direta das pessoas.

Direcionou-se o olhar para a compreensão dos acontecimentos por meio das falas dos entrevistados. Seja nas entrevistas abertas realizadas nos meses de agosto, setembro e outubro de 2011 ou por meio de diálogos durante as folias, pousos, ritos ou missa. Tudo devidamente anotado no Diário de Campo.

Com relação à forma de abordagem do problema, a pesquisa é participante e estabelece uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados, onde o ambiente é natural e o pesquisador é o instrumento-chave para a coleta de dados, com a análise intuitiva dos dados (SILVA, 2001).

Por analisar fenômenos, a pesquisa possui um viés do método fenomenológico preconizado por Husserl⁴, que se caracteriza por não ser um método nem indutivo e nem dedutivo. A preocupação é com a descrição direta: a realidade é construída, entendida, compreendida e interpretada socialmente e o sujeito é uma das peças importantes nesse processo de construção do conhecimento (GIL, 1999).

No desenvolvimento dessa pesquisa, estabeleceram-se visitas constantes, periódicas e dirigidas como forma de manter essa parceria com os membros da comunidade, além de estreitar-se o relacionamento com os mesmos. Dessa forma, os entrevistados sentiram-se à vontade para convívio com a pesquisadora em suas casas, participar de eventos relacionados à festa do Divino, como por exemplo, o pouso de uma das folias em fazendas mais distantes de Natividade, o giro da Folia em Palmas, entre outros.

Outro instrumento de coleta de dados durante a pesquisa de campo foi entrevista direta não estruturada, que não exige uma rigidez de roteiro, por meio do qual se pode explorar amplamente algumas questões, com consentimento dos depoentes, além de diálogos com os devotos e foliões que participam da festa, os quais me explicavam os ritos, a importância daquele momento e qual seu papel ali.

Sendo assim, no capítulo I, identificado como *O Sagrado e o profano nas festas religiosas*, abordo como foi estabelecido o conceito de religião, campo religioso e conceitos sobre o sagrado e profano nas festas religiosas, além de discorrer como se dá a relação do homem com a religião. Apresento também a teoria da folkcomunicação e elementos da história oral, que são teorias interdisciplinares, elementos-chave para o desenvolvimento da pesquisa e seu uso para análise da festa do Divino Espírito Santo. Ao final, detalho todo o procedimento metodológico da pesquisa pela abordagem das teorias citadas acima.

⁴ Para saber mais sobre o método fenomenológico ver HUSSERL, Edmund. A idéia da Fenomenologia. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.

No capítulo II, identificado como *Festas do Divino no Continente e além mar*, apresento conceitos sobre festas e abordo o histórico das comemorações da Festa do Espírito Santo na Europa Ocidental, bem como sua expansão em Portugal e em suas colônias, nos séculos XVII e XVIII, seguindo o modelo de “império” estabelecido pela Rainha Isabel de Aragão, ainda no século XIII. Relato também o início das comemorações no Brasil (apesar de serem incertas as datas de sua chegada no país), no Estado do Rio de Janeiro e de Goiás, mais precisamente em Pirenópolis, pelo fato do Tocantins ter feito parte desse Estado, sendo separado geopoliticamente em 1988.

Já no capítulo III, *Lugar, espaço e a interação na Festa do Divino Espírito Santo em Natividade – TO*, inicia com a descrição das festas do Divino Espírito Santo no Estado do Tocantins, sobre as características de Natividade e relatos de todos os rituais dessa festa religiosa popular, com observação participante e trechos de cânticos, entrevistas e informações que possam ambientar o leitor e inseri-lo no contexto do lugar. E, conta ainda com uma análise mais densa a partir dos conceitos de lugar e espaço, dos estudos de campo de Carlos Brandão sobre as folias, ancorada nas entrevistas de foliões e devotos que participam cada qual à sua maneira da organização e rituais da festa do Divino.

O SAGRADO E O PROFANO NAS FESTAS RELIGIOSAS POPULARES

Antes de relacionar a sociedade com a e a religião e aprofundar os estudos sobre o sagrado e o profano nas festas religiosas populares, é importante informar que no campo de estudos das Ciências Sociais, os conceitos de cultura e religião, principalmente a cultura popular, são amplamente questionados por outros autores, assim como a maior parte dos outros termos usados pela área.

Sobretudo, devido às dificuldades de conceituação do que seja povo e popular. O termo folclore, usado como sinônimo de cultura popular é ainda mais mal visto pelas Ciências Sociais modernas, especialmente no Brasil. A necessidade de distinguir religião popular e folclore faz com que preferamos utilizar o conceito de cultura popular ao estudarmos a festa do Divino, apesar das reconhecidas insuficiências desse conceito. Muitos não gostam do termo cultura popular pela dificuldade de se estabelecer fronteiras entre o popular e o erudito e entre a cultura dominante e a cultura do dominado (FERRETTI, 1999, p. 4).

Embora seja motivo de discussão e discordância entre pesquisadores, as religiões populares podem ser entendidas como o estudo daquelas praticadas pelas classes subalternas.

O estudo das festas populares situa-se, portanto, numa verdadeira floresta de conceitos sobre os quais há mais desacordos e divergências do que unanimidade. É preciso caminhar com cuidado nesse campo minado de discordâncias, evitando-se o perigo de ser mal compreendido num terreno bastante marginalizado e periférico no quadro das ciências sociais consideradas de vanguarda, mais preocupadas com temas e teorias que

sigam uma abordagem globalizante, discutindo, por exemplo, a pós-modernidade, ou tratando de outros assuntos mais de acordo com as correntes da moda (FERRETTI, 1999, p. 4).

Tomando esse cuidado com relação aos conceitos, adoto o conceito de cultura apresentado pelo antropólogo Clifford Geertz em sua obra *A Interpretação das Culturas* (2008), no capítulo sobre a religião como sistema cultural em que a cultura é em parte, controladora do comportamento em sociedade, criando e recriando comportamentos, devido ao seu conteúdo ideológico, algo impossível de não possuir significado.

Para compreensão dos símbolos sagrados e entender a cultura, Geertz (2008, p. 66-67) explica que eles

[...] funcionam para sintetizar o ethos de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos – e sua visão do mundo – o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas idéias mais abrangentes sobre ordem. Na crença e na prática religiosa, o ethos de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida.

Sendo assim por definição, a religião é conforme Geertz (2008, p. 67),

um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade que as disposições e motivações parecerem singularmente realistas.

Pierre Bourdieu, em seu *A Economia das Trocas Simbólicas* (1998), publicado originalmente em 1971, apresenta, no capítulo que aborda a gênese e estrutura do campo religioso, questões de dominação usando estruturas adaptáveis e trata o campo religioso a partir da experiência vivida. Para tanto, ele assume a idéia de Weber acerca da religião e explica que “a religião cumpre uma função de conservação da ordem social contribuindo, nos termos de sua própria linguagem, para a “legitimação” do poder dos “dominantes” e para a “domesticação dos dominados” (BOURDIEU, 1998, p. 32).

Bourdieu (1998) acrescenta ainda que a religião impõe um sistema de representações sociais, além de práticas em que a estrutura é fundamentada na divisão política, algo ao mesmo tempo natural e sobrenatural.

A religião está predisposta a assumir uma função ideológica, função prática e política de absolutização do relativo e de legitimação do arbitrário, que só poderá cumprir na medida em que possa suprir uma função lógica e gnosiológica consistente em reforçar material ou simbólica, possível de ser mobilizada por um grupo ou uma classe, assegurando a legitimação de tudo que define socialmente este grupo ou esta classe (BOURDIEU, 1998, p. 46).

Sobre a construção do campo religioso, Bourdieu (1998) apresenta ser a oposição entre manipulação legítima do sagrado (religião) e a manipulação profana e profanadora (magia ou feitiçaria), nesse caso, sendo a última como objetiva (religião dominada) ou intencional (a magia como anti-religião ou religião invertida).

A constituição de um campo religioso acompanha a desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam por esta razão em leigos (ou profanos, no duplo sentido do termo) destituídos do capital religioso (enquanto trabalho simbólico acumulado) e reconhecendo a legitimidade desta desapropriação pelo

simples fato de que a desconhecem enquanto tal (BOURDIEU, 1998, p. 39).

O autor explica ainda, que no âmbito de uma mesma formação social as oposições que surgirem entre religião/magia ou sagrado/profano mostram a oposição que existe de competência religiosa que são ligadas à distribuição do capital cultural, social ou econômico. E mais, a Igreja surge para Bourdieu como uma instituição com áreas de competência, funções, regras, entre outros, fazendo com que nesse processo de formação do campo religioso, produtores, divulgadores e receptores dos bens simbólicos religiosos fossem mais distantes sócio, econômico e culturalmente havendo assim uma amplitude do conceito, além de diversas interpretações dos significados que isso pode ocasionar e gerar conflitos conceituais no campo religioso.

Assim, a religião atua na estruturação da percepção e do pensamento do mundo social. Para tal, Bourdieu (1998) explica que a Igreja usa do controle dos meios de produção, reprodução e distribuição dos bens de salvação, instituindo a figura do sacerdote como autoridade de função, em que ele tem a igreja como instituição que dá a sua representação e a sua representatividade.

Porém, como se dá a relação do homem com a religião?

Roberto DaMatta em sua obra *O que faz o brasil, Brasil?* (1986) expõe em um de seus capítulos a relação do homem com a religião e as formas de falar com Deus. Dentre essas formas estão as solitárias e as coletivas, sendo que a última é mais comum de todas, pois é durante a prece que todos pedem juntos para que seus pedidos subam aos céus e sejam atendidos pela divindade.

A relação pode ter forma diferenciada, mas a sua lógica estrutural é a mesma. Em todos os casos, a relação existe e é pessoal, isto é, fundada na simpatia e na lealdade dos representantes deste mundo e do outro. Somos fiéis devotos de santos e também cavalos de santo de orixás, e como cada um deles nos entendemos muito bem pela

linguagem direta da patronagem ou do patrocínio místico – por meio de preces, promessas, oferendas, despachos, súplicas e obrigações que, a despeito de diferenças aparentes, constituem uma linguagem ou código de comunicação com o além que é obviamente comum e brasileira (DAMATTA, 1986, p. 115).

DaMatta (1986) questiona em seu trabalho por que falamos com Deus e acredita ser um fator sociológico, pois existe a necessidade de construção de um grande espelho chamado de religião para dar a cada um dos seres humanos a sensação de comunhão com o universo, um modo de permissão de uma relação globalizada com os deuses, com os outros homens e todos os seres vivos que povoam esse mundo.

Emile Durkheim expôs em sua obra *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (2008) que a religião só pode ser criação coletiva, pois não há “religião individual”, sendo ainda uma imagem da sociedade, idealizada pelo homem para o homem, porém com suas raízes na realidade para ter relação com o tempo vivido e resistir ao tempo. Durkheim apontou ainda que as representações religiosas traduzem realidades sociais como representações coletivas dotadas de materialidade social.

Sobre essa colocação pode-se citar, como exemplo, o que DaMatta (1986) afirma sobre religião, em que pensa-se em uma maneira de legitimação ou justificação que a sociedade precisa para sua organização e maneira de ser, além dos estilo de fazer. A religião, então, explicaria também porque existem ricos, pobres, fortes, fracos, doentes e pessoas saudáveis, o que daria sentido pleno aos homens sobre as diferenciações de poder dentro do nosso mundo social.

Nas festas religiosas essa manifestação de fé coletiva é mais acentuada. O indivíduo deixa de ser um só e passa a compartilhar com toda uma comunidade uma religião e passa a ter um comprometimento, muitas vezes, pagando promessas em forma de oferendas ou sacrifícios que denotam ser mais forte do que um simples pedido em oração.

A reza, a festividade religiosa e o campo propiciatório coletivo são meios de se chegar até essas regiões superiores, ligando o aqui e agora com o além e o infinito. [...] as suplicas acompanhadas de objetos, na forma de promessas, oferendas e sacrifícios, são naturalmente mais fortes que um simples pedido verbal, pois que elas implicam um ato de cometimento muito mais denso e dramático, às vezes exigindo o gasto de parcelas de dinheiro que obriga os dois lados a alguma ação positiva no sentido de resolver o problema apresentado (DAMATTA, 1986, p. 110 - 111).

No próprio contexto social, nessa convivência estabelecida durante as festividades religiosas é que está a lógica do pensamento de porque, conforme DaMatta, o homem têm (ou justifica ter) uma religião, enquanto realidade coletiva e concreta, e não em sua consciência individual.

Os homens foram obrigados a formar noção do que é religião, bem antes da ciência das religiões ter podido instituir suas comparações metódicas. As necessidades da existência obrigam-nos a todos, crentes ou incrédulos, a representar, de alguma maneira, as coisas no meio das quais vivemos, sobre as quais temos sempre julgamentos a fazer e que devemos considerar no nosso comportamento (DURKHEIM, 2008, p. 53).

Formada essa noção de religião, criou-se a necessidade de representar algo em que acredita-se, surgindo daí um paradoxo criado, mais uma vez, pelo e para os homens sobre o sagrado e o profano.

Durkheim acrescenta que no sagrado foram erguidas as crenças, os ritos e os símbolos que conduziriam consciências na formação de uma comunidade moral, sendo distinções dos fenômenos profanos que renovariam e manteriam o sagrado, com o intuito de coordenação e submissão de certas práticas pela sociedade.

Sendo assim, o sagrado seria (ou é) uma representação da própria sociedade, em que “as crenças religiosas são

representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que essas mantêm entre si e com as coisas profanas. Enfim, os ritos são regras de comportamento que prescrevem como o homem deve se comportar com as coisas sagradas” (DURKHEIM, 2008, p. 72).

Para Durkheim (2008), o sagrado protege enquanto o profano deve ficar distante das coisas sagradas. Bem como nas festividades sagradas e profanas que estão presentes na vida do homem como indivíduo componente de uma sociedade.

1.1. Festas religiosas populares e a sua relação com o sagrado e o profano

Para definirmos o que seria o sagrado e o profano, proponho a seguir o raciocínio de Mircea Eliade em sua obra *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões* (s/d), em que estabelece em uma primeira definição “que pode dar-se do sagrado, é que ele se opõe ao profano” e que o sagrado e o profano constituem duas modalidades existenciais assumidas pelo homem no mundo.

Para Eliade (s/d, p. 25-26),

o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como qualquer coisa de absolutamente diferente do profano. [...] Encontramo-nos diante do mesmo acto misterioso: a manifestação de algo “de ordem diferente” – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objectos que fazem parte do nosso mundo “natural”, “profano” (**grifo do autor**).

Apesar das evoluções e modificações que acontecem até hoje, essas práticas fizeram parte dos inúmeros processos de transformações culturais e religiosas, que estão incorporadas aos calendários, costumes, enfim, ao cotidiano.

São essas práticas que vêm do passado, repletas de significados locais, regionais, nacionais e até mesmo internacionais, que servem de base para a construção e apropriação de novas culturas e valores de toda uma sociedade.

Da tradição à antiguidade, as festas sempre povoaram o imaginário e as representações das sociedades humanas. Elas têm um caráter de ambigüidade entre o bem e o mal, a vida e a morte, a fuga da cotidianidade onde se extrapolam todos os limites, seja por exageros das emoções ou desejo da aproximação da realidade com a ficção criada pela sociedade humana.

Trigueiro (2006, p. 03) afirma que as festas

[...] são manifestações que estão associadas dessas dualidades do mundo real da vida e o mundo ficcional do imaginário simbólico, do disforme da natureza e as experiências oníricas que sempre fizeram parte das nossas histórias de encantados no mundo da infância e que chegam à vida adulta mais próxima da racionalidade. É a hibridação de tudo isso que dá a tônica à cultura popular no mundo globalizado pelos meios de comunicação e pelos novos interesses de consumo de bens culturais.

As festas que apresentavam conotações religiosas, em um momento de repouso e fuga da rotina do trabalho, estavam focadas na idéia da divinação do ato de ação de graças aos deuses, que eram então considerados pagãos pela fé cristã, em uma “referência direta aos cultos politeístas de diversas sociedades, tanto da antiguidade, como de outras temporalidades e espacialidades” (SANTOS, João, 2008).

Nem sempre é fácil delimitar o espaço do sagrado e do profano quando analisa-se as festas, pois ambos se misturam e se entrelaçam constantemente. O ritual da festa provoca momentos de socialização necessários para as pessoas. Milheiro (1996) afirma que esse ritual da festa faz com que os indivíduos saiam da rotina e vivam algo singular e diferente do seu ritmo de vida, algo que se tornou um triunfo dos valores estabelecidos. Assim, a festa foi utilizada habilmente pelos governantes como afirmação de poder e pela hierarquia da Igreja Católica como afirmação de fé.

A festa, mais do que simples ida e do que separação é uma pausa prenhe de sentido e de fôlego [...] acontece sempre em alternância sem que ninguém consiga prolongá-la indefinidamente. Sucede como as estações e só é êxito quando cadencia a vida das comunidades. [...] A festa

aparece como movimento que não deixa de ser igual, de repetir, sendo diferente e inovador, reciclando e integrando, qual memória que não deixa de ter um presente alicerçado em pilares estruturantes do passado, das origens. Esta dimensão faz da festa um acontecimento aglutinador e de convergência, um ponto de encontro de gerações, da comunidade, uma espécie de rotunda por onde todos passam para e tomar um sentido certo. Ela é lugar de memória, mas também porque actualiza os elementos que tornam cada comunidade diferente, com uma consistência própria (LIMA, 2000, p. 251-252).

Abordando os espaços sagrados e profanos que norteiam essas festas, principalmente as festas religiosas, foco do nosso trabalho, Durkheim retorna ao texto para reafirmar que, na presença do sagrado, com suas crenças, símbolos e ritos coletivos, conservam-se e reforçam-se as idéias e sentimentos coletivos da própria sociedade nessa relação homem, religião e natureza. E que o profano tem que existir para relacionar-se com o sagrado, ou seja, justificar o porquê do sagrado nessas festividades.

A coisa sagrada é, por excelência, aquela que o profano não deve, não pode impunemente tocar. Certamente, essas interdições não poderiam desenvolver-se a ponto de tornar impossível toda comunicação entre os dois mundos; porque se o profano não pudesse de nenhuma forma entrar em relação com o sagrado, este não serviria para nada (DURKHEIM, 2008, p. 72).

Já que o sagrado e o profano não podem deixar de existir sem presença um do outro, conforme apontou Durkheim, e voltando para as festas religiosas e sua relação com esses dois ‘seres’, Eliade apresenta essa relação do tempo sagrado e profano dentro das festas religiosas, em que o tempo é reversível por sua própria natureza, sendo que tempo sagrado é indefinidamente recuperável e repetido; atualiza-se a cada evento sagrado, reencontrando-se a cada festa periódica, seja no ano seguinte ou há cem anos, além de ser um tempo que mantém sempre igual,

que não muda e não esgota. Já o tempo profano, seria, nesse caso, todo aquele que não passa por esse período, em que o homem não mantém essa relação com sagrado nos momentos destinados para tal como em alguns intervalos das festas religiosas, como no caso da festa do Divino Espírito Santo.

A experiência religiosa da festa, quer dizer, a participação do sagrado permite aos homens que vivem periodicamente na presença de Deus. [...] Na medida em que imita os seus Deuses, o homem religioso vive no Tempo da origem, o Tempo mítico. Por outros termos, “sai” da duração profana para reunir-se há um tempo “imóvel”, à “eternidade” (ELIADE, s/d, p. 117).

A festa religiosa também se caracteriza por sua atualização de acontecimentos e de períodos passando a ser uma história sagrada com a presença dos deuses. Para o homem religioso – foco das nossas discussões devido à pesquisa abordar devotos e foliões da festa do Divino Espírito Santo em Natividade -, a festa não é a comemoração de um acontecimento mítico (e portanto, religioso), mas sim a sua atualização de compromisso e de fé com seus Deuses, com o sagrado, além de uma forma do homem seguir o modelo divino.

Em todo o lado, o calendário festivo constitui um retorno periódico das mesmas situações primordiais e, por conseqüência, a reatualização do mesmo tempo sagrado. Para o homem religioso, a reatualização dos mesmos acontecimentos míticos constitui a sua maior esperança, porque, com a reatualização reencontra a possibilidade de transfigurar a sua existência, de a tornar semelhante ao modelo divino (ELIADE, s/d, p. 118).

Sobre o tempo da festa, Mircea apresenta que os atos criados pelos seres divinos constituem o calendário sagrado e forma o conjunto das festas. Existem, ainda, os intervalos de tempo sagrado das festas periódicas, bem como do tempo profano, em que são realizados atos sem significação religiosa. “É justamente a reintegração deste tempo original e sagrado que

diferencia o comportamento humano durante a festa, do de antes ou de depois. Porque, em muitos casos, efectua-se durante os mesmos actos dos intervalos não-festivos” (ELIADE, s/d, 97-98).

Eliade aborda ainda as concepções do homem religioso e sua relação com o sagrado e o profano, além das proibições que aparecem durante as cerimônias dentre elas jogos, danças e músicas, o que acaba por acontecer fora dos espaços sagrados, onde homens e mulheres após suas atividades aos seus deuses vivem o tempo profano. Por mais que o homem seja orientado (e têm que ser) durante os ritos, o profano vem de encontro ao sagrado.

A revelação – do espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso; porque nada pode começar, nada se pode fazer, sem uma orientação prévia – e toda a orientação implica a aquisição de um ponto fixo. [...] para a experiência profana o espaço é homogêneo e neutro: nenhuma rotura diferencia qualitativamente as diversas partes de sua massa (ELIADE, s/d, p. 36).

Independentemente da complexidade de uma festa religiosa, o homem religioso sente a necessidade de participar do tempo sagrado, pois é um acontecimento que foi originado há muito tempo e que, por meio do rito, torna-se presente naquele momento. Os participantes

saem do seu tempo histórico – quer dizer, do tempo constituído pela soma dos eventos profanos, pessoais e intrapessoais – e reúnem-se ao tempo primordial que é sempre o mesmo, que pertence à Eternidade. [...] O homem religioso sente a necessidade de mergulhar periodicamente neste Tempo sagrado e indestrutível. Para ele, é o Tempo sagrado que torna possível o outro tempo, ordinário, a duração profana em que se desenrola toda a humana existência (ELIADE, s/d, p. 101 -102).

O autor acrescenta ainda, que se o homem religioso sente a necessidade de reproduzir os mesmos gestos exemplares dos

seus deuses é porque deseja e se esforça por viver muito perto do que considera ser as atitudes corretas que são as “exemplificadas” por seus Deuses.

Essa repetição fiel dos modelos divinos tem um resultado duplo: I) por um lado, imitando os deuses, o homem mantém-se no sagrado e, por consequência, na realidade; II) por outro lado, graças à reatualização ininterrupta dos gestos divinos exemplares, o mundo é santificado. O comportamento religioso dos homens contribui para manter a santidade do mundo (ELIADE, s/d, p. 111).

Em suma, o homem religioso quer ser diferente do que ele é no plano da sua existência profana, no mundo “real”. E, no tempo sagrado, tempo dos ritos e festas religiosas, ele quer se aproximar dos modelos divinos e ficar mais próximo de seus deuses, ele simula e recria outro ser baseado nos mitos, enfim, na história.

1.2. A folkcomunicação e sua relação com o sagrado e o profano na festa do Divino Espírito Santo

Pela abordagem da autora Mircea Eliade (s/d) são as festas religiosas que voltam a ensinar a sociedade, a sacralidade dos modelos a serem seguidos. E, é por meio do sagrado que o homem passa a viver outra realidade (período festivo) diferente da ordem vigente, ou seja, do tempo profano.

Por meio das hierofanias, que significam como algo sagrado se mostra para nós, é que podemos analisar e estudar as festas ou ritos religiosos, em que o homem constrói um espaço sagrado que é eficiente na medida em que ele reproduz a obra de Deus. E, para tal, temos a teoria da folkcomunicação, que

é por natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida

psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa (BELTRÃO, 1980, p. 28).

Relacionando as festas religiosas com os processos de folkcomunicação, percebemos que existe um diálogo permanente entre essas duas categorias, o sagrado e o profano, integrando esses universos. Para que possamos entender e compreender a cultura popular e suas manifestações temos que estudar a religião em si, como indica Carlos Rodrigues Brandão (1980) em sua obra *Os deuses do povo*, na qual afirma que

ali ela aparece viva e multiforme e, mais do que em outros setores de produção de modos sociais da vida e dos seus símbolos, ela existe em franco estado de luta acesa, ora por sobrevivência, ora por autonomia, em meus enfrentamentos profanos e sagrados, entre o domínio erudito dos dominantes e o domínio popular dos subalternos.

Na folkcomunicação há uma distinção entre o que é sagrado e o que é profano, sendo assim definido por

como sagrado tudo que é ligado à religião oficial ou elitizada e que se chama de profano, os diversos momentos de expressão da fé popular. [...] a igreja é vista, estudada e separada como espaço sagrado: local de orações, de celebrações, do encontro do homem com o divino. E tudo que está fora dela, ou à margem dela, é assinalado como profano: o comércio, danças e divertimento (FREITAS, 2005, p. 02).

E, quando a folkcomunicação passa a estudar as manifestações que envolvem religiosidade, sagrado, profano, o que é divino, há uma busca por compreender os aspectos comunicacionais dos elementos religiosos de determinada cultura, além de buscar na memória do grupo participante dessa manifestação a ancestralidade, algo por assim dizer, mais antigo.

Definida por Luiz Beltrão (1980), a folkcomunicação é “o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações,

idéias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore”.

Situado no âmbito das Ciências da Comunicação, esse segmento de pesquisa latino-americana foi lançado pelo pesquisador Luiz Beltrão durante defesa de sua tese de doutorado em 1967, na Universidade de Brasília - UnB.

Intitulada de “Comunicação e Folclore”, a tese de doutoramento de Luiz Beltrão foi publicada em formato de livro em 1971, ampliando a difusão das idéias que construíra sobre a folkcomunicação. Porém, só com a publicação do segundo livro sobre essa temática, *Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados (1980)*, que o autor pôde apresentar a teoria mais rica e estruturada, além de pesquisas empíricas realizadas por ele em outras regiões do país, principalmente em Brasília.

A folkcomunicação de Luiz Beltrão encontrou dupla resistência: a dos folcloristas conservadores que pretendiam defender a cultura popular da modernidade e a dos comunicólogos militantes que pretendiam fazer da cultura popular “bode espiatório” nas brigas políticas daquela época. “Apesar disso, o pensamento de Luiz Beltrão disseminou-se em todo o território nacional, conquistando seguidores que deram andamento a algumas idéias ou discípulos que avançaram nas trilhas empíricas por ele abertas” (MELO, 2008, p. 23).

Com o passar dos anos e desenvolvimento de pesquisas acerca dessa teoria, a folkcomunicação adquiriu cada vez mais importância pela sua natureza de instância mediadora entre a cultura de massa e a cultura popular, tendo abordado estudos sobre fluxo bidirecionais e sedimentados processos de hibridação simbólica.

Os pesquisadores de folkcomunicação ampliaram o seu raio de observação, não se limitando a analisar os fenômenos da recodificação popular de mensagens da cultura massiva, mas também rastreando os processos inversos, ou seja, a incorporação de bens da cultura popular pela indústria cultural (os meios de comunicação e

os aparatos do lazer massivo, principalmente o turismo) (MELO, 2008, p.47).

Durante a Conferência Brasileira de Folkcomunicação⁵, realizada em junho de 2001, em Campo Grande (MS) onde as festas populares foram tema para a comunicação de diversas pesquisas enquanto processos comunicacionais. É a partir desse ensaio que as festas populares configuram-se como iniciativas mobilizadoras das comunidades humanas, assumindo dimensões culturais, religiosas, políticas ou comerciais. No entanto, elas se caracterizam estruturalmente como processos comunicacionais, cujos conteúdos abrigam diferentes manifestações da sociedade, potencializadas ou apropriadas pela mídia (MELO, 2008, p.76).

Melo (2008, p.77) acrescenta ainda, que nas festas populares,

as classes sociais interagem dialeticamente, coexistindo de forma aparente, mas na verdade enfrentando-se, ora sutil, ora de modo ostensivo, na tentativa de conquistar a hegemonia cultural. Por isso mesmo, elas se caracterizam como processos comunicacionais, na medida em que agentes socialmente desnivelados operam intercâmbios sógnicos, negociam significados e produzem mensagens coletivas, cujo conteúdo vai se alterando conjunturalmente, sempre de acordo com a correlação de forças em movimento.

Localizado no interior da sociedade, o cerne das festas populares está diretamente vinculado às instituições locais que promovem os processos de celebração, nutrindo, fortalecendo, mas também podendo fazer com que elas definham-se ou desapareçam, caso não sejam continuadas. “Sem a iniciativa dos

⁵ Conferências Brasileiras de Folkcomunicação (FOLKCOM) são realizadas pelos pesquisadores da área, recebendo centenas de trabalhos para serem expostos e debatidos sobre a teoria. Sem contar com Grupos de Trabalho em Congressos como da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - INTERCOM e Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación - ALAIC.

grupos sociais organizados, que dão sentido, codificam, difundem e retroalimentam as mensagens contidas nas festas, elas não se configuram como atos culturais, dotados de implicações políticas e econômicas” (MELO, 2008, p. 79).

José Marques de Melo (2008) caracteriza as festas populares brasileiras como processos determinados por fluxos convergentes em que elas podem ser: a) ativadoras das relações humanas, produzindo comunhão entre o grupo ou da comunidade em torno de algo em comum, na qual ele chama de “comunicação interpessoal”; b) mobilizadora das relações entre os grupos e a coletividade, por meio de tecnologias e indústrias midiáticas, que chama de “comunicação massiva”; e, c) articuladora de relações institucionais, chamada de “intermediação comunicativa”, que realiza a interação entre as comunicações interpessoais e massivas.

A gênese da festa localiza-se no imaginário coletivo, sendo resgatada periodicamente através dos fluxos de comunicação interpessoal (grupos de parentesco, vizinhança, trabalho). Eles desencadeiam iniciativas de celebrações, apropriadas pelas instituições sociais (escola, Igreja, partido, empresa, governo). Essa intermediação comunicativa suscita o interesse dos veículos de difusão coletiva, que a elas se associam, produzindo fluxos de comunicação massiva, responsáveis pela mobilização dos indivíduos para participar dos atos comemorativos (BELTRÃO, 1980, p. 2-7).

Nessa pesquisa, pela abordagem folkcomunicacional, trabalha-se com a comunicação interpessoal, pois nos ritos da festa do Divino Espírito Santo em Natividade, a comunidade católica reúne-se em torno da organização dessa festa, ativando as relações humanas e promovendo a comunhão entre o grupo.

É a pesquisa empírica que sustenta a folkcomunicação, que, por ser ensinada e pesquisada nas universidades brasileiras, têm tido resultado com publicações de estudos provenientes de trabalhos de campo, reflexões teóricas, além das aplicações de

metodologias próprias da pesquisa e publicação de livros e artigos.

Na metodologia de pesquisa proposta por Luiz Beltrão no estudo das festas religiosas, grande parte dos trabalhos refere-se ao sagrado como momento de religiosidade ligada à religião hierarquizada e estruturada. O profano é o espaço do povo, do informal e do folclore. São nos espaços das festas religiosas populares onde o profano e o sagrado se encontram, onde o homem se comunica com seus objetos, espaços e imagens de devoção, o que caracteriza como o sagrado. “Nas comunidades tradicionais, não é apenas a igreja que é o espaço sagrado para orações e outros atos religiosos, também existem capelas e sempre há nas casas um espaço dedicado à devoção” (FREITAS, 2005, 06).

Integram o universo do homem religioso à missa, à dança, à procissão, à cantoria, porém na pesquisa *Ex-voto: uma manifestação da fé popular*, Coutinho & Cavalcante (1984) apresentam que a Igreja acredita na existência de milagres, mas é contra a prática dos *ex-votos*, sendo considerado um elemento profano nas devoções, bem como as folias, congadas, moçambiques, lavagem das igrejas, distribuição dos doces ou o levantamento do mastro de São Benedito, entre todas, também são consideradas como profanas.

Será por meio dos métodos que abordam a interdisciplinaridade que pode-se concluir as diversas etapas que uma pesquisa em folkcomunicação precisa para ser finalizada. A metodologia da história oral tem a função de abarcar a história do tempo presente e inverter conceitos até então lapidares sobre o fazer histórico. Nesse caso, a história oral vinculada à folkcomunicação contribui para a aplicação de um método científico.

1.3. A perspectiva da História Oral: em busca de uma abordagem interdisciplinar

A comunidade católica de Natividade reúne-se em torno da festa do Divino Espírito Santo unindo o sagrado e o profano

em uma mesma celebração. Émile Durkheim (2008) explica que as representações coletivas passam a ser vistas como resultado de uma “consciência coletiva”, onde observa-se que existe a transgressão das normas sociais, a coesão do grupo social e a produção de um estado de efervescência coletiva.

Luiz Beltrão (1980, p. 61) afirma que a celebração das festas católicas decorre de um calendário religioso baseado no ano litúrgico de amplitude universal e que assume caráter especificamente regional ou local “quando se trata de comemorar o “dia do padroeiro”, isto é, do santo sob cuja proteção foi posta a localidade pelos seus fundadores, herança que nos veio de Portugal”.

Considerando isso, a abordagem teórica e metodológica utilizada durante a pesquisa analisa o uso do ambiente social, dos símbolos e da própria organização da comunidade para a constituição da festa do Divino Espírito Santo, pois não se sabe ao certo o início das comemorações da mesma na cidade, porém existem arquivos na Associação Comunitária Cultural de Natividade - Asccuna que datam sua realização desde 1904.

Essa abordagem abre espaço para a compreensão da memória coletiva como uma estrutura que é criada e recriada durante as práticas discursivas nos momentos em comum divididos pela comunidade, quando identidades sociais e individuais são formadas, assim como apresenta Philippe Joutard (1993, p. 526-527) em que

uma comunidade baseia sua legitimidade e sua identidade na recordação histórica [...] se organiza em torno de um acontecimento fundador, os fatos anteriores ou posteriores sendo assimilados a este ou esquecidos; quando são memorizados, é por analogia, repetição e confirmação do acontecimento fundador.

As diversas formas sociais que permitem a produção e a circulação de bens simbólico-religiosos, também as identidades e memórias, são provenientes do *habitus* que informa o “senso prático de um determinado campo religioso é ao mesmo tempo nutriente de e nutrido por memórias e identidades religiosas que

ali são produzidas, entendidas como bens simbólicos em circulação no campo” (HUFF JUNIOR, 2008, p. 61).

Será pelos processos históricos de produção, reprodução e negociação dessas memórias e identidades religiosas que percebe-se a importância da perspectiva da metodologia da história oral nesta pesquisa, assim como explica Jan Vasina (1985, p. 199) citado por Prins (1992, p.165) em “*Oral Traditions as History*”, “onde não há nada ou quase nada escrito, as tradições orais devem suportar o peso da reconstrução histórica”.

O saber da cultura popular está contido nas memórias dos indivíduos e na sua oralidade que é transmitida de geração em geração, sendo que a intenção é desenvolver a partir desses métodos, interpretações qualitativas sobre os processos histórico-sociais da festa. Mas como e por que utilizar a história oral?

Ao celebrar festas religiosas como a do Divino Espírito Santo, os sujeitos tornam-se únicos através dessas práticas culturais. Dançar, cantar e orar, sem contar ainda com as promessas, romarias, procissões e festejos que são elementos da religiosidade que aproximam as pessoas e lhes dão um sentido de comunidade (SANTOS, Claudfranklin, 2008).

Paul Thompson (1998) citado por Correia (2011) afirma que a

história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela empurra a vida para a própria história e alarga o seu âmbito. Ela permite heróis, não apenas dos líderes, mas da maioria do povo desconhecido [...]. Permite o contacto – e daí compreensão – entre classes sociais e entre gerações.

Portanto, o que seria a História Oral?

Para José Carlos Sebe Bom Meihy, em “*Manual de História Oral*”, esse campo historiográfico seria “um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do ‘tempo presente’ e também reconhecida como ‘história viva’” (2005, p. 17). O autor apresenta, ainda, outros conceitos sobre a história oral que variam entre a prática

de apreensão de narrativas, bem como a formulação de documentos através de registros eletrônicos, o conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto, além de uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de depoimentos gravados e transformados em textos escritos. E, para constituir uma relação mínima da história oral, o autor expõe também que são necessários três elementos: a) o entrevistador, b) o entrevistado; e c) aparelhagem da gravação.

Fazendo um retrospecto da história oral, Meihy (2005) expõe que as primeiras propostas para registro de relatos pessoais aconteceram na China – há mais de três mil anos – quando foram coletadas histórias do povo pelos escribas da dinastia Zhou. O autor explica ainda que o “método” de Heródoto, mais conhecido como o ‘pai’ da História, foi a base para o ramo da história oral em que ficou estabelecido que a participação pessoal e o testemunho serviriam para descrever a “verdade” ou a “realidade” do que se via.

Já no século XIX, e sob a orientação de correntes filosóficas como o positivismo, que consagrava o modelo científico como padrão para o saber, alguns intelectuais vislumbraram a possibilidade de elaborar história apenas a partir de documentos escritos, pois eles guardariam a verdade em si (MEIHY, 2005, p. 97).

Partindo dessas discussões, nasce uma ‘outra’ história oral que foi instituída em 1948 como uma técnica moderna de documentação histórica pelo historiador da Universidade de Columbia, em Nova York, Allan Nevins, que organizou um arquivo oficializando o termo para que pudesse representar uma nova idéia com relação à formulação e à difusão das entrevistas. “O vínculo com os relatos do passado e a necessidade de registrar experiências gravadas e transmitidas por meios mecânicos facilitaram a democratização das informações e serviram de base para o sentido da história oral” (MEIHY, 2005, p. 92).

Ao final da década de 1960, a história oral se constituiu como disciplina acadêmica ou método de pesquisa, sobre influência do antropólogo Oscar Lewis na obra “*Los Hijos de*

Sanchéz” (terminada no final dos anos quarenta como um clássico dessa área), em que o autor recorreu às histórias de vida – uma das técnicas usada em história oral -, não só como prática empírica nova, mas também redefinindo passo a passo a aproximação desse campo com a prática sociológica (SANDIOCA, 2004).

O campo da história oral pode ser entendido também como técnica e como metodologia, porém, utiliza-se nesta pesquisa a história oral como metodologia, Meihy (2005, 49) aponta em seu manual, a diferença entre o uso desse campo como técnica ou metodologia, a partir de três níveis: a) a partir do projeto, em seguida; b) na definição do *corpus* documental - se é derivado da documentação escrita ou oral -, e por último; c) com relação ao encaminhamento das conclusões tendo em vista o uso das entrevistas. Ainda sobre sua atuação quanto método, o autor apresenta que a história oral deve “focalizar as entrevistas como o porto central e dá partida para as análises”, seguido por três formas de procedimentos metodológicos: 1) relatos integrados à discussão documental/historiográfica; 2) relatos anexados ao debate; e 3) relatos em discussão paralela.

Em suma,

[...] a história oral traz ao de cima a questão, ainda mais polêmica, da memória (e da sua relação com a história), constituindo um exercício que não só permite voltar ao passado, mas também chegar à multiplicidade de significados que se dão aos acontecimentos passados, à forma como são chamados ou simplesmente são, voluntária ou involuntariamente, esquecidos. [...] Pelo cruzamento destas memórias individuais, obteremos uma memória de grupo, porque inevitavelmente a reconstrução da identidade do indivíduo está dependente da sua integração no grupo social que compartilha das suas experiências (CORREIA, 2011).

Partindo das assertivas apresentadas, pode-se afirmar que a história oral pode se feita a partir de um indivíduo, um grupo definido ou um conjunto grande de pessoas e pode ser tratada como um processo sistêmico de pesquisa que envolve além das

técnicas de entrevistas, constituindo-se como campo que fará a percepção do passado das pessoas, de um grupo e até mesmo de uma comunidade.

1.4. Caminhos metodológicos: folkcomunicação e história oral

Com relação aos aspectos metodológicos da pesquisa é descritiva, pois visa relatar as características de determinada população ou fenômeno, envolvendo uso de técnicas de coleta de dados como observação e entrevistas, houve ainda a interação do pesquisador e membros que organizam e participam da festa do Divino Espírito Santo.

Com relação à forma de abordagem do problema, que consiste em saber como ocorreu o processo de organização da comunidade de Natividade em torno da festa do Divino Espírito Santo e qual a sua contribuição para a cultura local, a pesquisa é participante em que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, há a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados, o ambiente é natural, e o pesquisador é o instrumento-chave para na coleta de dados, com a análise intuitiva dos dados (SILVA, 2001).

Por analisar fenômenos, a pesquisa tem viés no método fenomenológico porque trabalha com modo interpretativo, a partir de aspectos subjetivos da pesquisa. A preocupação é com a descrição direta, a realidade é construída, entendida, compreendida e interpretada socialmente e o sujeito é uma das peças importantes nesse processo de construção do conhecimento (GIL, 1999).

Sobre a fenomenologia e seu método, pode-se conceituá-la como “uma ciência, uma conexão de disciplinas científicas; mas, ao mesmo tempo e acima de tudo, ‘fenomenologia’ designa um método e uma atitude intelectual: a atitude intelectual especificamente filosófica, o método especificamente filosófico” (HUSSERL, 1990, p. 46).

Husserl (1990) define o sentido do conhecimento fenomenológico como conhecimento humano, ligado às formas intelectuais humanas, incapaz de atingir a natureza das próprias

coisas, as coisas em si. Entretanto, apesar da palavra “fenômeno” designar o que aparece, ela é usada preferencialmente para designar o próprio aparecer, isto é, o fenômeno da consciência ou, usando o que Husserl considerava uma “expressão grosseiramente psicológica”, o fenômeno subjetivo.

Em virtude deste uso ambíguo, a palavra “fenômeno” favorece a formação de equívocos, pois o próprio aparecer torna-se objeto de investigação, ou seja, o próprio sujeito do conhecimento é investigado na sua estrutura de comportamento em virtude da correlação essencial entre seu aparecer e o que aparece. Trata-se, no caso, de uma relação interdependente entre o aparecer e o que aparece, entre o sujeito do conhecimento e o mundo conhecido, entre a consciência que conhece o mundo ou objeto que aparece ou se mostra cognoscível (GALEFFI, 2000).

Nesse sentido, a palavra “fenômeno” é para a fenomenologia algo que compreende, simultaneamente, tanto o parecer quanto aquilo que aparece: a relação indissociável entre o sujeito e o mundo, a consciência e seus objetos (GALEFFI, 2000).

Ao estudar-se uma comunidade, sabe-se que deve-se dedicar tempo para que os estudos sobre a mesma sejam concretizados. Esse tempo deve ser o mais amplo possível para a observação e o registro das situações, pois muitas vezes o pesquisador não pode participar de todas as etapas, algumas mais simples, nas quais poderia com maior facilidade compreender a linguagem simbólica.

Sobre o histórico da festa, as fontes analisadas foram livros, ensaios e coletâneas de autores portugueses e brasileiros os quais foram pesquisados na biblioteca da Universidade do Minho (Portugal) e docentes dessa instituição.

Durante os meses de setembro de 2010 a fevereiro de 2011, frequentou-se os programas de Mestrado em História, disciplinas de “Metodologias da Investigação” e “Temas de História Moderna I”, e Mestrado em Patrimônio e Turismo Cultural, disciplinas de “Sociedade e Patrimônio” e “Memória, História e Identidade”, do Instituto de Ciências Sociais da

Universidade do Minho - UM, em Braga, Portugal durante mobilidade acadêmica. As disciplinas cursadas durante o intercâmbio foram definidas com orientação das professoras Dr. Marina Ertzogue (UFT) e Dr. Marta Lobo (UM).

Pesquisas bibliográficas, tanto na Biblioteca Central do Campus de Braga, bem como na Biblioteca do Campus de Guimarães, foram realizadas acerca do tema da festa do Divino Espírito Santo que em Portugal é nomeada apenas como festa do Espírito Santo e abordaram os principais autores que trabalham com ela; como antropólogos e historiadores.

Pesquisou-se também sobre as festas religiosas com enfoque temporal para o período da Época Moderna, o Barroco, pois foi o período em que se acredita que as comemorações em torno do Divino Espírito Santo vieram com os portugueses quando colonizaram o Brasil, além de pesquisas acerca da Época Medieval, quando se deu a instalação do modelo de Império da festa do Divino em Alenquer, Portugal.

Já existia contato com a comunidade de Natividade desde 2006, quando da produção do Trabalho de Conclusão de Curso do curso de graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Tocantins - UFT. Nesse primeiro trabalho, intitulado de *Deus da Luz: um olhar dos nativitanos sobre o vídeo-documentário*, em que se realizaram visitas no decorrer de 2006, sendo que de 2007 a 2009 participou-se ainda das edições do *Seminário de Arte, Comunicação e Cidadania*, organizado pela UFT em parceria com a Prefeitura Municipal de Natividade, Organização Jaime Câmara, Governo do Estado, entre outros. Em 2010 e 2011, as visitas foram direcionadas como parte da pesquisa desenvolvida durante o Mestrado em Ciências do Ambiente.

Como já existia esse contato com a comunidade, o estreitamento da relação foi inevitável, com o passar dos anos e dos eventos dos quais participava e reencontrava com pessoas da comunidade.

No desenvolvimento desta pesquisa, estabeleceu-se visitas constantes, periódicas e dirigidas como forma de manter a parceria com os membros da comunidade, além de estreitar o

relacionamento com os mesmos. Dessa forma, os entrevistados sentiram-se à vontade para receber a pesquisadora em suas casas, bem como convidar para participar de eventos relacionados á festa do Divino, como por exemplo, o pouso de uma das folias em fazendas mais distantes de Natividade, o giro da Folia em Palmas.

Do material para a pesquisa, utilizei amostras não-probabilísticas intencionais, em que os entrevistados foram escolhidos entre os líderes de opinião e pessoas que participam ativamente da Festa do Divino Espírito Santo em Natividade. Nessa etapa, entrevistou-se 14 pessoas, em sua maioria idosas, pessoas de meia idade e jovens.

Os cantos, as rezas e todos os tipos de ritos presentes na festa do Divino são importantes para compreender melhor o lugar, as pessoas, as transformações, as ordens sociais estabelecidas e o modo de expressão de uma comunidade. Durante a coleta de dados, registrei os cânticos por meio de um gravador de áudio⁶ durante os rituais, cortejos e pousos. Porém, ao transcrever as gravações com suporte do programa Scribe Express Transcription Software, elas tornaram-se complexas, principalmente pelo áudio ruim (muitas pessoas no local onde o microfone do gravador captou todos os sons). Contudo, extraiu-se alguns trechos essenciais para a compreensão dos cânticos dentro das folias e ritos em geral.

Outro instrumento de coleta de dados durante a pesquisa de campo foi a entrevista direta com consentimento dos depoentes, além de diálogos com os devotos e foliões que participam da festa, os quais me explicavam os ritos, a importância daquele momento e qual seu papel ali.

Anotou-se as observações e todo o processo no Diário de Campo, sendo que, ao final do dia, condensava-se os acontecimentos em um só documento. Acredita-se ter sido essa a melhor forma de conhecer e compreender a festa do Divino, pois os devotos e foliões não se incomodaram durante a entrevista,

⁶ MP3 Player 4GB Rádio FM MW151 Preto - DL Eletrônicos

mostrando-se muito receptivos, já que diziam que se lembravam da pesquisadora em festas anteriores.

Durante as entrevistas feitas após a realização da festa que os entrevistados, mesmo não estando no período e envoltos pela aura das comemorações ao Divino, emocionaram-se ao lembrar-se das graças recebidas e de toda a devoção que eles possuem pela Terceira Pessoa da Santíssima Trindade.

Durante as entrevistas, utilizou-se a não-estruturada, pois não exige uma rigidez de roteiro, onde pode-se explorar amplamente algumas questões. Utilizou-se um roteiro base, além de uma entrevista “zero” - primeira entrevista que serve para aproximar o pesquisador com a comunidade e sua história -, com a qual é possível organizar uma escala de critérios na seleção dos principais colaboradores da pesquisa, contemplando, assim, as diferenças e semelhanças do grupo estudado. Essa entrevista zero aconteceu com a historiadora, devota do Divino e nativitana, Simone Camêlo, que em todos os anos participa da organização da festa, representando a comunidade perante a imprensa, atuando como um líder dentro do grupo, conforme é apontado na conceituação sobre a folkcomunicação, em que a identificação do líder de opinião como agente-comunicador do sistema de folkcomunicação foi o ponto de partida para o desenvolvimento do trabalho.

O comunicador de folk tem a personalidade característica dos líderes de opinião identificada (e nele, talvez, ainda mais aguçada) nos seus colegas do sistema de comunicação social: 1) prestígio na comunidade, independentemente da posição social ou da situação econômica, graças ao nível de conhecimentos que possui sobre determinado (s) tema(s) e à aguda percepção de seus reflexos na vida e costumes de sua gente; 2) exposição às mensagens do sistema de comunicação social, participando da audiência dos meios de massa, mas submetendo os conteúdos ao crivo de idéias, princípios e normas de seu grupo; 3) freqüente contato com fontes externas autorizadas de informação, com as quais discute ou complementa as informações recolhidas; 4) mobilidade, pondo-se em contato com diferentes grupos,

com os quais intercambia conhecimentos e recolhe preciosos subsídios; e, finalmente, 5) arraigadas convicções filosóficas, à base de suas crenças e costumes tradicionais, da cultura do grupo a que pertence às quais submete idéias e inovações antes de acatá-las e difundi-las, com vistas a alterações que considere benéficas ao procedimento existencial de sua comunidade (BELTRÃO, 1980, p. 35).

As festas religiosas populares são momentos de compartilhamento de uma história passada e ao mesmo tempo presente. “Para que a real transmissão dessa memória e dos seus saberes ali contidos sejam efetivos, estabelece-se um processo de comunicação entre gerações, rico e dinâmico, que é o foco da Folkcomunicação” (BOLL, 2005). E é por meio desses líderes, como Simone Camêlo, que haverá a transmissão dessa memória e dos saberes. O instrumento de coleta de dados utilizado durante a pesquisa, nesse caso, as entrevistas e a observação não-participante, proporcionaram também uma interação entre o pesquisador, o informante e a pesquisa.

Passada a fase de coleta de dados, houve a tabulação, a apresentação dos dados e, conseqüentemente, a análise e discussão dos resultados.

Enquanto no sistema de comunicação social é muito freqüente a coincidência entre os líderes de opinião e as autoridades políticas, científicas ou econômicas, na folkcomunicação há maior elasticidade em sua identificação: os líderes agentes-comunicadores de folk, aparentemente, nem sempre são “autoridades” reconhecidas, mas possuem uma espécie de carisma, atraindo ouvintes, leitores, admiradores e seguidores, e, em geral, alcançando a posição de conselheiros da audiência sem uma consciência integral do papel que desempenham (BELTRÃO, 1980, p. 35).

São os diálogos e as entrevistas que viabilizam esse tipo de coleta de dados, como explica Boll (2005, p. 06),

supondo que as comunidades folk são do mesmo grupo lingüístico do pesquisador, cabe então localizar qual relação pesquisador e pesquisado terão ao longo do processo de pesquisa. O conhecimento desta relação é fundamental para que possamos entender quais serão as trocas estabelecidas e principalmente quais serão as expectativas entre as partes no transcorrer da pesquisa.

Durante a pesquisa de campo, que aconteceu nos anos de 2010 e 2011, todos os ritos da festa do Divino Espírito de Natividade foram acompanhados, desde a preparação para saída das Folias, giro das Folias, chegada das folias, Esmola Geral, festa do Capitão do Mastro, Festa do Imperador, Missa Solene e Coroação do Imperador, além do sorteio dos festeiros do ano seguinte.

Fotos e vídeos⁷ foram registrados durante a pesquisa de campo, que possuiu etapas organizadas de forma a permitir um resultado mais próximo da realidade possível. No mês de abril de 2010, participou-se dos principais ritos que compõem a Festa do Divino Espírito Santo, além das missas celebradas na Igreja Matriz. Nos meses de Maio e Junho de 2011, também se acompanhou os ritos e as folias da festa do Divino Espírito Santo em Natividade, principalmente durante o Giro das Folias nas fazendas e em Palmas.

Por parte do pesquisador, a compreensão que sua pesquisa de campo envolve não apenas a observação, mas também o intercâmbio de informações com os agentes folk. Para que isso ocorra é fundamental a inserção dos pesquisadores na comunidade estudada. Pesquisa de campo de cunho etnográfico, na qual a inserção ocorre apenas pela presença do pesquisador na comunidade, mas sem haver de fato troca entre eles (BOLL, 2005, p. 05).

As entrevistas com os líderes aconteceram nos meses de agosto e outubro de 2011. No roteiro da entrevista procurou-se

⁷ Câmera Digital Sony DSC-W570 16.1MP 5xZoom VídeoHD Panorâmica e Câmera Digital Kodak Easy Share 8.2MP C140 LCD 2.4"

delimitar a relação de cada um com a religião e, principalmente, com festa do Divino. Dentre as perguntas, algumas sobre identificação pessoal, como nome, idade, local de nascimento; sobre a família e sua descendência; além de algumas mais abrangentes sobre a festa e religião, como: Qual é o seu envolvimento com a religião? E com a festa do Divino?; Quando começou a participar da festa? Lembra?; Como você ajuda ou já ajudou durante a organização da festa?; Sua família participa da festa?; Você incentiva seus filhos, netos ou familiares para participarem da festa?; e, Já foi algum personagem da festa? Como foi participar? O que sentiu? Sua vida mudou depois que participou dela?

Em conjunto com a metodologia da folkcomunicação e primando pela interdisciplinaridade no transcorrer da pesquisa, utilizou-se também a aplicação da metodologia da história oral em que, segundo Boll (2005, p. 06),

o pesquisador deve assumir, neste caso, uma postura de pesquisa participante, buscando a sua aceitação pelo grupo, uma vez que toda a coleta de dados deve ocorrer pela vontade dos sujeitos estudados. Seja através de documentos guardados em baús nas casas, seja por fotos de família, que além de caráter histórico, possuem forte apelo emocional, pela necessidade da entrevista com membros significativos da comunidade.

É pela memória que a festa é organizada e guardada pelos membros que a compõem, os quais são incumbidos de transmiti-las às novas gerações, como será apresentado nos próximos capítulos. Cabendo assim, aos mais idosos esse papel de repassar as vivências, experiências e ritos pertencentes ao grupo, no caso de Natividade, memórias datadas desde o início do século XX, conforme registros da Associação Comunitária Cultural de Natividade (Asccuna) da realização da festa desde 1904, apesar de não se saber ao certo o início das comemorações da Festa do Divino Espírito Santo naquele lugar.

1.4.1 Aplicação da história oral na pesquisa

Dentre os questionamentos que circundam o campo da história oral pode-se enfatizar que o principal é como aplicá-la aos estudos sobre a festa do Divino Espírito Santo, pois a história oral pode ser feita a partir de uma pessoa, um grupo definido ou um conjunto de entrevistados, porém a escolha de qualquer um desses ‘grupos’ implica uma justificativa do tipo escolhido, os critérios de seleção de alguns depoimentos e como eles dialogariam e se um número grande de participantes garantiria a relevância do projeto.

Gênero interdisciplinar que serve com eficácia na construção de identidades particulares e ainda constituindo um novo recurso histórico. [...] para fazer uma prática imprescindível em qualquer gênero de elaborações das sociedades e dos acontecimentos do presente **(tradução nossa)** (SANDIOCA, 2004, p. 346).

Conforme os objetivos desta pesquisa, trabalhou-se com um conjunto de entrevistados que mantém relação com a festa do Divino Espírito Santo, como os personagens, organizadores, foliões, devotos, entre outros. Sandioca (2004) apresenta que essa ferramenta de trabalho tornou-se praticamente imprescindível em qualquer estudo sobre as sociedades e acontecimentos do presente, pois antes de definir quais métodos e passos percorrer para inserir a história oral na análise da festa do Divino Espírito Santo, deve-se distinguir a diferença entre oralidade e fontes orais. Sendo que a primeira é manifestação espontânea, sem intenção de registro, e a segunda só é “fonte” porque foi registrada mecanicamente com intenção de registro.

A oralidade pode tornar-se fonte desde que seja materializada em gravações e usada intencionalmente [...] músicas gravadas ou presentes em manifestações populares, tradições orais e literatura oral, romarias, terreiros de candomblé, desde que coletados para pesquisas ou mesmo para meros registros sonoros e

gravados, são fontes orais. [...] Muitos autores usam fontes orais integradas às histórias orais. Isso, aliás, é bastante comum nos casos de projetos que envolvam músicos e folcloristas, que sempre se valem de exemplos consagrados na transmissão oral (MEIHY, 2005, p. 21).

As fontes orais servem de apoio para corrigir outras perspectivas e vice-versa. Jan Vansina (1985) citado por Prins (1992, p. 194-195) explica que “os dados orais servem para confirmar outras fontes, assim como as outras fontes servem para confirmá-los”. Esses dados fornecidos pelas fontes orais podem proporcionar detalhes que de outra forma não são acessíveis e, por isso, fazem com que o pesquisador possa analisar os dados de outra maneira.

Sobre a coleta desses dados, Prins (1992) afirma que todos os testemunhos “são válidos, dependendo do projeto e independentemente de classe social, *status* ou relevância pública do colaborador”. O autor sugere ainda que o pesquisador que pretende trabalhar com a história oral deve observar a necessidade de recolher depoimentos de pessoas que não sejam essenciais ao projeto, além de tentar prever a utilidade de cada entrevista. “Deve-se recorrer a ela apenas quando se busca algo específico e que não se pode encontrar em outras fontes [...] o argumento decisivo para marcar o limite do número de entrevistas remete à sua utilidade e ao seu aproveitamento” (PRINS, 1992, p. 138-139).

Além das narrativas biográficas, existem alternativas para o desenvolvimento da pesquisa em história oral, como: 1) fragmentos narrativos da história de vida de outras pessoas 2) história de vida de família; e 3) história de vida de tipos sociais como: profissões, gênero, classe e etnia.

Dentro desta tem-se a possibilidade de aplicar duas vertentes do campo da história oral: a tradição oral e a história oral temática. Jan Vansina explica que a tradição oral pode ser definida como “o testemunho oral transmitido verbalmente de uma geração para a seguinte, ou mais, [...] tal material é uma substância daquilo que possuímos para reconstruir o passado de uma sociedade com uma cultura oral” (PRINS, 1992, p. 172). Já a

história oral temática é usada pelos pesquisadores como técnica, pois promove a articulação do diálogo com outros documentos. Para Meihy (2005), ela parte de um assunto específico e estabelecido previamente se comprometendo com o esclarecimento/opinião do entrevistador com relação a algum evento com objetividade, onde o uso do questionário é peça fundamental nesse processo que auxilia na descoberta dos detalhes procurados pelo pesquisador.

Sobre a tradição oral, pode-se afirmar que ela se caracteriza como uma das mais complexas e raras expressões da história oral que revela as estruturas e os comportamentos do grupo, sem contar com a sua noção de passado e presente de determinada cultura. Conforme apresenta Meihy (2005), são áreas da tradição oral os calendários, as festividades, os rituais de passagem, as cerimônias cíclicas, tragédias eventuais e até doenças endêmicas ou epidêmicas, e é nesse tipo de pesquisa que o sujeito é mais coletivo, menos individual e a carga de tradição em comunidade é continuada sempre mais prezada e presente.

Para Prins (1992, p. 186-187)

[...] as tradições orais formais podem produzir uma história seqüenciada, mas não necessariamente com uma datação rigorosa. Para maior precisão, deve-se buscar uma correlação com as fontes externas. A evidência arqueológica, eclipses do sol ou da lua, ou calamidades naturais importantes são pontos de referência comuns. Mitos de gêneses, histórias dinásticas, histórias familiares de pessoas comuns, provérbios, poesias de louvor, épicas e narrativas podem nos propiciar algum acesso ao interior de uma cultura e de uma época. Quando presos às fontes externas, podemos nos defender contra a tradição inventada, apresentar algumas datas do tempo serial e desse modo reconstruir esse tipo de passado.

Com relação aos procedimentos de trabalho relacionado com a tradição oral, a observação deve ser constante e a entrevista deve abranger pessoas que sejam depositárias das tradições, entrevistando as pessoas mais velhas e de gerações posteriores e de segmentos culturais e sociais diferentes, pois

“todo agrupamento humano – familiar ou não – tem alguém, quase sempre entre os mais velhos, que guarda a síntese da história do grupo” (MEIHY, 2005, p. 168).

Como exposto anteriormente, outras fontes devem ser usadas em conjunto com essa metodologia, bem como salienta Prins (1992, p. 171) ao dizer que “uma única testemunha não é testemunha. [...] a evidência oral sem comprovação é considerada pobre. A forma não é fixa; a cronologia frequentemente é imprecisa; a comunicação muitas vezes pode não ser comprovada”.

As características da história oral baseada na vertente da tradição oral são as equivalentes com a proposta da pesquisa sobre a festa do Divino Espírito Santo, que é de trabalhar com as relações entre a produção dos saberes e a ocupação dos espaços por grupos sociais que buscam assegurar a reprodução de suas marcas identitárias. Porém, deve-se tomar cuidado com os resultados dessa técnica, pois, segundo Meihy (2005), eles são menos imediatos do que as outras técnicas, pois requerem participação, acompanhamento e observação intensos, que geralmente ultrapassam o nível da entrevista. Ainda segundo o autor, “a tradição oral é de execução mais lenta e exige conhecimentos profundos tanto da situação específica investigada como do conjunto mitológico a partir do qual a comunidade organiza sua visão de mundo” (MEIHY, 2005, p. 167).

Portanto, a utilização dessa metodologia possui suas barreiras como qualquer outra. Prins (1992) explica que o testemunho oral é vulnerável a problemas que afetam a todas as fontes documentais modernas, pois estão sujeitos à má utilização desses dados.

Por possuir um perfil multidisciplinar, em que não há constituição de um objeto específico de pesquisa, pode-se considerar a história oral, de acordo com referência de Meihy (2005), como “mais do que uma ferramenta, e menos do que uma disciplina”. Como um processo sistêmico de pesquisa ou simplesmente metodologia concorda-se assim, que o campo da história oral gera no seu interior

soluções teóricas para as questões surgidas na prática – no caso específico, questões como as imbricações entre história e memória, entre sujeito e objeto de estudo, entre história de vida, biografia e autobiografia, entre diversas apropriações sociais do discurso (FERREIRA; AMADO, 1998, p. xiv-xv).

Fazendo uma correlação entre esse campo historiográfico e as metodologias que serão utilizadas no decorrer da pesquisa, a hipótese é que a festa do Divino Espírito Santo em Natividade possa atuar como elemento ativo no processo de transmissão cultural através da memória de seus devotos, identificando por meio dela como se dá o processo de organização da festa e se ocorreu alguma alteração ou adaptação da celebração, além da difusão da tradição continuada e a preservação de uma identidade cultural.

Para Thompson (1993, p. 68)

O testemunho de cada história de vida somente pode ser plenamente entendido como parte da totalidade da vida: Porém para fazer generalizações sobre um tema social em particular devemos retirar dos testemunhos estas questões, o conjunto total de entrevistas, para observá-las e regressar para reintegrar desde novo ângulo, de uma forma horizontal melhor que vertical, e assim dotá-lo de novo significado.

No caso da pesquisa sobre a festa do Divino Espírito Santo, optou-se por utilizar a história oral porque ela se apresenta como um dos ‘cantos’ da mesa de trabalho do pesquisador, onde se encontram outras áreas de pesquisa, tornando-a, assim, algo multidisciplinar e interdisciplinar.

Existem as interfaces e interpretações, as combinações de duas ou três dimensões historiográficas, as convivências de duas ou três abordagens, seja por alternância ou por complementaridade, e por fim as ambigüidades e objectos comuns aos vários domínios (BARROS, 2007, p. 103).

Até porque de uma maneira mais ampla, não se pode deixar de lado que a história oral enfrenta ataques com relação à sua cientificidade, principalmente pelo caráter dos documentos gerados por esse campo historiográfico devido às transcrições (do oral para o escrito) e também durante as entrevistas, pois sugerem que assim, deparando-se com relatos imprecisos, tendenciosos e variáveis.

Contudo, a história oral faz uso de um dos artifícios que é a continuidade, pois a maior parte dos historiadores trabalha com coisas que aconteceram no passado, e a continuidade presente na história de uma comunidade, por exemplo, deve ser estudada. Prins (1992, p. 198) afirma que “a tradição é um processo – vive apenas enquanto é continuamente reproduzida. É efervescente vital em sua aparente quietude”. Ter uma percepção do passado com o algo que tem continuidade no hoje, além de ser um processo histórico inacabado, citado por alguns autores com “história viva”, é que marca e justifica o uso da história oral em pesquisas desse porte como o estudo da história, da memória e da religiosidade presente na Festa do Divino em Natividade.

“O ritual da folia do Divino expressa exatamente a crença popular na utopia da idade do ouro, da paz e da abundância, anunciada e pregada por filósofos, videntes e visionários de todos os povos e de todas as épocas” (BELTRÃO, 1980, p. 66). O culto ao Divino é mais expressivo devido ao homem estar em busca do contato direto com Deus, convencido de que obterá ainda nesse mundo o que tanto quer e sofre para obter. Essa relação pode ser entendida como o estabelecimento de uma ordem social que eliminaria a pobreza e a opressão, onde os homens viveriam em paz, com fartura de comida e bebida e sem sofrimentos causados pelo medo, prisão ou doenças.

FESTAS DO DIVINO NO CONTINENTE E ALÉM MAR

Pode-se considerar a festa do Divino Espírito Santo como uma continuidade das festas barrocas no Brasil, pois se identifica nela simbolismos do catolicismo popular e da religiosidade africana.

Sobre as características dessa época, pode-se afirmar que o Barroco surge em meio à crise dos valores renascentistas ocasionada pelas lutas religiosas e econômicas por volta de 1800, início do século XVIII, época que as festas do Divino Espírito Santo começaram sua expansão. É nessa época também que o Barroco é obrigado a restaurar a idéia de uma ordem em que a natureza, a vida social e o poder político suspendem-se a uma esfera sobrenatural. E, no que tange a esse período, as festas cívicas bem como as religiosas foram diretamente influenciadas pelo rebuscamento do Barroco (MILHEIRO, 1996).

Durante as festas eram ensinadas à população pela classe dominante, a hierarquia social e o lugar de cada um, e também uma forma de igualdade radical de todos em face ao reino de Deus (MALUF, 2001).

Nas pesquisas sobre as festas coloniais e, conseqüentemente, as do Divino Espírito Santo, assim como descreve os autores Abreu (1999) e Mello de Moraes (1999) em suas obras, o que chamava mais atenção era a descrição dos elementos que compunham as festividades, desde sua arquitetura até os elementos visuais e sonoros. Semelhanças que percebemos nas formas populares de cultura e sua ancestralidade barroca.

Assim, como aponta Maluf (2001, p. 04) que,

a partir da matriz ibérica comum da festa e, ao mesmo tempo, as rupturas, as transformações e a produção de novos significados, em função das variações de história local e regional, contexto sociopolítico, composição étnica

dos grupos em presença. Isto tudo é o que, em conjunto, faz ver a extensão e a profundidade do legado barroco que a cultura da festa carrega consigo. Por isso, em nossa cultura, o domínio do barroco não pode resumir-se no mundo do que se convencionou chamar *obras de arte* (**grifo do autor**).

As festas barrocas, que além de unir música, canto, dança, decoração e luzes, eram sinônimo de ostentação e fidedigno espetáculo de cores e emoções. Rui Bebiano (1989) explica que a festa barroca era uma atividade artística que continha traços que lhe davam características originais, organizada como um grande espetáculo destinado a fazer fluir e influir o poder e, acima de tudo, mostrá-lo para a população. “No conjunto, constitui momento de jogo, tão caro à sensibilidade da época, entre a sedução do excesso e a decepção pela fugacidade” (BEBIANO, 1989, p. 189).

Na Época Barroca, quando a festa atingiu seu apogeu, Milheiro (1996, p. 74) explica que

[...] a festa atingiu o seu máximo esplendor na Época Barroca, mas não morreu com ela. [...] sempre seria uma necessidade humana. Na Festa, os homens realizam-se como seres sociais, podendo reunir-se para comunicar as suas crenças, os seus temores, as suas esperanças, as suas tristezas e os seus prazeres. [...] A Festa nas suas múltiplas facetas, religiosa ou profana, popular ou erudita levou à concepção de uma Arte Efêmera e de vida curta como a própria festa.

Ao longo do século XVIII a Arte Efêmera adquiriu uma posição superior com relação aos séculos anteriores. É nessa época que o Barroco apresenta o tom (efêmero, nesse caso) das festividades e até da arte, que passa a ser pensada e construída em materiais perecíveis e frágeis como a madeira, o papel e os tecidos que até poderiam ser reutilizados porém, não garantiriam uma longa conservação ou durabilidade.

É, todavia, difícil encontrar vestígios significativos dessa arte, na qual por vezes vultos de nome se aplicaram, dado ter sido, pelo caráter perecível dos materiais utilizados (madeira, cartão, vidro, pano, latão, barro, porcelana), de vida efêmera” (BEBIANO, 1989, p. 189).

Nas festas barrocas presencia-se a suntuosidade da realeza que se envolve toda em promoção desses espetáculos organizados e orientados para servirem como ritual de submissão da sociedade perante seus superiores, como por exemplo, além dos reis e rainhas, a própria igreja e a aristocracia do século XVIII.

A mentalidade barroca, como forma de estar, pensar e agir está ligada ao conceito de absolutismo. [...] um dos meios mais eficazes para atingir este fim era manter as massas em festas. O próprio rei aparecia frequentemente em festas de rua. A festa torna-se assim uma celebração institucionalizada. Ela aturde igualmente aqueles que mandam e aqueles que obedecem. São momentos de ruptura na rotina do quotidiano que afastam e distraem dos problemas reais da vida (MILHEIRO, 1991, p. 369).

Dentre as festas religiosas na época barroca podem-se destacar as procissões como as mais importantes, pois nelas se celebrava o nome de Cristo, da Virgem ou dos Santos; pedir as melhoras do Rei, caso estivesse enfermo; agradecer ter escapado de algum problema ou outros favores divinos; penitência pelos pecados cometidos; além de pregação e anunciação do verdadeiro Deus. Faziam-se procissões por tudo e para tudo. Todas imponentes, festivas e coloridas, onde, por vezes, se misturavam as máscaras e os carros alegóricos (MILHEIRO, 1991).

2.1. Portugal, suas festas e o Espírito Santo

A festa israelita para a celebração de Pentecostes - que de acordo com o Novo Testamento da Bíblia Sagrada marca no calendário cristão a descida do Espírito Santo sobre a Virgem Maria e os apóstolos e o início da expansão da Igreja no mundo –

tem origem remota em cultos pagãos cananeus⁸ ligados à terra e à colheita dos cereais (MARQUES, 2000).

A festa de Pentecostes ainda dava lugar às manifestações comunitárias de regozijo e alegria quando as pessoas do campo juntavam-se na cidade mais próxima indo em procissão, cantando e dançando⁹. Sendo assim, a celebração do dia de Pentecostes¹⁰ caracteriza-se como uma festa cristã comunitária, um sinal de partilha e de compromisso na missão de reunir o mundo em torno da mensagem de Cristo (MARQUES, 2000).

O culto do Espírito Santo era misterioso, quase esotérico. As suas raízes cristãs, ainda que evidente, misturam-se com rituais pagãos consubstanciados

numa apropriação, por uma religião popular ou, mais exatamente, por um cristianismo popularizado, do tema da renovação que proclama um dia de celebração litúrgica, enaltecendo o Sopro de Deus que “renova a superfície da terra (MATA, 2000, p. 22).

⁸ Na verdade, as três grandes solenidades do povo da Antiga Aliança eram: a festa das primícias dos campos, a das messes e a das colheitas, no fim do ano agrícola. A primeira, denominada dos Ázimos, tem o cunho, de facto, de uma celebração agrária no Livro dos Números (c. XXVIII) e no Levítico (c. XXIII) a da oferta dos primeiros frutos, a que veio a associar-se a comemoração da saída do Egípto; a segunda é de acção de graças pelas searas maduras oferecendo-se as primícias colhidas, 50 dias depois de a foice haver começado a cortar os cereais sazonados, chamada Festa das Semanas ou Pentecostes; a terceira, no termo das colheitas, tem o nome de Tabernáculos (MARQUES, 2000, p. 650).

⁹ Após exílio da Babilônia, esta celebração agrícola transformou-se, para certos judeus, na festa da renovação da aliança de Deus com o povo eleito e da entrega da Lei no Sinai a Moisés, constando de um banquete coletivo seguido de uma vigília (MARQUES, 2000, p. 650)

¹⁰ Mesmo que se aceite terem sido as doutrinas joaquimitas [...] assimilou-lhes o espírito a rainha Santa Isabel, filha de Pedro III de Aragão e Constança da Sicília, regiões onde pontificaram “os dois apóstolos máximos do joaquimismo espiritualista”, Raimundo Lulo e Arnaldo de Vilanova, com o qual a esposa de D. Dinis se relacionou, que conheciam bem os meios judaicos e mouros peninsulares e norte-africanos e se empenharam por converte-los à fé católica. Por sua vez, tiveram as idéias joaquimitas difusores entusiastas nos espirituais franciscanos com os quais a caritativa soberana teve tão estreitíssimas ligações.

Crê-se que a igreja ‘cristianizou’ uma celebração pagã que fazia parte de uma cultura popular e, sobretudo, folclórica. Assim como explica Mata (2000, p. 23-24), ao afirmar que a Igreja não desfaz determinada crença ou ritual, antes de tudo, ela batiza determinada manifestação

[...] apropria-se dos quadros espacio-temporais e mesmo certas formas de culto pagão e converte esses lugares, tempos e práticas em culto cristão. [...] A herança pagã do culto do Espírito Santo e verifica-se em diferentes momentos [...] o papel central do ciclo solar. No calendário eclesástico cristão os momentos litúrgicos “positivos” andam associados aos dois solstícios: o Natal e o Pentecostes, relacionados respectivamente com os solstícios de Inverno (25 de Dezembro) e de Verão (24 de Junho).

Lopes (2004), Milheiro (1996) e Benevides (2009) explicam que o que ocasionou a expansão do culto ao Espírito Santo foi a divulgação por toda a Europa Ocidental¹¹, durante o século XII, dos cultos espiritistas; a influência fomentadora de ordens religiosas como os franciscanos¹²; o patrocínio do poder real e, por arrastamento, das classes sociais mais abastadas; caráter caritativo do bodo¹³ aos pobres, o que tinha grande popularidade;

¹¹ Para ver mais sobre esse devoção à Terceira Pessoa da Trindade, que se estende desde os estados germânicos à Península Ibérica, indico FÜLOP-MILLER, René. *Os Grandes Sonhos da Humanidade*. Livraria Globo: Porto Alegre, 1937.

¹² Entre estudiosos existe uma versão de que, embora a Rainha D. Isabel fez construir um Império do Espírito Santo, o instituidor do culto ao Divino Espírito Santo é o monge cisterciense Joaquim de Fiori que viveu de 1135 a 1202, sendo considerado um santo e cujo ideário havia se difundido na Europa. A ele é atribuído a difusão de idéias que originou o franciscanismo, na defesa de uma igreja mais ligada aos pobres. Com a colonização do Brasil, presume-se que inúmeros adeptos da nova crença migraram para as terras brasileiras, aí difundindo o culto ao Divino Espírito Santo (LEAL, 2004).

¹³ Conforme as pesquisas que realizamos, o Bodo era os alimentos doados no dia da festa, um presente do Espírito Santo aos seus devotos.

cortejos e cerimoniais ricos e suntuosos, com espetáculos impressionantes; e implementação desse culto preferencialmente em zonas de influência dos grandes centros.

Poucos são os dados conhecidos respeitantes à existência de festas consagradas ao Espírito Santo anteriores à implementação do modelo alquerense que é suposto ter sido uma criação da “rainha santa” em fim do século XIII ou, mais precisamente, em 1295. [...] essas festividades constavam faustosos, nos quais uma confraria procedia à distribuição de alimentos, num bodo aos pobres e desprotegidos. Bodo esse decorrente, total ou predominantemente, da contribuição de diversos confrades. [...] as primeiras confrarias do Espírito Santo de que há notícia surgem invariavelmente associadas a albergarias e hospitais da mesma invocação que mais tarde se hão-de-transformar em hospitais da Misericórdia. [...] as confrarias do Espírito Santo se enquadram num contexto mais vasto de múltiplas e diversificadas irmandades medievais, com as quais partilharam durante muito tempo, muitos dos seus caracteres mais ou menos paradigmáticos (LOPES, 2004, p. 97).

Os franciscanos também tiveram um papel importante na disseminação do culto ao Espírito Santo onde, conforme aponta Leal (2004), no final da Idade Média “as ordens mendicantes são responsáveis por essas práticas devocionais, especialmente, os franciscanos que desde o século XII fomentaram as novas formas de piedade.” Até final do século XI, toda a Europa já contava com mais de 8 mil conventos e 200 mil membros comandados pelos franciscanos, além de quatro hospitais. Isso, antes do crescimento do culto ao Espírito Santo em Portugal, que até 1321 não se conhecia nenhuma igreja referente ao Espírito Santo. Até o final do século XVI, o culto alastrou-se a 75 cidades, vilas e aldeias, cerca de 80 hospitais e albergarias e um milhar de capelas, conventos e ermidas. Segundo Leal (2004), nos Açores o povoamento se fez essencialmente sob a ação cristianizadora dos franciscanos.

É nesse período que surgem as confrarias¹⁴ e irmandades que estiveram presentes em quase todas as grandes festas religiosas que possuía o calendário litúrgico, dinamizando os cultos promovidos pelas autoridades eclesiásticas (PENTEADO, 2000).

Dessa forma, deram um precioso contributo para a vivência coletiva da fé e para o reforço dos tempos e das relações de sociabilidade entre os fiéis, principalmente através das múltiplas celebrações religiosas e festividades que organizavam ou em que participavam. Esse aspecto permitiu-lhes conquistar uma posição de destaque no conjunto das estruturas orgânicas aceites pelas Igrejas para enquadrar a vida social e religiosa dos leigos, embora a sua importância deva ser reconhecida por um leque mais vasto de intervenções que ajudaram ao fortalecimento do catolicismo em Portugal, no período em estudo. [...] As confrarias e irmandades afirmaram-lhe ainda no Portugal dos tempos modernos pelo fato de permitirem maiores oportunidades de exercício do poder ao nível local, através da multiplicação dos seus cargos dirigentes, alguns deles de grande prestígio e muito disputados, ou pelo fato de criarem sucessivas oportunidades de exibição social, a partir de manifestações culturais ou caritativas de caráter público (PENTEADO, 2000, p. 323).

A Época Moderna foi marcada por acentuar padrões de admissão e de exclusão das confrarias/irmandades, que condicionavam a sua composição social. Para Penteado (2000, p.

¹⁴ Uma importância testemunhada pelo fato de as confrarias terem estado presentes em quase todas as comunidades, de norte a sul do país. A maior parte delas através da sua ação assegurou a multiplicação e o fulgor das cerimônias religiosas, favoreceu a proliferação e o esplendor dos espaços de culto, garantiu uma maior procura dos atos públicos de fé e de outras formas de devoção e piedade, possibilitou uma melhor orientação doutrinal, incentivou a procura dos sacramentos e das indulgências, estimulou o amor ao próximo e o auxílio material e espiritual aos mais necessitados, contribuindo assim para a caminhada dos fiéis em direção à salvação individual (PENTEADO, 2000).

331) muitas das confrarias desse período, principalmente entre os finais dos séculos XVI e XVIII, só “aceitavam em seu seio, cristãos com boa capacidade econômica, com limpo sangue, sem raça alguma de judeu, mouro, nem descendentes de outra infecta nação”, os cristãos-novos e os mais necessitados entre outros eram os que teoricamente não faziam parte destas associações.

Lopes (2004, p. 75-76) explica que os estudos mais significativos com respeito a confraria do Espírito Santo de Benavente são de Alvaro D’Azevedo onde aponta que teve

[...] origem possivelmente em 1232 e se extinguiu cerca de 1560, para lhe suceder a confraria e irmandade da misericórdia. [...] Parece, portanto, ser esta a primeira confraria do Espírito Santo que se conhece com fundamentos sustentados e que dela constava, inequivocamente, o hábito e a obrigação de, no dia Espírito Santo, se distribuir aos pobres num cortejo cerimonial um bodo de pão e carne, inserido este num contexto mais vasto das práticas caritativas próprias deste tipo de irmandades, quotidianamente responsáveis, não o esqueçamos, por hospitais, albergarias, etc.

O mesmo culto já existia em 1269 e conforme aponta o antropólogo Aurélio Lopes (2004, p. 74), no século XIII surge culto ao Espírito Santo em Portugal,

[...] inclusive, as primeiras décadas nos mostram um cerimonial já existente em Benavente e Santarém (por menos), tal coincide com a entrada da “ordem menor” em Portugal cerca de 1216/1218. Aliás, apesar de ser apenas “em 1260 (que, oficialmente) se introduz no calendário da ordem dos frades menores a Festa da Santíssima Trindade, (nessa altura, a mesma, era) já celebrada em algumas regiões europeias, como, aliás, em Portugal. Em 1334, finalmente, João XXII “estende-la-á a toda a Igreja”.

Abordando mais especificamente uma festa singular registrada em Portugal, encontra-se as festas do Espírito Santo,

que apesar de existirem outras referências do início¹⁵ dessas festividades com características similares, porém em outros contextos, sobretudo na França, são específicas da cultura popular portuguesa.

Tendo conhecido no continente uma difusão bastante ampla – particularmente no centro e no sul do país – as Festas do Espírito Santo irradiaram ainda, a partir do continente, para territórios povoados e colonizados pelos portugueses. A sua existência é conhecida na Madeira e no Brasil. Mas foi sobretudo no arquipélago dos Açores – onde a sua origem parece remontar aos tempos iniciais do povoamento – que elas conheceram um desenvolvimento mais importante. E, é lá, num quadro genericamente caracterizado hoje em dia – tanto no continente como na Madeira – pelo seu declínio e quase desaparecimento, que as Festas do Espírito Santo guardam intacta a sua relevância. Atestada pela sua presença exaustiva em todas as freguesias do arquipélago, esta vitalidade das Festas do Espírito Santo expressa-se ainda no modo como, a partir dos Açores, elas se difundiram nos principais contextos de acolhimento da emigração açoriana: o Brasil, no passado, e os EUA e o Canadá, mais recentemente (LEAL, 1994, p. 15).

De acordo com Volpatto (2006), a festa passou também pela França¹⁶ com o nome de “Folia do Bispo Inocente”

¹⁵ Outra teoria sobre o início da festa está em Piazza *apud* Pereira (2005, p. 25) de que as festividades do Divino Espírito Santo são oriundas dos “Estados Alemães” onde, inicialmente, foi praticada durante a dinastia dos Othons¹⁵ e destinava-se a lançar fundamentos de uma instituição, que, na forma de um banco formado de esmolos, acudisse aos pobres nos anos de penúria. Logo depois nasceram os festejos religiosos que invocavam o culto ao Divino Espírito Santo fazendo com que esse costume expandisse por toda a Europa (ABREU, 1999).

¹⁶ Há relatos de que na França, no século XVI, aconteciam os “royames” ou “reynages”, onde reis e rainhas, geralmente os mecenas da festa, eram eleitos e gozavam de soberania sobre os “irmãos” do santo padroeiro. [...] A pouca presença dos “reinados” cristãos no período colonial pode ser fruto da condenação que esses ritos vinham sofrendo na Europa pela Igreja oficial,

solenizada anualmente em São Martinho, de Tours. Daí, a chegada da festa à Península Ibérica, Portugal e suas colônias foi questão de tempo.

De um modo geral, as festas do Espírito Santo tiveram um ciclo de implementação, expansão e decadência na história de Portugal. A sua fase de implementação constituiu-se (possivelmente) no início do século XIII até a implantação do modelo “império” em Alenquer, no início do século XIV. A fase de expansão foi no início do século XIV até meados dos séculos XVI e, por fim, a fase de decadência vai do final do século XVI até nossos dias, com maior ou menor intensidade e linearidade (LOPES, 2004).

Conforme grande parte da bibliografia pesquisada, a festa tem seu início no começo do século XIV, na Vila de Alenquer, próxima a cidade de Lisboa, em Portugal. Segundo reportagens de jornais alenquerenses, há sete séculos que o culto ao Divino se iniciou em Alenquer e que durou 500 anos. A tradição local fixou no ano de 1321 como o da fundação de uma Casa, Igreja e festejos por iniciativa da Rainha Santa Isabel, que rapidamente se espalharam por todo o reino e acabaram por chegar ao Brasil, África, Índia, Canadá, Estados Unidos, entre outros (LEAL, 1994).

No entanto, tal tradição de que a Rainha Santa Isabel (ver Figura 1) é a precursora do culto ao Espírito Santo é contrariada pela existência de documentação mais antiga, que se refere à existência de modelos culturais desta natureza anteriores, ligados intimamente às confrarias do Espírito Santo e cujos dados, apesar de escassos, parecem (se tomados em termos globais) irrefutáveis (LOPES, 2004).

segundo Yves-Marie Bercé, desde meados do século XVI. Lá, tais restrições contribuíram para o desaparecimento da eleição de adultos – substituídos por crianças – da caridade mútua e da ordem real para a realização de divertimentos e alegrias, permanecendo apenas a organização da devoção.



Figura 1 Gravura representando a fisionomia da Rainha Santa Isabel
Fonte: BENEVIDES, 2009

O autor reforça ainda que

[...] muito se tem escrito sobre o papel desempenhado pela Rainha Santa Isabel na implementação do culto do Espírito Santo no nosso país. A tradição atribui-lhe, em absoluto, a sua criação. Correia de Lacerda, Bispo do Porto, garante que a mesma recebeu por inspiração divina a missão de construir a Igreja do Espírito Santo em Alenquer. [...] Após a construção começaram a solenidade da coroação do imperador, onde a Rainha chamou a nobreza e a pessoas de diversas hierarquias. Nessa mesma época, teria também iniciado a respectiva confraria para louvor do Espírito Santo e as doações aos pobres (LOPES, 2004, p. 75).

Para Lopes (2004), Alenquer marcou uma etapa determinante, quicá primordial, na implantação do “império” e que neste teve papel de grande significância a rainha Isabel de Aragão e é este modelo¹⁷ que vai se espalhar por todo o país nos séculos XIV e XV e que, a partir do continente, vai chegar às ilhas da Madeira e Açores, com continuidade até os dias de hoje.

Isso faz com que de qualquer forma e referente aos dados existentes, Alenquer constitui-se como a grande festa modelo da qual, direta ou indiretamente, evoluíram todos os impérios encontrados no espaço português e brasileiro.

Um âmbito de divulgação mais vasto do que se suponha do modelo “império” nas diversas confrarias realizavam entre nós na época medieval, mesmo que não seja visível uma grandiosidade de realização análoga à que encontramos em Alenquer, e que irá depois impregnar, um pouco por todo o país, os impérios do Espírito Santo. [...] a fórmula paradigmática do “império” (pelo menos nos seus caracteres simbólicos mais significativos) não foi como se poderia pensar numa primeira análise, exclusiva das festas do Espírito Santo, mas chegou, inclusive, a configurar outro tipo de festividades consagradas a santos diversos (LOPES, 2004, p. 99-100).

Seguindo esse raciocínio, o modelo da festa do Espírito Santo era basicamente realizado no período pentecostal em parte dos Açores, no Brasil e em alguns lugares da Portugal continental. Começava no Domingo de Páscoa até o Domingo de Pentecostes ou chamado também de Domingo do Espírito Santo.

Portugal estava inserido no conjunto dos países católicos onde as festas religiosas, principalmente as procissões, tiveram uma enorme significância no cotidiano dessas sociedades. A procissão considerada um espetáculo teatral propagandeava o poder da realeza e moralidade que a população deveria seguir, ou

¹⁷ Pelo menos a avaliar pelos dados fornecidos (veiculadores com certeza de uma forte tradição) por todo um conjunto de cronistas do século XVII, como D. Rodrigo da Cunha, Frei Manuel da Esperança, Padre Manoel Fernandes ou Frei Francisco Brandão (LOPES, 2004).

seja, as procissões demonstravam uma correta conduta de vida cristã e tinham a constante presença da igreja.

[...] rara seria a semana, ou mesmo o dia, em que não se pudesse assistir a uma destas manifestações religiosas. Tudo era pretexto para se evocar, recorrendo à procissão. No nascimento de um príncipe, na doença ou nas melhoras do monarca ou de qualquer outro membro da família real, no seu aniversário, a procissão estava sempre presente. No dia de santo patrono, deste ou daquele templo, em tempo de canonização, em períodos de seca, em tempo de graça, [...] A procissão, mais do que um momento de reflexão, assumia-se, desde tempos remotos, como uma atracção, como um espectáculo. [...] imenso público nos seus percursos e davam à cidade um aspecto festivo, [...] As procissões traziam o sagrado à rua, sacralizando-a. Eram, ao mesmo tempo, actos de piedade, de regozijo e exibição (TEDIM, 2001, p. 217).

Dentre as outras celebrações que poderiam ser encontradas no cenário festivo português estavam as entradas públicas reais, os desfiles e os passeios fluviais da corte, as missas mais solenes, os autos-de-fé, as touradas, as primeiras óperas, as manobras e desfiles militares. Todos os rituais se desenvolviam de modo festivo e teatral, envolvendo a multidão sempre presente, fazendo parte do espetáculo os carros alegóricos, mecanismos engenhosos, fogos de artifício, luminárias, concertos, repiques de sinos, descargas de artilharia, sem contar com engenharia de vários profissionais que proporcionam a grandeza dessas celebrações (LOPES, 2004).

Todos esses rituais decorriam seguindo a forma de um cortejo, o qual percorria certas ruas da cidade, previamente enfeitadas com uma série de arcos triunfais, sempre profusamente decorados com motivos alusivos ao tema da festa.

Tanto Portugal como o mundo colonial brasileiro dos séculos XVI e XVII legaram-nos uma enorme quantidade de vestígios que testemunham, de forma bem eloqüente, a grandiosidade das cerimônias realizadas nessa época. Com

base nesses vestígios é fácil ter idéia do grande investimento que era feito nessas festas, tanto material como simbolicamente. Esse grande número de festividades demonstra bem que as autoridades estavam a interessar-se pelo impacto de tais eventos na luta política, numa época em que a reputação e a representação simbólica do poderio desempenhavam papel de cada vez maior importância (CARDIM, 2001, p. 97).

As festas transformavam a cidade em espaço teatral, principalmente, devido a arquitetura efêmera criada para ela, pois a arte fazia a junção do louvor com o que era festejado. Até a decoração do interior das igrejas eram luxuosas, em que

apresentaram decorações mais suntuosas e de uma forma especial nas Exéquias dos Arcebispos ou de membros da Família Real, nas festas do Corpo de Cristo e nas celebrações em honra dos Santos (MILHEIRO, 2003, p. 459).

Em Portugal duas festividades eram bem recorrentes: os cortejos e as entradas solenes. Durante os cortejos desfilavam vários carros alegóricos e enormes multidões reuniam-se no percurso por onde eles passavam. Os carros que compunham o cortejo eram construídos e preparados com a finalidade de transmitirem uma mensagem, que geralmente se tornava predominante nas festas. As entradas solenes envolviam componentes católicos, onde a realeza se apropriava dos símbolos religiosos para fortalecer a imagem de ‘enviados de Deus’ perante a população.

Por outro lado, as entradas solenes, enquanto cortejos faziam lembrar as procissões, as quais constituíam rituais religiosos por excelência. E o elemento cristão marcava muitas outras facetas da festividade, como por exemplo, a presença dos principais dignitários da Igreja em alguns lugares de maior destaque da festa e, sobretudo, o fato de o monarca, os demais membros da sua família e o restante cortejo visitarem espaços religiosos [...] numa solenidade

dotada inicialmente de um caráter profano era instaurar uma atmosfera quase sacramental (CARDIM, 2001, p. 106).

As festas surgiram no início do século XIV acarretando todo um conjunto de comportamentos rituais associados, apresentando um Imperador e dois reis (que representavam a Santíssima Trindade), com o momento da coroação com três coroas de prata, além da participação de homens bons, nobres, burgueses das cidades e das vilas do reino durante os desfiles cerimoniais entre igrejas matrizes, conventos e templos consagrados ao Espírito Santo. Havia o bodo¹⁸, incluindo pão e carne, assinalado como esmola distribuída aos pobres e necessitados, caracterizando uma forma de homenagem e louvar à divindade, além da realização de bailes reais.

Marta Abreu (1999) aponta em seu livro *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900* que a “religiosidade na Europa dissolveu-se sob ação das Reformas, principalmente a Protestante, após o século XVII, no mundo ibérico, em especial na colônia portuguesa, diferentemente, ela persistiria, impregnada de influências africanas e populares”.

As razões históricas e sócio-culturais que auxiliaram no desaparecimento do culto ao Espírito Santo na Europa e até mesmo em Portugal continental foram apresentadas por Lopes (2004, p. 127), onde, dentre as principais, estão:

[...] a ação da Inquisição a partir de 1540; Influência do Concílio de Trento realizado entre 1545 e 1563; Modelo festivo que assenta numa divindade de invocação etérea e abstracta (o Espírito Santo) geradora de relações devocionais pouco intensas e duradouras; Competições com outros cultos (respeitantes aos santos) implantados

¹⁸ Os bodos em um determinado período sofrem algumas alterações e fortes restrições e até proibições. Desde o continente dos Açores, constitui o elemento dos festejos que consagra o convívio fraterno e a partilha pelos pobres da comunidade das oferendas recolhidas em que predomina o pão e a carne (ABREU, 1999).

há mais tempo, de devoção mais intensa, ligados telúria e etnicamente ao lugar/aldeia e reportando-se a divindades taumaturgicas de raízes culturais remotas; Festas que assentam em sinergias de fomento institucional que ao desaparecerem ou atenuarem a sua ação lhes retira as condições de viabilidade.

Pesquisadores portugueses confirmam que, no geral, a distribuição de esmolas e os pedidos contra a peste e pragas eram recorrentes, como as festas pagãs da Primavera que comemoravam a abundância da vida que era renovada após o inverno, com fartura de alimentos, uma das características fortes das festas do Divino Espírito Santo.

Ou ainda, a construção de uma casa próxima ao centro das comemorações que chamavam de império, que seria o local onde os “imperadores” ficariam abrigados para comandar as festividades de lá e representava “o palácio de onde saía a rainha Santa Isabel em procissão, levando sua real coroa encimada por uma pombinha” – símbolo do Espírito Santo (ABREU, 1999, p. 39-40).

Das festas religiosas que também faziam uso de procissões e cortejos, a festa do Espírito Santo foi uma das principais manifestações religiosas que, além de ser celebrada em todo o continente português, ultrapassou as fronteiras oceânicas chegando ao Brasil onde foi assimilada, repassada e celebrada pelos portugueses em diversas regiões do país.

2.2. As festas do Divino Espírito Santo no Brasil

No Brasil encontramos nas procissões, nas entradas solenes, nos cortejos e em outras festividades elementos que tornavam os rituais mais discriminatórios e hierarquizados. Pedro Cardim (2001, p. 122) expõe que

um dos aspectos mais marcantes da colonização portuguesa em terras brasileiras foi o estabelecimento de uma estrutura comunitária fortemente hierarquizada e

discriminatória, com laços de submissão claramente definidos e com diferenças estatutárias muito acentuadas. Para além de ter ditado a exclusão de boa parte da população nativa e africana, esse modelo comunitário instaurou um sistema político que relegava as autoridades brasileiras para uma posição de subordinação em relação à metrópole, e as entradas solenes que assinalavam a chegada do representante da Casa Real de Lisboa refletiam, necessariamente, essa subordinação.

Outro autor que aponta essa subordinação é Tinhorão (2000) citado por Marques de Melo (2000, p. 59), que contesta a popularidade dessas festas no Brasil colonial em que considera que elas foram ‘impostas’ pelas elites portuguesas. Essas festas eram basicamente de caráter oficial e religiosa.

Assim, o que durante mais de duzentos anos se registra como aproveitamento coletivo do lazer na colônia americana de Portugal não seriam propriamente festas dedicadas à fruição do impulso individual para o lúdico, mas momentos de sociabilidade festiva, propiciados ora por efemérides ligadas ao poder do Estado, ora pelo calendário religioso estabelecido pelo poder espiritual da Igreja (ABREU, 1999).

Os franciscanos tiveram grande contribuição para a expansão das festividades do Espírito Santo. Nos Açores, sabe-se que o povoamento se fez essencialmente sob a ação cristianizadora dos franciscanos, sendo que hoje é um dos lugares em Portugal mundialmente conhecidos por comemorarem essa festa religiosa.

Posteriores migrações levaram madeirenses e açorianos (principalmente) para terras de Vera Cruz, nos séculos XVIII e XIX. [...], o vasto território brasileiro vai acolher tais festividades impregnando-as muitas vezes de influências místico-culturais de proveniências africanas e ameríndias. Por entre elas, são, porém claramente visíveis, as simbologias mais ou menos perenes de coroas, “imperadores”, bandeiras ou pombas. Enquadrando-as

prefiguram-se mastros, cortejos, refeições coletivas, “folias do divino”. A isto se fundiram, como que em simbiose, práticas que as heterogêneas matrizes brasileiras consubstanciam, dando origem a tradições sincréticas como as “cavahadas”, danças folclóricas diversas, “subidas” e “descidas de canoas” ou singularidades como o Çairé (LOPES, 2004, p. 393).

As escassas e pouco precisas referências que possuímos acerca das origens das Festas do Divino em terras brasileiras, ainda hoje vivas, nos remetem principalmente para o período compreendido entre o primeiro e o terceiro quarto do século XIX embora, por exemplo, em Pirenópolis no Estado de Goiás, a mesma parece ter sido introduzida em meados do século XVIII, à semelhança, aliás, de Guaratinguetá, no Estado de São Paulo (de que existem informações remontando a 1751) ou, ainda, de São Salvador da Baía, respeitando neste caso a data de 1765 e provenientes da Igreja de Santo Antonio Além do Carmo (LOPES, 2004).

Ao traçar o caminho da Festa do Divino Espírito Santo pelo Brasil, a base desta pesquisa se dá pela obra da historiadora Marta Abreu (1999), que realizou estudo sobre essas comemorações no Rio de Janeiro, durante o século XIX, e explica que tais festas confundiam as práticas sagradas com as profanas, tanto nas comemorações na rua como nas que eram realizadas dentro das igrejas, organizadas pelas irmandades em homenagem aos santos padroeiros ou outros de devoção, configurando como o momento máximo da vida dessas associações.

Nesses momentos, as missas apresentavam músicas profanas, bem como os sermões, novenas e procissões, sem mencionar partes importantes que não poderiam faltar como as danças, fogos de artifícios e barracas de comidas e bebidas. A população escrava ou negra, na maior parte dessas missas, sempre mostrava suas músicas, danças e batuques.

Apesar da herança recebida, que incluía o regime de união entre o Estado e a Igreja e a determinação do caráter

oficial e nacional do catolicismo, estabelecido na própria Constituição de 1824, visualizam-se importantes indicativos de mudanças. Após 1830, as comemorações especificamente negras e seus batuques passaram a ser cerceados e poucas notícias temos deles a partir daí. Até o final do século, o número e a pompa das procissões diminuíram; as tradicionais festas perderam popularidade e a do Divino Espírito Santo, a maior delas, transformou-se numa festa de paróquia. As irmandades, por sua vez, sofreram sérias críticas e alterações no seu antigo papel. Os próprios testemunhos de época apontaram para as mudanças, lamentando saudosamente a decadência das festas religiosas e das procissões (ABREU, 1999, p. 36).

Abreu (1999) explica em seu trabalho que o Espírito Santo no Rio de Janeiro, nos anos de 1830 a 1900, só perdia em popularidade para Santo Antonio e São João e acrescenta, ainda, que nessa época,

[...] os principais símbolos rituais da festa portuguesa e europeia são as folias, a coroação de um imperador e o império; as comemorações profanas com atos religiosos, fatura de alimentos vendidos os leiloados sempre preocupados com os pobres da cidade. A configuração brasileira da preocupação dos pobres das irmandades do Espírito Santo era de que no dia de Pentecostes eles forneciam alimentos aos presos no Aljube, prédio que serviu de prisão até 1835. Sempre preocupados com escravos e negros pobres (ABREU, 1999, p. 42).

Em 1808, com a chegada da Família Real no Brasil, Abreu (1999) explica que a cidade colonial do Rio de Janeiro passou a ser “o centro do mundo luso-brasileiro”. A população aumentou bastante e a presença de escravos africanos e imigrantes europeus (camponeses portugueses e dos Açores, artesãos franceses, comerciantes ingleses e mercenários alemães) fez com que eles se organizassem e comparecessem às festas do Divino como forma

de socialização e reencontro com os símbolos¹⁹ cristãos, principalmente, a pomba²⁰. “Ao mesmo tempo, jamais deixariam de imprimir os seus próprios desejos e paixões, criando e recriando novos sentidos para aquelas manifestações. As festas, afinal, pertencem ao contexto social que as comemora e produz, impondo seus próprios impulsos e cores.”

Para ela,

[...] as homenagens ao Espírito Santo eram importantes por si só; não estavam ligadas a um tipo específico de prece espiritual – ou a um determinado segmento social – a não ser a proteção geral aos pobres. Falavam sempre de muita alegria, prazer, comidas e bebidas; apresentavam o Divino como amigo dos pobres e consolador após a morte; ajudavam recolher esmolas, elogiavam quem contribuísse, prometendo-lhe muitas graças (ABREU, 1999, p. 47).

Marta Abreu (1999) expõe que a população foi a maior responsável por disseminar o catolicismo barroco no Rio de Janeiro, principalmente as festas do Divino Espírito Santo, a princípio, uma festa real e religiosa que acentuou a identificação

¹⁹ Ewbank registrou em 1846 um detalhe da faixa da Ordem de Cristo que representava a lembrança simbólica dos reis fundadores do culto em Portugal, pois a Ordem de Cristo, uma ordem militar portuguesa e herdeira dos templários, fora estabelecida no século XIV, nada mais nada menos do que pelo rei dom Diniz, para homenagear os que combatiam os infiéis. De acordo com a descrição e desenho de Debret, a condecoração era formada por uma cruz branca muito estreita, colocada no campo vermelho de outra mais larga, de metal (as cores do Divino Espírito Santo), e o conjunto era cercado de raios de prata (lembrando a iluminação produzida pela descida da pombinha à terra). É significativo que, frente a outras semelhanças, eu não tenha encontrado indicações da presença desta faixa entre os imperadores das festas atuais de Parati ou de Pirenópolis (ABREU, 1999).

²⁰ A pomba sagrada representa a Terceira pessoa da Santíssima Trindade, o Espírito Santo, que descia dos céus sob a forma de línguas de fogo, sobre as cabeças dos apóstolos e fiéis, estava ligada ao renascimento espiritual através da distribuição de seus inúmeros dons e graças – amor de Deus, sabedoria, paz, santificação, bondade, abundância, alegria, proteção contra pragas e doenças.

entre rei e religião, que pretendia fortalecer a aliança entre colonizadores e colonos para consolidação de uma política do Estado Mercantilista português. Ela afirma, ainda, que as comemorações eram repletas de paganismo, politeísmo, superstições e feitiços atraindo negros, o que facilitava a adesão e transformação dos mesmos.

Sobre o tempo de duração da festa nesse período, ela variou durante o século XIX, chegando a ultrapassar mais de 90 dias. A festa reunia ao seu redor a movimentação do comércio, devido às compras da irmandade, feira livre, trabalho desenvolvido na decoração, artistas que organizavam os espetáculos (sempre com fogos de artifício), além da venda de velas, santos, imagens de todos os preços e qualidade (geralmente em ouro, prata ou estanho), como se vê atualmente em Natividade, nosso campo de pesquisa.

As barracas eram muito mais diversificadas e faziam de tudo para atrair o público, desde a decoração com letreiros, bandeiras, desenhos com cores flamantes, anunciando as atrações, até as “músicas que estrondavam de dentro” e a própria gesticulação e gritaria dos vendedores de sortes e comidas. Em geral, todo ano os barraqueiros tinham que solicitar à irmandade do Espírito Santo a autorização para seus empreendimentos (ABREU, 1999, p. 70).

Já no século XX, as festas do Divino Espírito Santo tomaram corpo e foram celebradas com maior ênfase nas regiões Centro-Oeste e Sudeste, destacando algumas cidades como São Luiz do Paraitinga em São Paulo, Pirenópolis em Goiás e no Tocantins, Monte do Carmo e Natividade. Amaral (1998) explica que

a festa está intimamente ligada ao período de mineração do ouro e se conservou especialmente nas velhas cidades goianas do século XVIII, sendo rara e pouco solene nas cidades que foram fundadas depois do ciclo do ouro.

De alguma forma, as festas do Espírito Santo brasileiras proliferam modelos particularmente diversificados, embora persistam ainda alguns dos componentes místicos e míticos primordiais, como:

[...] freqüentemente o “imperador” e os processos de entronização, quase sempre os tradicionais símbolos de poder bem como o difundir mais ou menos domiciliário de sacralidade em cortejos cerimoniais, a temporalidade pentecostal em grande parte e, ainda, quase sempre, dádivas alimentares aos pobres, fartas refeições coletivas, ou simples distribuições pelo “imperador”, de alimentos rituais ou não (LOPES, 2004, p. 470).

As festas foram introduzidas pelo Brasil com as entradas e bandeiras, conforme apontam alguns autores. Dentre as cidades que apresentam tradição nas comemorações ao Divino Espírito Santo, a cidade de São Luiz do Paraitinga, no Vale do Paraíba, em São Paulo, é apontada como maior pólo de resistência das festas em louvor ao Divino Espírito Santo. A tradição, como na maior parte das cidades brasileiras da época da colônia, foi incorporada no começo do século XIX, porém existe uma divisão na história dessa festa.

De acordo com tais relatos, no período de 1912 à 1941, a festa esteve fracassada devido a falta de apoio da Igreja. Depois deste período ela recomeçou, foi ganhando força e popularizando-se. Hoje ela é uma das maiores da região, arrebatando turistas dos mais variadas localidades do país. A cidade de São Luís do Paraitinga, nos dias da festa, é toda enfeitada com as bandeiras do Divino. Os moradores a penduram nas janelas e portas das casas e comércios. Ao meio dia do Domingo, o dia da festa, grupos folclóricos de Moçambique e congada levam em procissão o mastro do Divino, da Igreja Matriz, São Luís de Tolosa, até a Igreja do Rosário, que fica no alto de uma ladeira. Vários grupos folclóricos (da cidade, da região e até da capital paulista) reúnem-se na festa em louvor ao Divino Espírito Santo e ou para difundir a sua manifestação cultural (MANZANETE, 2008, p. 6-7).

Outro exemplo de festa do Espírito Santo encontrada no Brasil fica no Estado de Goiás, em Pirenópolis, que apresenta em uma primeira abordagem, evidentes semelhanças com o ritual festivo anteriormente descrito com características semelhantes de Alenquer - porém com algumas singularidades em que se proliferam as procissões, “folias”, “cavalhadas”, novenas, danças populares e folclóricas. Sua especificidade principal é a figura do “imperador” que, além de ter um papel de comandar a procissão, é distribuidor de ‘bodos’, o que marca essas práticas cerimoniais populares e comprova os modelos impérios do Espírito Santo que ainda existem nos Açores, Portugal.

Em Pirenópolis, a festa possui poucas variações em torno de sua estrutura básica e símbolos principais do ritual que consistem nas folias, a coroação de um imperador e o império. A esta estrutura básica os agentes da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis vêm incorporando outros ritos e representações, como as encenações de mascarados e cavalhadas, responsáveis pela grande notoriedade da festa, que se realiza nesta cidade a cada ano, desde 1819, durante cerca de 60 dias, com seu ponto alto no Domingo de Pentecostes, cinquenta dias após a Páscoa (PREFEITURA DE PIRENÓPOLIS, 2012).

Os elementos essenciais da festa, por ordem de ocorrência, são: as Folias “da Roça” e “da Rua” que “giram” pela zona rural e pela cidade, levando as bandeiras do Divino e angariando donativos para a festa; a coroa, a figura do Imperador, as cerimônias e rituais do Império, com alvoradas, cortejos, novena, jantares e outras refeições coletivas, missas cantadas, levantamento do mastro, queima de fogos, distribuição de “verônicas²¹”, sorteio e coroação do Imperador; as Cavalhadas, encenações de batalhas medievais entre mouros e cristãos, em honra do Imperador e do Espírito Santo; os Mascarados com máscaras de papel pintado, que circulam a pé e a cavalo pela cidade e pelo Campo das Cavalhadas; o Hino do Divino; o Coral de Nossa Senhora do Rosário; e bandas que marcam os diversos rituais e cerimônias (PREFEITURA DE PIRENÓPOLIS, 2012).

²¹ Docinhos feitos de açúcar puro.

O principal organizador e responsável pela festa é o Imperador, escolhido por meio de sorteio realizado no Domingo do Divino do ano anterior. Em Pirenópolis, o cargo pode ser ocupado por qualquer pessoa, independente da idade ou posição social (os ricos promovem a festa com seus próprios recursos; os pobres, com ajuda do povo). Criado para ser um representante da Família Real e Corte portuguesas, sua função é distribuir alimentos para a população e realizar a libertação simbólica de presos da cidade (ato que, antigamente, acontecia de verdade) (PREFEITURA DE PIRENÓPOLIS, 2012).

Outra diferença encontrada na festa do Espírito Santo de Pirenópolis são as “folias da roça” que Lopes (2004, p. 486) caracteriza-as, expondo que

[...] as folias constituem aqui dois tipos distintos, qualquer deles, contudo, encarregado de solicitar e recolher dádivas para o Divino. Uma tem como área de intervenção as zonas urbanas, é comandada por um “alferes” e entoa cânticos de casa em casa, segundo um itinerário previamente traçado. A sua natureza está muito próxima das “folias” açoreanas que ainda hoje cumprem essa função, bem como das “folias beirãs” do Espírito Santo das quais herdaram ainda, curiosamente, o cargo de “alferes”, aí tão freqüente. Diferentes são na verdade, as “folias da roça”. Várias, uma por cada região do município, “saem no Domingo de Páscoa e regressam no oitavo dia da novena/sexta-feira”. Têm a seu cargo a tarefa de percorrer fazendas e lugares angariando também aí fundos para os festejos. Dançam a “catira”, cantam o “hino da folia”, comem e bebem nas casas onde chegam e onde são recebidos com toda a deferência. “Fazem pouso” (entenda-se, pernoitam) em algumas dessas casas. A função de percorrer todos os lugares habitados do município, levando o Divino (e conseqüentemente, a benção sacralizadora) a cada habitação por mais recatada e modesta que seja, a duração considerável de tal percurso, a solicitação de dádivas que desenvolvem e, principalmente, a função de conexão social (logo de coesão) num povoamento disperso e afastado.

Tanto no Brasil como nos Açores, as festas do Espírito Santo seguem um modelo pré-estabelecido ainda no século XVI, em Alenquer. Contudo, alguns desses impérios sofreram modificações e inclusões de outros atrativos como é o caso brasileiro de Pirenópolis. E, mais adiante como em Natividade, no Estado do Tocantins.

LUGAR, ESPAÇO E INTERAÇÃO NA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM NATIVIDADE - TO

As festas sucedem-se em outros ambientes, com outros cenários, mas cadenciando a própria textura humana e em uma função determinada no seu contexto histórico.

A religiosidade aproxima as pessoas e lhes dão um sentido de comunidade. O caráter de ascendência espiritual perpassa pela celebração do sagrado e dá à festa um caráter ideológico, capaz de manter coesos interesses e vivências díspares. Os sujeitos tornam-se, assim, uníssonos através de práticas culturais que se transformam em tradições e rompem as ações do cotidiano, como: dançar, cantar e orar efusivamente, fazer promessas, romarias, procissões e festas.

Pierre Bourdieu (1998) apresenta que a mensagem religiosa não pode ignorar as funções sociais que ela cumpre, principalmente, quando relacionada aos que a produzem e aos que a consomem.

Se a religião cumpre funções sociais, tornando-se, portanto, passível de análise sociológica, tal se deve ao fato de que os leigos não esperam da religião apenas justificações de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes (BOURDIEU, 1998. P. 48).

Na representação dessa mensagem religiosa, a influência em determinada comunidade por meio da religião, deve-se

observar a relação das mensagens com o espaço e o lugar, já que o meio influencia as experiências do homem.

Nesse capítulo, analisa-se a relação entre espaço e lugar e o envolvimento das pessoas com a festa do Divino Espírito Santo, partindo dos estudos de Yi-Fu Tuan no livro *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência* (1983). Aborda-se também como os conceitos de Tuan, Bourdieu e as pesquisas empíricas de Carlos Rodrigues Brandão relacionam-se com o que se encontra na festa do Divino Espírito Santo de Natividade, principalmente, nas entrevistas abertas realizadas durante a pesquisa de campo.

Tuan (1983, p. 06) começa seu debate sobre “espaço” e “lugar” colocando-os como termos familiares que indicam experiências comuns. “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. [...] As idéias de “espaço” e “lugar” não podem ser definidas uma sem a outra”.

Se espaço e lugar estão ligados à experiência e experiência é aprender, têm-se nas relações estabelecidas entre as pessoas durante a festa do Divino Espírito Santo um dado que “não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento” (TUAN, 1983, p. 10).

Ainda para o autor, uma das causas que aumentam a nossa consciência de lugar e espaço é o som. Para Tuan (1983, p. 18), “o som dramatiza a experiência espacial”. Na festa do Divino, a cantoria e música estão presentes em todos os momentos, seja nos rituais sagrados e solenes, bem como nas folias, rodas e pousos. Como aponta Brandão na obra *Sacerdotes de Viola* (1980, p. 40), que a

cantoria faz é conduzir simbolicamente, nos seus versos, trocas também simbólicas entre sujeitos revestidos como seus atores. A Folia canta uma espécie de crônica da vida camponesa. Mais do que isso, a “cantoria” conduz, passo a passo, as ações das pessoas, definindo quem são, o que estão fazendo e o que está acontecendo, por causa do que se faz.

As composições das rodas, das catiras e dos cânticos retratam as experiências vividas pelo homem nos espaços por onde passou e no lugar de onde é. “Os espaços do homem refletem a qualidade dos seus sentidos e sua mentalidade. A mente frequentemente extrapola além da evidência sensorial” (TUAN, 1983, p. 18).

Sendo assim, o homem já vive em um espaço mítico que também é pragmático, pois existem diversas atividades da roça como plantio e colheita, que são atividades dependentes da relação de uso que ele estabelece com a natureza. E, ao transformá-las em versos, cria-se essa atmosfera que é repassada para outras pessoas (devotos) durante a festa. “Os homens não apenas discriminam padrões geométricos na natureza e criam espaços abstratos na mente, como também procuram materializar seus sentimentos, imagens e pensamentos” (TUAN, 1983, p. 19).

Para Brandão (2010, p. 87),

o próprio modo de selecionar, incorporar e redefinir o espaço, o momento, os usos e o valor das orações da Igreja nos ritos populares é parte do trabalho coletivo de uma lógica camponesa. Com fragmentos de preces da liturgia oficial e rezas, cantos e gestos populares, um sistema de devoção é construído. É aos poucos criado sem que tenha qualquer equivalente com os da Igreja de antes e de agora. Uma lógica que não apenas imita os ritos da Igreja, mas que recria formas reinventadas de culto camponês.

Tuan explica que existem muitas tentativas de entender o lugar do homem na natureza. Dentre os espaços que representam o ‘mítico’ existem dois principais, sendo um deles uma área imprecisa de pouco conhecimento que envolve na prática e o outro é a visão de mundo, a conceituação de valores locais, onde as pessoas realizam suas atividades práticas. “O primeiro tipo de espaço mítico é uma extensão conceitual dos espaços familiar e cotidiano dados pela experiência direta” (TUAN, 1983, p. 97).

Na festa do Divino Espírito Santo, encontra-se essa relação do homem com a natureza, sejam pelos cânticos ou pelos

objetos que a simbolizam como a Bandeira, o pandeiro, a Caixa, a Coroa entre outros, porque lugar é um tipo de objeto os quais definem espaço e são núcleos de valor.

Um objeto ou lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva. Quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém a sua imagem não pode ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensemos em nossa experiência (TUAN, 1983, p. 20 -21).

Yi-Fu Tuan questiona também como o ser humano se relaciona com a terra e o cosmos explicando que ele tem tentado se integrar à natureza de diversas maneiras. Pode-se relacionar esse pensamento do autor com as experiências que o homem passou e o significado delas em cada momento. Por exemplo, na festa do Divino os foliões passam 40 dias ‘girando’ pelas comunidades rurais levando o Evangelho de Cristo, compartilhando histórias, vivências e em contato com a natureza. Em um dos cantos, percebe-se a preocupação do folião com a natureza e seu pedido ao Espírito Santo que iluminasse as pessoas para que elas respeitassem o ambiente.

*A vida no Planeta
É tudo tão lindo,
Mas meu pedido falou mais alto
Ohhh é a natureza
Chora em apelo
Igual uma mãe em dores de parto (2x)²²*

Os locais por onde as folias passam e até mesmo onde são realizados os rituais da festa podem ser considerados espaços míticos, repletos de experiências íntimas. “No espaço mítico das sociedades tradicionais, tem importância a idéia de centro ou

²² Trecho do Bendito cantado pelas Folias.

“lugar do meio”. Espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (TUAN, 1983, p. 151). Ele acrescenta, ainda, que são nesses espaços míticos das sociedades tradicionais que o homem relaciona-se com os acontecimentos astronômicos e as estações, além do poder sobre a vida e a morte.

As experiências íntimas são difíceis de expressar. Um simples sorriso ou contato pode alertar nossa consciência sobre um momento importante. Na medida que estes gestos podem ser observados, eles são públicos. São, entretanto, efêmeros e seus significados estão tão longe de uma interpretação verdadeira, que não podem proporcionar a base para o planejamento em grupo e ação. Carecem da firmeza e objetividade de palavras e imagens. [...] Os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato (TUAN, 1983, p. 152).

As experiências compartilhadas dentro de um grupo humano estão acima dos vínculos individuais. “Os lugares de importância pessoal não mudam com o passar dos anos; [...] Com o tempo, a sensação de lugar se estende além das localidades individuais para uma região definida por essas localidades” (TUAN, 1983, p. 202).

Relacionando com os estudos de Brandão (2010, p. 87), pode-se exemplificar a análise de Tuan quando retrata que durante as folias, os foliões compartilham suas experiências em nome da festa.

Em nome de pedir e de receber bens materiais – para si próprios durante a jornada (comida e hospedagem), e para os outros, depois dela (dinheiro e bens) – os foliões são obrigados a retribuir por meio de dádivas sociais (a proclamação do valor moral do gesto do doador) e espirituais (benção e pedidos de proteção divina).

Tuan explica que sentir um lugar e fazer com ele significado algo profundo e familiar demora mais tempo e envolve

todo o corpo humano e suas relações sociais. De acordo com o autor, para que possamos sentir um lugar e fazer parte dele precisamos “viver” experiências que serão repetidas ao longo dos anos, dia após dia. “É uma mistura singular de visitas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. Sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos” (TUAN, 1983, p. 203).

Uma festa religiosa faz com que a mensagem seja compartilhada por uma comunidade e essa comunidade ressignifica os espaços como lugares. Na produção de crenças e práticas religiosas estão os modos de representação e compreensão individual e em grupo que são sustentadas pela memória, que é revivida nos lugares, nos discursos e nas práticas.

A eficiência simbólica do rito popular está em que, por ser muito antigo, suas falas, cantos e gestos são acreditados como “de todos”, às vezes de um santo, às vezes de Deus. Ele passa a ser um valor local de cultura por ter sido comunitariamente atestado como um corpus coletivo de saber-poder religioso, por carregar o peso de muitas ocasiões em que aquilo que foi feito, dito e repetido, produziu efeitos sociais esperados e, não raro, gerou pequenos milagres de âmbito local. Um saber entre camponeses não é sábio e eficaz porque é verdadeiro e sagrado. Ele torna-se verdadeiro e sagrado porque a tradição o tornou socialmente acreditado entre todos, oi seja, sábio e eficaz. Ele, enfim, faz milagres, pune abusos, atualiza votos de fé, distribui bênçãos, aproxima pessoas, provoca lágrimas, reproduz o ethos. Confirma o que se sabe solidariamente e, para todos os efeitos, atesta não só a verdade do poder e da proteção do padroeiro em nome de quem tudo é feito, como também o poder que existe no próprio ato de saber fazer (BRANDÃO, 2010, p. 88).

São nesses locais de experiência religiosa em que as pessoas aprendem as crenças que sustentam as normas e que codificam a vida em sociedade.

Todos os “do lugar” compartilham crenças e conhecimentos comuns. Pouca coisa pode ser improvisada, se é porque desigualmente se sabe o que vai acontecer e desigualmente se sabe como proceder que o rito recria o conhecido e, assim, renova a tradição; aquilo que se deve repetir todos os anos como conhecimento, para se consagrar como valor comum. Renova um saber cuja força é ser o mesmo para ser aceito. Repetir-se até vir a ser, mais do que apenas um saber sobre o sagrado, um saber socialmente consagrado (BRANDÃO, 2010, p. 58).

Antes, durante e depois da festa do Divino Espírito Santo em Natividade todo o processo de organização da mesma demonstra que as pessoas envolvidas, cada qual com sua habilidade, trabalham para conseguir realizar a festa da melhor maneira possível, com abundância de comida e bebida. Caracterizada por ser uma festa comunitária, solene e repleta de ritos, em que o dever e a obrigação por parte de todos seja na preparação das comunidades, nos pousos, no giro das folias e em todos os rituais que a complementam.

Para que um ritual religioso popular cumpra o que se espera dele, é preciso que tudo seja feito observando regras rigorosas de conduta. Todos os momentos são prescritos e neles, todos os gestos individuais e coletivos também. Alguns versos podem ser improvisados, mas os atos que os acompanham não. Cantos, rezas, posturas de corpo, detalhes de trocas entre pessoas – entre foliões, entre foliões e moradores, entre foliões e promesseiros, acompanhantes – necessitam ser, ao longo de cada jornada anual, rigorosamente cumpridos em cada casa, em cada momento de chegar, de pedir, de comer, de agradecer, de abençoar, de partir, para que tudo seja a repetição de um demorado momento de culto coletivo que reinventa uma tradição acreditada, porque se repete todos os anos da mesma maneira. Tudo deve ser feito como sempre foi, para que tudo seja como todos sabem que é e acreditam que deva ser (BRANDÃO, 2010, p. 71).

Considerada uma das maiores expressões de fé herdada dos portugueses, a festa do Divino Espírito Santo é repleta de significados e tradições. Pereira (2005) diz que a festa é mantida pelo catolicismo popular, além de ser vastamente celebrada em todo o Brasil, é dedicada à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade e geralmente, acontece cinquenta dias após a Páscoa, no Domingo de Pentecostes. No Brasil, no entanto, as folias têm datas variadas.

Mello Moraes (1999) em sua obra *Festas e tradições populares do Brasil* apresenta em um dos capítulos a festa do Divino Espírito Santo e seus ritos na então Província do Rio de Janeiro²³, nos idos de 1800, onde o formato da festa é idêntico ao encontrado em algumas regiões do país, inclusive em Natividade .

Em seus estudos, Mello Moraes (1999, p. 39-40) retrata as Folias, que percorriam

[...] por vales e serras, por estradas e povoados, meses antes da festa do Espírito Santo, garridos foliões dispersavam-se em bandos no interior da Província do Rio de Janeiro, angariando esmolas para as festas das capitais dos municípios, que se faziam outrora a rigoroso capricho dos festeiros e segundo os donativos das populações devotas. [...] À notícia de que andavam bandeiras, não havia casa que não se julgasse honrada de receber-lhes a visita, não havia um pobre que, em sua palhoça humilde, deixasse de se prevenir para o favorável agasalho dos foliões, reservando, na falta de esmola pecuniária, uma galinha, uma leitoa, uns pombinhos, um peru, para oferecer ao Divino.

²³ Na manhã da festa, os bandos mascarados percorriam a cavalo as ruas da vila, e o festeiro mandava distribuir pelos pobres presentes de carne e de roscas, belos quartos de carneiro e finíssima farinha, em louvor do Divino. Essa distribuição caracteriza a festa antiqüíssima, revivência dos ágapes cristãos do século I. [...] durante a século XVII espalhou-se por todas as colônias portuguesas, constituindo elemento indispensável nas comemorações populares do Ciclo da Ressurreição. Ainda é popular no norte português. No Brasil era festa querida, especialmente no sul, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, etc. na Bahia era festejada igualmente (MELLO MORAES, 1999).

Com isso, as folias foram precursoras das populares festas do Espírito Santo pelo interior do Brasil, pois por se ambientarem geralmente na zona rural,

um conjunto de formalidades, um repertório de quadras de recurso tão primitivos e completos que, num momento dado, punham em contribuição não só a espontaneidade religiosa, mas ainda a generosidade hospitaleira daquela boa gente, que não conhecia obstáculos no cumprimento de tradicionais deveres (MELLO MORAES, 1999, p. 40).

Sobre as festas do Divino Espírito Santo no Tocantins²⁴, as comemorações ocorrem de janeiro a julho de acordo com as características de cada localidade e são realizadas em várias cidades, especialmente nas regiões sudeste e central do Estado, entre elas: Almas, Santa Rosa, Chapada de Natividade, Peixe, Silvanópolis, Paranã, Conceição do Tocantins, Palmas, Porto Nacional, Araguacema, Araguaçu, com destaque para Monte do Carmo e Natividade.

Em Monte do Carmo a celebração ao Divino Espírito Santo foi aproximada à época da festa da padroeira da cidade, passando a ter data fixa para a sua realização, dia 16 de julho. Natividade mantém a tradição da data móvel.

Cada localidade agregou valores, características e costumes da realidade local, mantendo o cerne da celebração, que teve origem no catolicismo ibérico, enriquecido pelo que a historiografia denomina de tradições inventadas, segundo as culturas locais.

De acordo com as pesquisas da historiadora Messias (2010), no processo de ocupação do antigo Norte de Goiás nos idos do século XVIII, Monte do Carmo e Natividade eram

²⁴ Como o Estado do Tocantins fazia parte do Estado de Goiás até o final da década de 1980, boa parte da cultura que se encontra hoje no Estado foi repassada de geração para geração durante esses anos seja pela interferência familiar ou pelo próprio processo de colonização dessa região. Após diversas lutas e reivindicações históricas do então povo do norte goiano, o Estado do Tocantins foi desmembrado do Estado de Goiás em 5 de outubro, através da Constituição de 1988.

idades visitadas por bandeirantes e aventureiros, aparecendo na história do Tocantins como sendo uns dos arraiais que mais produziram ouro naquele nesse século.

Sobre as características da festa em Monte do Carmo, Messias (2010, p. 90-91) explica que

[...] logo após os festejos de São Sebastião, a comunidade já começa a se mobilizar para a semana santa e também para os giros das Folias do Divino Espírito Santo, enviadas ao sertão no Domingo de Páscoa. Durante os trinta e um dias em que os foliões giram pelo sertão e municípios vizinhos, as atenções se voltam para este acontecimento. No período que compreende o entremeio da chegada das folias e os festejos do mês de julho, a comunidade homenageia o Divino Espírito Santo, com a chamada festa do Imperador Mirim, no dia de Pentecostes.

Uma peculiaridade de Monte do Carmo são os “Festejos do Carmo”, em que eles compõem um conjunto de festas religiosas que englobam três celebrações, todas no mês de julho. A primeira, a festa de Nossa Senhora do Carmo, padroeira da cidade, com data fixa no dia 16 de julho, em seguida, é a vez da festa do Divino Espírito Santo e, por último, realiza-se a festa de Nossa Senhora do Rosário. As duas últimas não obedecem ao calendário religioso. “Não se sabe há quanto tempo ocorreu a junção das três festas, mas de acordo com notícias do periódico Norte de Goyaz, na folha 4, da edição 68, de 15 de julho de 1908, evidencia-se que esta junção perdura há anos” (MESSIAS, 2010).

Em suas pesquisas, Messias (2010) aponta que por falta de recursos financeiros suficientes, os missionários que pertenciam à Diocese de Porto Nacional exerciam outra atividade como dar aulas em escolas públicas. A dificuldade do povo do sertão em se deslocar até a cidade fez com que Monte do Carmo ficasse desassistida religiosamente no início do século XX, pois os padres só podiam se deslocar até a cidade nos meses de janeiro, fevereiro, julho e dezembro.

Eles só podiam cumprir com os trabalhos de acompanhar os festejos religiosos nos meses de férias. Por isso, passou-se a celebrar Nossa Senhora do Carmo, Divino Espírito Santo e Nossa Senhora do Rosário no mesmo período (data fixa), isto é, no mês de julho, durante as homenagens da padroeira (MESSIAS, 2010, p. 93).

Outra peculiaridade da festa do Divino Espírito Santo em Monte do Carmo é que ela se divide em dois momentos:

As homenagens ao Divino realizam-se em dois ciclos distintos: a festa do Divino Espírito Santo, com imperador e imperatriz adultos, que compreende o período anual, e culmina em uma data fixa, entre os dias 7 e 18 do mês de julho, em conjunto com a festa da padroeira, e a festa da imperador mirim, que também compreende o período anual de preparativos, sendo realizada no dia de Pentecostes, em conformidade com o calendário católico (MESSIAS, 2010, p. 105).

Em Natividade, nosso campo de estudo, é possível deduzir que os festejos do Divino vieram junto com os colonizadores na época das minerações, no século XVII, no então Arraial de Natividade, província de Goiás.

O município de Natividade fica a 220 km da capital, Palmas, na região sudeste do Tocantins. Natividade surgiu a partir da chegada de imigrantes portugueses nessa região, no século XVIII, que vieram à procura de ouro e fundaram o Arraial de São Luiz, edificado em 1734. Antônio Ferraz de Araújo, responsável pela expedição, ergueu a vila no topo da serra, usando como força de trabalho os escravos (cerca de quarenta mil) trazidos por esses desbravadores (PREFEITURA DE NATIVIDADE, 2012).

Em 1770, o ouro do lugar já não atendia mais a demanda e os moradores desceram a serra vindo formar um novo Arraial chamado de Natividade por devoção dos moradores por Nossa Senhora de Natividade. Em 26 de agosto de 1833, foi concedido o título de Vila de Natividade, porém passou ser cidade em 01 de junho de 1891 (PREFEITURA DE NATIVIDADE, 2012).

A cidade de Natividade, em 1987, é reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônio histórico nacional e inscrita nos Livros do Tombo Histórico, Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico pela Lei 6.292, de novembro de 1975. Para efeitos do Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, foi homologado o tombamento do Conjunto Urbanístico, Arquitetônico e Paisagístico da cidade de Natividade, então pertencente ao Estado de Goiás, pelo Ministério da Cultura, na época comandado pelo Ministro Celso Monteiro Furtado (MESSIAS, 2010).

Das festas religiosas realizadas em Natividade e que integram o patrimônio cultural da cidade destacam-se a Romaria do Senhor do Bonfim, de 6 a 17 de agosto, no povoado do Bonfim, a homenagem à Nossa Senhora de Candeias no dia 2 de fevereiro, realizada na Igreja de São Benedito, os festejos de Santos Reis, que vão de 31 de dezembro a 6 de janeiro, onde há o giro da folia na cidade, porém ela tem mais representatividade na zona rural. E, de 30 de agosto a 8 de setembro, acontece festejos à Nossa Senhora de Natividade²⁵, padroeira da cidade e do Estado do Tocantins. No mês de novembro acontecem as homenagens a São Benedito com novenas e leilões, realizados no período de 11 a 20 de novembro (MESSIAS, 2010).

É na década de 80 do século XX que as comemorações em torno da festa do Divino Espírito Santo em Natividade tomam ‘corpo’. A festa conta com apoio das instituições estaduais, além de utilizarem elementos para divulgação da festividade, como outdoors, cartazes, adesivos, folhetos entre outros (MESSIAS, 2010).

²⁵ A construção da Igreja de Nossa Senhora da Natividade data de 1759 e guarda ainda aspectos da arte colonial do século XVIII, a exemplo da imagem de devoção, a qual é talhada em madeira, em estilo barroco. Com o passar do tempo, a Igreja sofreu por várias alterações no seu interior e também na fachada, com dois sinos de bronze, datados de 1858, uma pia baptismal e a imagem de Nossa Senhora de Natividade que no ano de 1735 a imagem foi trazida de Portugal pelos padres jesuítas e enviada ao Norte da capitania de Goiás, para Vila de Nossa Senhora da Natividade.



Figura 2 - Material de divulgação da Festa do Divino de 2010.
Foto: Poliana Macedo



Figura 3 - Outdoor na saída de Porto Nacional na TO- 050
Foto: Lia Mara

A historiadora Simone Camêlo Araújo encontrou registros dessas comemorações em Natividade a partir de 1904²⁶ com Hermenegildo da Silva como imperador do Divino. A partir da década de 80²⁷ até a atualidade, esses registros ficaram a cargo da Paróquia Nossa Senhora de Natividade e da própria associação. Desde então, ela é realizada anualmente e conta com a participação da população em todos os detalhes, seja na preparação da festa ou simplesmente como devotos.

A festa do Divino Espírito Santo em Natividade tornou-se uma das principais manifestações culturais e religiosas do Estado do Tocantins devido à sua importância no processo de construção e solidificação de uma cultura local que proporcionou a expansão e a reincorporação de novos contextos na transmissão e conservação dessa festividade.

O estudo das festas não pode ser feito de modo estanque, sem correlacioná-las com a vida cotidiana, suas rotinas, especialmente com o mundo do trabalho. Elas fazem parte daquele universo do ‘lazer’, no qual as classes populares ingressam de modo mais intenso ao conquistar o direito do ‘ócio’, privilégio historicamente desfrutado pelas classes abastadas (MELO, 2000, p. 58).

As festas são manifestações pelas quais a humanidade pode expressar sua cultura, conhecimentos, comportamentos e atitudes. E em Natividade, esse meio de expressar sua cultura pode ser realizado com a celebração da Festa do Divino Espírito Santo de Natividade. Para Del Priori; Horta (2012, p. 07) as manifestações culturais e celebrações são “lugares de memória”.
Locais esses

²⁶ Esses dados são da memória de Leofácia Araújo, nativítana, que fez um resgate de todos os imperadores do ano de 1904 até o ano de 1980 para os arquivos da Associação Comunitária Cultural de Natividade – ASCCUNA.

²⁷ Em Natividade, ainda em meados da década de 1980, com a chegada de um novo pároco, Joatan Bispo de Macedo, a devoção ao Divino foi retomada em sua plenitude. Segundo informações dos devotos, por ser natural da região, ele se propôs a reinserir as folias na festa do Divino no município.

onde se cruzam as memórias pessoais, familiares e outras [...] lugares materiais ou não materiais, onde se encarnam e cristalizam as memórias de uma nação: uma bandeira, um monumento, uma igreja, uma imagem, um sabor; reconstrói-se, por essas memórias, a representação que um povo faz de si mesmo [...] o modelo sobre o qual tal memória é construída.

Sendo assim, a memória é construída pelas pessoas e pelos “lugares” e a identidade é definida por meio de pontos de identificação através da cultura e história, formada pelo tempo vivido (passado e presente) por determinada sociedade, ou seja, memória e identidade advêm do mesmo ponto de origem e estão inter-relacionadas entre si. O autor expõe, ainda, que “toda a memória humana é, como já foi dito, memória de alguém. Memória de alguém que muda e se transforma. Ao mudar, buscando uma identidade variável, tanto o indivíduo quanto sua memória constrói ‘uma identidade narrativa’ (DEL PRIORI; HORTA, 2010, p.07).

É por meio das características da festa do Divino Espírito Santo em Natividade, por meio da história e memória de seus devotos que encontra-se um caminho para analisar a religiosidade e a memória cultural nativitana, em que seu conjunto de características fará reconhecer um indivíduo que conhecerá seu costume, tradição, história e sua cultura.

Os impérios obedecem um conjunto de motivações de natureza religiosa onde estão pessoas que antes de tudo têm a fé no Espírito Santo. Essas motivações religiosas são particularmente importantes no caso do imperador, do folião, enfim, de todos que participam do reinado de um ano do Divino Espírito Santo.

A imprensa dá um enfoque especial sobre a grandiosidade da festa ao longo dos anos, principalmente alguns jornais impressos, como o *Jornal do Tocantins*, que é veiculado desde 1979, e retratou algumas singularidades ao passar dos anos, dentre as principais, estão por exemplo, na edição de 12 de abril de 1998, onde diz que

as três folias, cada uma com 15 integrantes, irão percorrer os municípios vizinhos durante 40 dias. [...] a exemplo dos anos anteriores, eles dividem os municípios em três regiões e percorrem as localidades de Almas, Santa Rosa, Chapada da Natividade e São Valério. Enquanto isso, as pessoas que ficam na cidade são encarregadas de prestar assistência aos foliões durante o giro (JORNAL DO TOCANTINS, 1998).

Na edição de 31 de maio de 1998, Caderno Arte & Vida do *Jornal do Tocantins*, registrou os ritos tradicionais para que o leitor pudesse vivenciar ou até imaginar como eles acontecem, além do horário de cada rito. “A coroação é feita pelo pároco da cidade na casa do imperador momentos antes da missa solene, tradicionalmente, às 9h, na Igreja Matriz Nossa Senhora de Natividade” (JORNAL DO TOCANTINS, 1998, p. 01).

Bem como na edição de 5 de junho de 2001, no mesmo caderno e veículo, sobre a quantidade de comida e bebida preparada. “Preparam cerca de 3 mil garrafinhas (600 ml) de licores de jenipapo, caju, jabuticaba e 20 mil saquinhos e copinhos de bolo de arroz, *amor-perfeito*²⁸ e pipoca”. Já na edição de 19 de maio de 2002 do *Jornal do Tocantins*, ainda no Caderno Arte & Vida, o impresso apresentou números ao leitor.

A equipe organizadora da festa reforçou que os recursos arrecadados para tanta fartura, foram provenientes dos giros de 40 dias pelos sertões das três folias do Divino. Eles trouxeram para a festa do Imperador um total de 81 animais, entre gado, suíno e equino e a quantia de R\$ 11 mil (JORNAL DO TOCANTINS, 2002, p. 03).

Nos últimos anos, o Governo do Estado envia equipe jornalística para cobrir a festa do Divino Espírito Santo, já que a presença do Governador na festividade é certa. Por isso, notícias sobre essa festa tomam um caráter oficial, no qual são produzidas matérias jornalísticas e distribuídas para outros sites, jornais impressos e televisões.

²⁸ Biscoito doce

Voltando para a realização das festas religiosas, Marques de Melo (2000) utiliza Luiz Beltrão (1982) para explicar como tais fatos acontecem às festas religiosas nos ambientes em que elas são realizadas, ou seja, na rua e em locais considerados sagrados,

[...] anualmente, em tais localidades, celebram-se festas que, embora de origem e fundo religioso, se revestem de exteriorizações profanas, constituindo-se desse modo em uma parte íntera (a missa, o sermão, a bênção), sob o controle da autoridade eclesiástica; a outra forma, fora do templo, de iniciativa de grupos autônomos (ou quase) de devotos, incluindo procissões e cortejos, representações de autos folclóricos, música, danças, fogos de artifício, quermesses, jogos de artifício, quermesses, jogos e brincadeiras, comidas típicas – tudo de acordo com rituais tradicionais, fundados em prescrições e superstições, totalmente fora do controle, do consentimento e, às vezes mesmo, um desafio à liturgia e à autoridade da Igreja (BELTRÃO, 1982, p. 63).

Geralmente, resultado de uma promessa, participar do Império funciona como um dos termos do contrato celebrado com a divindade que intercambia a graça divina solicitada com o desempenho de um ritual em sua homenagem e louvor, além de proteção futura para o indivíduo e toda sua família.

Os Impérios obedecem de fato a um conjunto de motivações de natureza religiosa. Por detrás deles, como sublinham as pessoas, é antes do mais a fé no Espírito Santo que se perfila. Essas motivações religiosas são particularmente importantes no caso do imperador. Resultado de uma promessa, o Império funciona para ele como um dos termos do contrato celebrado com a divindade que intercambia a graça divina solicitada com a performance de um ritual em sua homenagem e louvor. Além desse valor específico, a realização do Império surge ainda associada, de forma mais difusa, à idéia de uma protecção futura para o imperador e para sua unidade doméstica (LEAL, 1994, p. 68).

Sendo assim, a festa do Espírito Santo permanece no imaginário e no cotidiano dessas comunidades (em Portugal ou no Brasil) e pelo seu formato e, principalmente, pela devoção dos fiéis, ela será perene.

3.1. Festa do Divino Espírito Santo em Natividade – TO

A preparação para a festa do Divino inicia-se um ano antes, com o sorteio dos festeiros na Missa de Coroação do Imperador, no Dia de Pentecostes. Nesse dia, os despachantes já sinalizam se vão ou não ‘soltar’ alguma folia, ajudando o Imperador e o Capitão do Mastro na busca de donativos, sejam eles em dinheiro ou produtos para realização da Festa.

A festa, o trabalho dela, já inicia desde quando a pessoa “já cai” para ser festeira. E ele já fica trabalhando porque logo vem a safra do caju, logo já vem o jenipapo, e eles já vão colhendo a água de caju e do jenipapo, de tudo em si para produzir o licor. O festeiro já começa botar porco no chiqueiro pra já ir engordando, pra na época da festa ter porco²⁹.

É a partir do sorteio dos festeiros que um novo ciclo se inicia, novas famílias serão inseridas no contexto da festa e a devoção permanece. Com o passar do ano, as atividades em torno da festa continuam: reuniões para escolha dos Alferes³⁰,

²⁹ Entrevista com Maria José de Oliveira Machado, concedida no dia 26 de agosto de 2011.

³⁰ O sucesso da folia depende muito do alferes que a organiza: geralmente é um cantador firme e afinado, que tem o dom de selecionar seus foliões entre homens que se destacaram em ocasiões anteriores, mostrando-se capazes dos sacrifícios que a jornada impõe: itinerário longo e penoso no interior, falta de albergues, aglomerados habitacionais muito distantes uns dos outros, além das proibições ritualísticas (namorar, dar garupa a mulher, dormir com a esposa (chegando em sua própria casa deve ser tratado como hospede) ou dar a bandeira a beijar a “mulher da vida”. Exige-se que seja um cabra trabalhador quando não esteja em andanças com a folia e da maior lisura quanto à guarda e destinação das dádivas e promessas recebidas: quem rouba ou negocia os

foliões, locais e roteiros dos pousos, composição de músicas, entre outros.

Em Natividade, este sorteio acontece em uma reunião realizada na Igreja, no mês de janeiro de cada ano. Na ocasião são sorteadas a região que será percorrida por cada grupo, as cores das camisetas, ordem de apresentação dos cantos para saber qual folia cantará primeiro no dia do Encontro, em segundo e em terceiro, respectivamente. Na ocasião da referida reunião o padre passa um roteiro de pregação do evangelho para os fólhos para irem desenvolvendo durante a caminhada. A cada ano muda. A partir das orientações eclesiásticas, os fólhos fazem posteriormente as composições dos cantos de Encontro. Os cantos, em geral, ficam a critério e inspiração dos guias e contra-guias, responsáveis pela composição dos mesmos. Cada folia pode ser composta por um numero variado de guias, que são responsáveis pelos cantos. Entretanto, no canto de Encontro normalmente são quatro foliões que cantam, sendo um guia e um contra-guia, os outros dois cantam para formar o quarteto. O guia puxa com seu companheiro e os contra-guias respondem (MESSIAS, 2010, p. 213).

Só no início das comemorações da Semana Santa que as celebrações oficiais da festa do Divino Espírito Santo tomam corpo e toda a preparação das folias para saírem em buscar de donativos e - em troca, evangelizarem pessoas no sertão tocantinense -, preparação das tropas: conseguir animais e equipamentos de montaria, além de mantimentos que serão consumidos antes da viagem, como os bolos de arroz e biscoitos, mais conhecidos como petas.

3.1.1 Saída das Folias

É na Semana Santa, a partir do Domingo de Páscoa, que as folias saem para o Giro, porém a preparação e trabalho dos Despachantes e festeiros já havia iniciado meses antes. No Sábado de Aleluia, a movimentação em torno da Festa do Divino Espírito Santo toma corpo e conta das ruas.

O trabalho das Folias começa com o Despachante, que é quem ajuda o Imperador, seja sozinho ou em grupo, a soltar uma Folia para arrecadar donativos. O Despachante tem o papel de organizar a folia junto com os foliões e fica responsável pela parte financeira de um grupo. Ele cuida da família dos foliões, ficando, assim, responsável pelas necessidades de cada uma delas, seja na falta de alimentação ou em casos de doenças que possam ocorrer durante os quarenta dias de giro da folia, enquanto o folião presta serviços para o Divino. Cada folia sai com quinze pessoas ou mais.

Os foliões são os devotos do Divino, eles percorrem junto com a folia a zona rural, os povoados e cidades circunvizinhas. Eles são os músicos que compõem, cantam catiras e rodas, tocam e dançam onde chegam com a bandeira do Divino.

O autor Carlos Rodrigues Brandão acompanhou durante anos as Folias e possui diversos livros que exemplificam e relatam como são realizados os trabalhos das mesmas e como é o envolvimento da comunidade como um todo. Em sua obra *Sacerdotes de Viola* (1980) ele retrata o papel dos mestres, dos foliões e apresenta alguns benditos, além de rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais.

Brandão (1980, p. 36) estabelece, porém não considera como definição, as Folias como “um espaço camponês simbolicamente estabelecido durante um período de tempo igualmente ritualizado, para efeitos de circulação de dádivas - bens e serviços - entre um grupo precatório e moradores do território por onde ele circula”.

Nos relatos de Brandão sobre as Folias, sejam elas do Divino Espírito Santo ou Folia de Reis, muitos ritos e serviços

são idênticos aos que encontramos em Natividade, como as atividades das Folias, onde pedem almoço ou pouso de janta e dormida; se apresentam nas casas e dizem por que veio; pedem ofertas de esmolas; agradecem por serviços de pouso e de ofertas de bens, distribuindo-os; atualizam os devotos no cumprimento de promessas; se despedem e volta à caminhada entre as casas.

Em Natividade, durante todo o dia de preparação para a Saída das Folias, os devotos auxiliam no que podem e o tempo que podem. No Sábado de Aleluia as mulheres ficam responsáveis pela preparação dos bolos, petas e almoço para os foliões que chegam a todo o momento da zona rural e se preparam para evangelizar em nome do Divino Espírito Santo.

A própria festa é um grande mutirão. Inúmeras pessoas de um povoado rural ou mesmo de vários deles participam dos preparativos da Festa. Tanto a casa do festeiro quanto as casas do “giro” e dos “pousos” são decoradas para a passagem da Folia ou a realização da Festa. Familiares encarregam-se das inúmeras tarefas de preparar o local e fazer a comida. Parentes e vizinhos oferecem-se ou são convocados para “um adjutório”. Meninos e meninas em idade de trabalho participam ativamente das várias tarefas de preparação. A mesma comida cotidiana multiplica-se entre panelões e fornos de barro. Há pessoas que fazem promessas de prepararem ou servirem a comida dos pousos da festa de Santos Reis (BRANDÃO, 2010, p. 55).

A historiadora Simone Camêlo Araújo, 47 anos, que nasceu em Natividade (TO), foi a entrevista “zero” para o desenvolvimento da pesquisa. Sempre envolvida com a festa do Divino, ela é uma das responsáveis pela Asccuna e sempre está à frente das principais festas religiosas populares da cidade, não como pertencente a algum órgão oficial, mas como uma “líder de opinião”, conforme identifica-se na abordagem da folkcomunicação.

Simone Camêlo³¹, que veio de uma família tradicional de Natividade, explicou sua origem.

Meus avós do lado materno, Benício, são de família tradicional de Natividade há várias gerações. Casou-se com Januária Fernandes Vieira que é do município vizinho, Conceição do Tocantins (1º Casamento) e depois de viúvo, casou-se com Julia Rodrigues Araujo (de Natividade). Meu avô Justino nasceu em Conceição e veio pra Natividade da cidade de Dianópolis; e a avó Generosa é de Natividade. Dos avós, apenas a vó Julia está viva. Meus pais são de Natividade.

Simone tem quatro irmãos e uma irmã, sendo que dois irmãos moram em Natividade, um em Palmas e outro em Belém (PA). Sua irmã mora em Natividade. Sobre seu envolvimento com a religião e consequentemente com a festa do Divino, Simone disse ter formação católica e o Divino é o símbolo maior em seu dia a dia. Com relação ao início da sua participação na organização da festa, ela diz que foi em 1991, de forma mais ativa, após ter retornado a Natividade no ano de 1990 (depois de ter estudado e formado em História). Para ela, não tem como esquecer, pois quando ainda criança, relembra da visita da bandeira vermelha em sua casa na zona urbana, através da Esmola Geral ou mesmo ouvindo o canto em um pouso de folia na zona rural. “O toque da caixa anuncia e faz a gente preparar pra algo que vai acontecer. Essa ação nos faz agir em seguida”³².

Simone atuou como voluntária na organização geral e depois como membro da Asccuna, principalmente com o planejamento inicial (orientações gerais aos festeiros responsáveis), elaborando projetos para buscar parcerias e colaborações no apoio financeiro, além do apoio para definição, criação e elaboração dos materiais de divulgação e impressos.

³¹ Entrevista com Simone Camêlo Araújo concedida dia 03 de Outubro de 2011.

³² Entrevista com Simone Camêlo Araújo concedida dia 03 de outubro de 2011.

Já participei 7 (sete) vezes como responsável/colaboradora ativa (despachante) por uma das folias que giram pelo sertão e cidades vizinhas durante 40 dias. A minha família colabora também recebendo as folias nas fazendas na zona rural e fazendo doação de pelo menos uma vaca para algum dos festeiros. Além do planejamento, alguns anos de forma bastante ativa (outras vezes, um pouco menos devido a outras atividades desenvolvidas) no acompanhamento da execução e também auxiliando na prestação de contas³³.

Simone e sua família são devotos ao Divino Espírito Santo e ela afirma que faz um trabalho de incentivo à participação de várias pessoas da comunidade e também de outras localidades. “Tenho levado vários amigos para participar ativamente da celebração ou mesmo apenas como turista. Tenho também dado depoimentos em veículos de comunicação divulgando a festividade e outras características do rico patrimônio cultural de Natividade”. A historiadora é uma das referências no município junto aos meios de comunicação para relatar sobre a festa do Divino.

Com relação à participação na festa, Simone e sua família já participaram como festeiros.

Meu pai já foi imperador do Divino e meu irmão mais velho foi capitão do mastro (Wagner). E já fui despachante de folia (responsável pelo grupo ou auxiliando diretamente) por 7 vezes. A festa é uma oportunidade de renovação da FÉ. É muito difícil você estar participando dela sem ter uma grande reflexão sobre a vida, mesmo que não seja um dos personagens principais. Ao observar os detalhes e como a comunidade se mobiliza você aprende e cresce como ser humano. Por várias vezes eu me emociono. É um grande ensinamento! O sentimento é de compromisso com o Divino. O meu envolvimento nesses 20 (vinte) anos com parte da

³³ Entrevista com Simone Camêlo Araújo concedida dia 03 de outubro de 2011.

organização me faz uma pessoa privilegiada em ter tido várias vivências com o Divino. A cada novo ano, o desejo é de colaborar. Já foi discutido com os festeiros de 2012 as ações principais para a elaboração do projeto e já está sendo trabalhado a arte.

A partir dessa entrevista com Simone Camêlo, pode-se traçar e especificar o roteiro de perguntas para os demais entrevistados. O Imperador do Divino da festa de 2011 foi o agrônomo Luciano Pereira Pinto³⁴, 37 anos, que também nasceu em Natividade, bem como seus pais, avós paternos e maternos. De uma família composta por quatro homens e duas mulheres, Luciano disse que o envolvimento dele com a religião veio por meio de seus pais que sempre o incentivaram a acreditar em Deus.

O envolvimento com a religião católica vem de acreditar em Deus. Que vai desde as orações em nosso lar, freqüentar as missas semanais, devolver o dízimo e participar intensamente dos movimentos e “festas” religiosos, tanto a festa do Divino Espírito Santo, Festa do Santo Reis, Romaria do Senhor do Bonfim, Festividade de Nossa Senhora da Natividade e entre outras da nossa comunidade³⁵.

Na casa do Imperador, a movimentação de pessoas é intensa. Cozinheiras, foliões, ajudantes que aparecem a cada momento para tomar um café, comer um biscoito, ajudar na decoração, no preparo das comidas, cortando legumes, carnes, na preparação das mesas, entre outras atividades que norteiam as atividades do dia, para que, até o horário da missa, que é realizada à noite, esteja tudo pronto. Essa movimentação toda é chamada pelos devotos e foliões de “arrumação”.

³⁴ Entrevista com Luciano Pereira Pinto concedida no dia 15 de Setembro de 2011.

³⁵ Entrevista com Luciano Pereira Pinto concedida no dia 15 de Setembro de 2011.

Tem uma responsável pelo material, aí diz: hoje nós vamos fazer só pipoca. Daí pega só o material da pipoca e vai pra lá, daí, hoje vamos fazer biscoito, daí é só biscoito. Mas tem uma responsável porque se todo mundo pegar vira bagunça. Todo mundo vai pra lá! Para fazer qualquer coisa. Ou amassar, ou limpar o forno, ou lavar os tabuleiros. Todo mundo ajuda e não tem essa de “não, eu não vou fazer isso”. Entendeu? Vamos para fazer qualquer coisa³⁶.

Segundo Luciano, o grau de participação dele e de sua família na festa do Divino depende da responsabilidade na organização de cada ano de cada participante.

Sempre participo, no entanto nos dois últimos anos a participação foi mais intensa. No ano passado (2010) fui um dos despachantes da folia que foi para o “giro de cima”, lá na região de Almas, onde fui no acompanhamento daquela folia para aquela região na zona rural foi bastante intensa, pois tínhamos que dar suporte para os integrantes da folia. No entanto, não deixei de visitar as outras duas folias. Foi um acompanhamento quase que diário³⁷.

Como Imperador da festa do Divino Espírito Santo de 2011, Luciano afirmou que participou de quase todas as decisões da festa e contou com a ajuda da historiadora Simone Araújo Camêlo para a elaboração do projeto para a realização da festa.

Este ano (2011), como fui o Imperador do Divino participei de quase todas as decisões da festividade em diálogos permanentes com o capitão do mastro e o pároco. Iniciando no dia da sorte do ano anterior na qual fui agraciado para ser o responsável pela realização da festa. A primeira etapa foi encontrar os despachantes das

³⁶ Entrevista com Márcia Araújo Borges concedida no dia 27 de agosto de 2011.

³⁷ Entrevista com Luciano Pereira Pinto concedida no dia 15 de Setembro de 2011.

três folias, tarefa muito difícil, pois as despesas da folia são muito onerosas. Em seguida realizar reuniões com os despachantes e foliões para definir os giros, além de outras reuniões com foliões, integrantes da paróquia, comunidades e com a minha família para definir e adequar a organização da festa. Por se tratar de uma festividade onerosa, há necessidade de apoio e patrocínio do governo do Estado e de empresas privadas.

Ele informou ainda, que todos os anos a família auxilia os imperadores com doações de mantimentos para confecção de iguarias, suporte com veículos e como despachante de folias. Luciano³⁸ diz que a primeira participação dele na festa do Divino foi aos nove anos de idade, em 1984, quando seu tio Petronilio Gonzaga Campos foi o Imperador do Divino.

A participação da família vem desde o século passado, onde foram imperadores, o tio da minha avó Orgêncio Araújo Reis, em 1932, o meu bizavô Apolinário de Araújo Reis, em 1944, o irmão da minha avó João Araújo Reis, em 1975, e o irmão do meu avô Petronilio Gonzaga Campos, em 1984. Toda nossa família participa desde doações, oferta de pousos, confecção de iguarias (bolos, doces, paçocas, refeições, etc.), além de todos os anos o espaço da panificadora da minha mãe destinada à confecção de bolos. Em 2010, fui despachante de folia. Este ano fui o Imperador do Divino. Nas duas ocasiões foi muito marcante, pois participei intensamente, acompanhando passo a passo cada etapa. Sentí o Divino Espírito Santo entrando no meu corpo. Parecemos uma fortaleza, as dificuldades são vencidas, a população nos acolhe e também participa intensamente. A grande mudança na minha vida, com certeza, foi o aumento da fé em Deus. E a partir da fé veio acompanhado outras séries de graças.

³⁸ Entrevista com Luciano Pereira Pinto concedida no dia 15 de Setembro de 2011.

Durante a pesquisa de campo, o filho de Luciano, com apenas três anos de idade, foi destaque entre os familiares na festa do Divino Espírito Santo de 2011. “Onde todos os dias no final da tarde, (Guilherme) estava prontamente para deslocar até o pouso da folia com o seu pandeiro e o chapéu de couro. E até hoje procura se hoje nós iremos para a folia³⁹”.

A esposa de Luciano Pinto, Vanessa Nascimento Pereira⁴⁰, veio de Belém (PA) e disse ser a primeira vez que participava da festa e já era Imperatriz do Divino. “Lá não temos esse costume e para mim tudo é novidade. A gente fica um pouco cansada, pois tem muita coisa para fazer e deixar pronto, mas estou gostando. É algo diferente e você vê a fé das pessoas e o quanto elas querem ajudar.”



Figura 4 – Altar da Igreja Matriz decorado para Missa do Sábado de Aleluia

³⁹ Entrevista com Luciano Pereira Pinto concedida no dia 15 de Setembro de 2011.

⁴⁰ Entrevista com Vanessa Nascimento Pereira concedida no dia 24 de abril de 2011.



Figura 5 - Preparação da casa do Imperador para janta e almoço antes da Saída das Folias.

Foto: Poliana Macedo



Figura 6 - Marceneiros preparando tablado para foliões fazerem a roda.

Foto: Poliana Macedo



Figura 7 - Ajudantes soltando foguetes para avisar na Casa do Capitão do Mastro que eles estão se preparando para a Saída das Folias.
Foto: Poliana Macedo



Figura 8 - Fogão improvisado para cozinhar para foliões, ajudantes e comunidade em geral.
Foto: Poliana Macedo

Durante a “arrumação”, o consumo de bebidas alcoólicas, como “pingas”, cervejas e licores acontecem naturalmente. Muitos homens participam desse momento por ser um serviço “mais pesado”, “coisa de homem”, como eles mesmos dizem. Os fogos de artifícios estão presentes também no momento da “arrumação”, pois é uma forma de comunicação entre os locais de organização da festa, uma forma de manifestar a alegria de onde estão. Por exemplo, na casa do Imperador, onde o almoço e a janta serão servidos, os devotos trabalham para organizar o local e, vez ou outra, ‘soltam’ um foguete e em resposta (em duas ou três casas onde as mulheres preparam os bolos) os devotos também ‘soltam’ foguetes.

Os mais velhos também vão para os locais e da arrumação conversam sobre causos da roça e algumas experiências de folias e outras festas do Divino das quais participaram. Brandão explica em seu livro *Prece e Folia: festa e romaria* (2010) que

[...] todos os “do lugar” compartilham crenças e conhecimentos comuns. Pouca coisa pode ser improvisada, se é porque desigualmente se sabe o que vai acontecer e desigualmente se sabe como proceder que o rito recria o conhecido e, assim, renova a tradição; aquilo que se deve repetir todos os anos como conhecimento, para se consagrar como valor comum. Renova um saber cuja força é ser o mesmo para ser aceito. Repetir-se até vir a ser, mais do que apenas um saber sobre o sagrado, um saber socialmente consagrado. (BRANDÃO, 2010, p. 58)



Figura 9 - Missa do Sábado de Aleluia com a presença dos foliões, alferes e todos envolvidos na festa.

Foto: Poliana Macedo



Figura 10 - Licor, cachaça e vinho estão à disposição das pessoas que vão jantar ou almoçar na casa do Imperador.

Foto: Poliana Macedo



Figura 11 - Imperador jantando com os foliões.

Na noite do Sábado de Aleluia, todos os envolvidos na festa participam da Missa que precede a Procissão das Luzes⁴¹. Imperador e Imperatriz, Capitão do Mastro e Rainha do Mastro, Despachantes, Alferes⁴², Foliões e todos os familiares recebem bênçãos e conselhos do pároco sobre o período das folias e, principalmente, como os foliões devem se portar durante o Giro, nos pousos e na busca pelos donativos para a Festa do

⁴¹ A Procissão é um dos momentos culminantes da Semana Santa. Com as luzes dos postes apagadas, os fiéis caminham pelas ruas da cidade com fogaréus até chegar à Igreja.

⁴² O Alferes era o oficial que levava a bandeira, a *alferena*. Alferes-mor, o oficial que conduzia a insígnia do rei. Termo originário do latim "*aquila feris*", o porta-águia das legiões romanas, ou do árabe "*al faris*", o Porta-Estandarte. É provável que pela influência bizantina, a expressão romana tenha passado para os conquistadores muçulmanos da Península Ibérica, dos quais a herdaram espanhóis e portugueses. Para mais informações acessar http://www.sgex.eb.mil.br/vade_mecum/guarda_bandeira/vade_mecum.htm.

Imperador. É nessa noite que os Caixeiros⁴³ aparecem e o som das caixas que caracterizam as Folias do Divino Espírito Santo é entoado na Missa.

A missa dura três horas e nenhum folião ou devoto sai antes do final da mesma. Antes de saírem para a Casa do Imperador, as três folias se reúnem em frente à Igreja Matriz e a caixa é tocada, emocionando a todos os presentes e avisando que mais uma festa do Divino Espírito Santo se inicia. Em procissão, os Alferes, com suas bandeiras e traje especial⁴⁴, representando cada folia, seguem até a Casa do Imperador para jantar e cantarem o Bendito.

Ao toque da Caixa, os Alferes e suas bandeiras são recebidos pelo Imperador e toda sua família em sua casa. Todos os Alferes saúdam com vênias⁴⁵ e entregam a bandeira para o Imperador, sendo que ele também saúda os foliões com vênias e a repassa para um membro de sua família. Esse movimento é repetido com as outras duas folias.

Antes de servir o jantar, um membro da família senta junto com cada folia, em uma das três mesas preparadas para receber os foliões e rezam agradecendo e pedindo ao Divino Espírito Santo o envio dos setes dons para o tempo do Giro das Folias, além de proteção para a família do Imperador. Após a reza, o jantar é servido, porém, apenas os foliões podem se servir primeiro. Só aí, a comunidade pode se servir do jantar.

Por comum, o Alferes senta na cabeceira da mesa, a oração, ela pode ser feita por qualquer folião,

⁴³ Os Caixeiros utilizam a caixa (instrumento feito de madeira e couro de gado) para tocar sempre na chegada e na saída das folias, quando é chegada a hora de se alimentarem, dormirem, ou seja, qualquer aviso que seja necessário.

⁴⁴ Segundo entrevista com Belarmino Rumão Ferreira, concedida no dia 26 de agosto de 2011, o Alferes tem que ser destaque na folia usando sempre terno e gravata. Pela manhã, durante os pousos, ele pode usar só a camisa e gravata, mas a gravata é o destaque dele, por ser o chefe maior da folia. “Então, ele tem que fazer destaque, e aquela roupa, o paletó, o terno dele, aquilo é sagrado, ele tem que tá composto com aquela veste”.

⁴⁵ Movimentos pelo ar com a bandeira do Divino Espírito Santo como pedido de licença, cortesia ou permissão.

normalmente o folião chefe, ele é quem inicia a oração, mas o encarregado, ele tem a posição dele é sagrada. Se nós estamos chegando hoje, pousando aqui, ele vai sentar de frente para o centro da casa, para o interior da casa, amanhã, que nós vamos sair, ele vai sentar em direção à saída, indicando que nós já vamos sair. A bandeira não pode 'triscar' no chão. Às vezes acontece de ter encarregado, como a gente costuma dizer, "a tôa" que deixa a bandeira arrastar, mas não devemos deixar o estandarte do espírito santo rastejar pelo chão, até porque se torna uma falta de respeito com o sagrado⁴⁶.

Terminado o jantar e quando todos os presentes já jantaram, é chegado o momento do Bendito⁴⁷, que é cantado em quadras pelos foliões e consiste numa reza que agradece pelo alimento e pede bênção ao Divino, tanto para as folias, os devotos, Imperador e sua família, além da família que lhes acolherão no pouso.

*Faça a vênia meu Alferes
Por cima daquela mesa
Faça a vênia meu alferes
Nos irmãos aqui na mesa
Agora vamos rezar
A comunhão da santa Igreja
[...]
Do maior ao mais pequeno
Vamos reunir meu povo
Vamos agradecer a mesa
que lá nós já jantamo⁴⁸*

⁴⁶ Entrevista com Belarmino Rumão Ferreira concedida no dia 26 de agosto de 2011.

⁴⁷ Luís da Câmara Cascudo, no Dicionário do Folclore Brasileiro, elabora um pouco mais esta definição: "Os benditos são cantos religiosos com que são acompanhadas as procissões e, outrora as visitas do Santíssimo. Denomina o gênero o uso da palavra "bendito", iniciando o canto uníssono."

⁴⁸ Trecho de um Bendito cantado pelas Folias.

A importância dos alimentos nos versos, bem como a importância do alimento no ritual e o componente que mostra a divisão de classes, como no trecho “do maior ao mais pequeno” descrevem os ritos que todos devem seguir.

Finalizada as orações, os foliões, o Imperador e toda sua família se reúnem em festa. Festa na Casa do Imperador e na rua. Músicas dos foliões ao som de Catira, que é entoada pelas rodas de cada folia, animam os presentes. Bebidas são vendidas na porta da Casa do Imperador e a festa segue até às cinco horas da manhã.

No Domingo de Páscoa, a programação continua na Casa do Imperador e os preparativos na Igreja Matriz para a Saída das Folias, que geralmente acontece no final da tarde, porém, o aviso do pároco aos foliões foi que ela deveria sair às 15h.

Os foliões preparam-se para o almoço na Casa do Imperador e, logo após, saem para o início do Giro. Todos esperavam o almoço ficar pronto e cada momento uma folia chegava com seus foliões, alguns já vestidos com suas botas e esporas, cavalos nas proximidades da casa e os arreios recebendo os últimos reparos. A venda de bebidas, como cerveja e refrigerantes segue em frente à Casa do Imperador.



Figura 12 - Em frente à Casa do Imperador a venda de bebidas alcoólicas é presente.

Foto: Poliana Macedo



Figura 13 – Materiais para montaria da Folia de Cima aguardando a hora da partida.

Foto: Poliana Macedo



Figura 14 - Mulheres devotas ao Divino que trabalharam durante dois dias seguidos para preparar o alimento dos foliões.

Foto: Poliana Macedo



Figura 15 - Almoço antes da Saída das Folias.

Foto: Poliana Macedo

O clima na casa do Imperador era de espera, pois as folias demoraram a chegar para o almoço e a desculpa que davam era que o sol estava muito forte e que não queriam sair às 15h, como o padre tinha estipulado na programação.

Um detalhe que chamou a atenção é o barulho das esporas dos foliões ao tocar o chão fez-se perceber a chegada deles para o almoço oferecido na casa do Imperador. É nesse dia que eles saem para evangelizar na zona rural, além de arrecadar donativos para a grande Festa do Imperador.

O almoço inicia seguindo o mesmo ritual do jantar da noite anterior: na mesa sentaram-se os foliões, o alferes, os despachantes e um representante da família do Imperador, sempre muito bem servida e farta, pois no império do Divino ninguém fica sem comida. A diferença é a posição do alferes, que ficaram na ponta da mesa em frente à saída da casa (no jantar de Sábado, eles estavam na ponta da mesa que fica de costas para a saída da casa, ou seja, simbolizando que estavam ‘pousando’ no local).

Assim, os foliões só puderam se servir quando todos os componentes estivessem presentes. Os serventes preparam toda a mesa e as porções e sempre vão repondo. A comida é farta para quem quiser comer, podendo entrar e se servir à vontade.



Figura 16 – Devotos servindo-se após o almoço dos foliões.

Foto: Poliana Macedo

Assim que todos estavam presentes, eles rezam e agradecem pela comida. Durante o Bendito, os pratos são retirados, ficando apenas um garfo, uma colher, farinha e as sobras de comidas que porventura caíram sobre a mesa, pois segundo os foliões toda a comida que veio ofertada pelo ou para o Divino Espírito Santo não pode ser descartada. É uma falta respeito com a divindade.

Na Folia de Cima, um dos foliões faz as preces, assim como na folia do outro lado, e, na Folia dos Gerais, um dos despachantes faz a prece nesse dia e relembra aos foliões o papel deles durante o giro para que sempre que chegarem a algum lugar, tratá-los com amor, compreensão e educação.

Nesse dia, como o horário da Saída das Folias se aproximava e os foliões ainda teriam que ir até a Igreja receber as bênçãos do Padre, cada Folia ficou responsável por um canto: o Bendito, logo após o almoço; o Canto do Imperador, que abençoa toda a família do Imperador; e, o Canto da Igreja. O folião-guia é responsável pelos cânticos e tem uma importância fundamental dentro da folia, como explicou o Seu Belarmino Rumão⁴⁹:

Eu sempre saio como violeiro, evangelizador. Eu sou um violeiro-guia. Eu já fui Alferes na de Reis e eu tive vontade de sair como encarregado da folia de Natividade. Mas acontece o seguinte, cada grupo, um despachante quando diz "eu vou despachar uma folia pra fulano", ele já me chama como violeiro, já não me dá aquele espaço de dizer "eu quero que você seja meu Alferes", mas já me chama como violeiro, como guia. Agora dentro da folia, temos o violeiro, o caixeiro, que normalmente ele é guia porque ele que toca o aviso da folia, mas não necessariamente puxa canto. Porque o guia da folia é aquele que sabe fazer um canto da igreja pra folia sair, sabe fazer um canto lá no imperador, ele sabe fazer um bendito, ele sabe fazer um encontro aqui, ele sabe pedir um agasalho, ele sabe tudo, esse é o guia da folia. E às vezes, em um giro da folia, nós

⁴⁹ Entrevista com Belarmino Rumão Ferreira concedida no dia 26 de agosto de 2011.

temos quatro, cinco e até seis guias em uma folia que sabem tudo.

O canto do Bendito ficou sob a responsabilidade da Folia de Cima e o Canto do Imperador, pela Folia dos Gerais, que retrata em sua letra o papel de cada folião. Os cânticos são proferidos na sala da residência e reúnem, além de toda a família do Imperador que receberá as bênçãos, os membros da comunidade e os devotos, sejam os que ajudaram durante esses dias ou os que apenas foram acompanhar esse momento.

Na hora do Canto do Imperador, todas as três bandeiras das Foliagens estão no local, seguradas por todos os Alferes e em certo momento do cântico, todos os membros da família do Imperador ficam sob as três bandeiras para que possam receber as bênçãos do Divino Espírito Santo. Logo após, o Imperador e mais dois representantes de sua família seguram as bandeiras para que os devotos e população também possam beijar a bandeira em sinônimo de respeito e pedir proteção da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade.



Figura 17 – Folia de Cima na hora do Bendito após o almoço na Casa do Imperador.

Foto: Poliana Macedo



Figura 18 – Folia dos Gerais, entoando o Canto do Imperador na sala da casa.

Foto: Poliana Macedo



Figura 19 – Devotos beijando as três bandeiras do Divino que são seguradas pelo Imperador e familiares.

Foto: Poliana Macedo

Com o término do ritual do beijo às bandeiras pelos devotos, o Imperador e seus familiares levam as três bandeiras até a porta da Casa, após saudação com as vênias, entregam-nas para seus respectivos Alferes, enquanto os foliões-guias fazem festa assim, com a Caixa e seu som marcante chamando a atenção de todos, convidando a comunidade para a Saída das Folias.

Em cortejo pelas ruas de Natividade, as três bandeiras são levadas pelos Alferes das três folias, a comunidade aguarda a passagem das bandeiras para seguir junto com o restante dos devotos. Alguns ficam apenas na porta de suas casas, observando as três folias chegarem à Igreja Matriz, sempre ao som das Caixas.



Figura 20 – Foliões dançando ao som das Caixas, enquanto as bandeiras são levadas para a rua.

Foto: Poliana Macedo



Figura 21 – Imperador e familiares apresentando as bandeiras das folias aos Alferes e à comunidade.
Foto: Poliana Macedo



Figura 22 – Bandeiras levadas pelos Alferes para a Saída das Folias.
Foto: Poliana Macedo



Figura 23 – Alferes com as bandeiras das três Folias no Altar da Igreja Matriz.
Foto: Poliana Macedo



Figura 24 - Após a bênção do Padre, os Alferes apresentam as bandeiras para a comunidade pedir proteção ao Divino antes de saírem para o Giro.
Foto: Poliana Macedo



Figura 25 – Mãe leva o filho vestido como um folião durante a Saída das Foliás.

Foto: Poliana Macedo

Ao chegarem à Igreja Matriz a Missa é iniciada e cada folia entra com sua bandeira com seus foliões logo atrás. A Folia que ficou responsável por entoar o Canto da Igreja foi a Folia do Outro Lado do Rio Manoel Alves.

Com o término do canto, o pároco faz suas últimas considerações a respeito das atitudes e do comportamento dos foliões durante o Giro, além de reforçar em sermão durante missa sobre a missão de evangelização de cada um deles durante os próximos quarenta dias.

O Padre abençoa os foliões e termina a missa. Os foliões vão até o altar para rezar. A população se aglomera em frente ao altar da Igreja para beijar as bandeiras e, mais uma vez, rezar. Nesse momento, o número de pessoas na Igreja Matriz (e fora dela) é maior.

Os Alferes conseguem chegar até a porta da Igreja e muitas pessoas vêm ao encontro das bandeiras para pedir ou rezar ao Divino Espírito Santo. Idosos, crianças, mulheres homens da cidade e do sertão se aglomeram e formam uma grande fila para ter contato com um dos símbolos mais cultuados pelos devotos do Espírito Santo: a bandeira do Divino.

Enquanto os Alferes empunham as bandeiras do Divino para que a população possa tocá-las e adorá-las, os foliões e arrieiros⁵⁰ já preparam a tropa para sair no Giro. Chegam os cavalos, os mantimentos e o tintilar das esporas no chão retomam seu canto particular.

Por volta das 17h do Domingo de Páscoa, as Folias começam a sair para cumprir seu Giro. A primeira que reúne a comitiva e parte para evangelização e arrecadação de donativos para a Festa do Imperador é a Folia do Outro Lado do Rio Manuel Alves. Em seguida, a Folia de Cima segue seu destino e logo após, a Folia dos Gerais. Por onde passam, ainda dentro do perímetro urbano de Natividade, os devotos param a Folia e pedem para tocar e beijar a bandeira, além de rezar ao Divino Espírito Santo.

⁵⁰ Os Arrieiros são responsáveis pela tropa e pelos mantimentos, além de chegar primeiro no pouso das folias para organizar a parada.



Figura 27 – Momento em que a Folia de Cima se prepara para sair para o Giro.
Foto: Poliana Macedo



Figura 28 – Saída da Folia dos Gerais acontece por último e a comunidade ainda aguarda.
Foto: Poliana Macedo



Figura 29 – Folião para um Alferes durante seu percurso, ajoelha-se e beija a bandeira do Divino Espírito Santo.

Foto: Poliana Macedo

A Saída das Foliás é um momento de muita emoção. Diversas pessoas choram ao beijar a bandeira do Divino e com o som da Caixa que vai anunciando a Saída das Foliás, cria-se uma atmosfera de fé que toma conta do ambiente: pessoas rezando, chorando ou sorrindo. Diversas manifestações dos sentimentos mais variados foram percebidos nesse momento.

Em todos os lugares há ambulantes vendendo bebidas. Como os foliões, geralmente pais de família, saem em nome do Divino Espírito Santo, o Despachante fica responsável financeiramente pela família dele, além de dar suporte para a folia durante todos os dias. Segundo a historiadora Simone Camêlo, antes, quem cuidava das Foliás, além de toda essa responsabilidade de cuidar das famílias dos foliões era o Imperador, mas desde a década de 1990 que a figura do Despachante passou a ter essa obrigação.

Em Natividade, pelo menos com as pessoas envolvidas diretamente com a festa do Divino Espírito Santo, o Domingo de Páscoa não é dos comerciais “ovos de Páscoa”, mas sim, o dia da Saída das Folias e dos primeiros pousos, locais esses em que se encontra muita festa e oração em nome do Divino.

3.1.2 Giro e Pousos das Folias

As Folias do Divino Espírito Santo em Natividade giram durante 40 dias. Em algumas cidades do Estado do Tocantins esse tempo é menor chegando a sete dias. É no momento do giro das Folias que podemos afirmar que o sentido da festa se torna mais evidente, pois os foliões saem pela zona rural e passam por algumas cidades evangelizando e levando o nome do Divino Espírito Santo para os lugares mais remotos.

A fé e a satisfação dos fazendeiros, trabalhadores rurais e pessoas de qualquer classe social ao encontrarem com uma folia do Divino é notória. Quando a folia chega ao pousos, todos se aproximam dos foliões, o dono da fazenda lhes indica o seu lugar de dormida, os cavalos são recolhidos e alimentados pelos funcionários do local, o arrieiro já prepara a fogueira para ‘afinar’ os pandeiros para logo mais à noite, enquanto as mulheres terminam o preparo da comida, todos se reúnem ao redor da mesa para iniciar os preparativos de mais um ritual das Folias.

O pousos das Folias é um dos momentos mais importantes do Giro das Folias, pois é nesse momento que o papel dos foliões é acentuado. O historiador João Rafael Coelho Cursino dos Santos, em sua pesquisa sobre a Festa do divino de São Luiz de Paraitinga, em São Paulo, afirma que

Quando observamos o recolhimento de uma prenda pelos grupos de folia, com uma força ainda maior na zona rural, reforça-se a crença na ligação direta com a natureza. Mais do que esperar uma benção do clero institucionalizado, a família doadora tem a certeza de que, por exemplo, ao entregar uma de suas melhores reses para o Divino, será retribuída por uma grande colheita ou uma proteção a esse rebanho que tenderá a procriar-se ainda mais, ou seja, os

símbolos de fertilidade advindos das forças naturais são os preponderantes. É a ligação direta com o sagrado, ainda que fortalecida na atualidade e cada vez mais objeto das diversas indisposições entre a população e o clero, ocasionadas por uma relação evadida dos controles institucionais (SANTOS, 2008, p. 81).

“O bando de precatório se desloca, ao som da orquestra, à frente o estandarte vermelho, cantando quadras que refletem a religiosidade popular e a hospitalidade e generosidade dos moradores da localidade” (BELTRÃO, 1980, p. 69). Belarmino Rumão Ferreira, 61 anos, natural de Natividade, nasceu em uma fazenda a 28 km do município e todos seus familiares são da região. Folião desde os 15 anos de idade, Seu Belarmino faz parte desse bando de precatório apresentado por Beltrão e tem orgulho de contar sua história e memórias como folião.

Há uns 45 anos eu comecei a participar da festa, porque eu comecei a girar aos 15 anos e hoje tenho 60. Só que aqui mesmo, nas festas, no giro de folia de Natividade, eu comecei já muito depois, eu girava mais a folia da Chapada, ficava mais próximo da minha região, girava a folia do Bonfim, quando passava lá em nossa região, inclusive foi meu ponto de partida, foi girar a folia do Bonfim e pra só então, folia da Chapada, folia regional, folia de Reis. Meu pai era folião, meu avô era folião, meus tios folião e eu achava bonito aquela tradição e quando passou essa folia lá na minha região, que tava necessitando de pessoas para ajudar, ali foi o ponto de partida, eu me encaixei ali, me convidaram, eu ajudei cantar uns cânticos lá, assim mesmo sem saber, mas ajudei, e o pessoal gostaram do meu tom de voz e girei uns dias e me apaixonei pelo giro da folia⁵¹.

Belarmino é figura conhecida em Natividade e região, pois é compositor de diversas rodas e catiras, sendo requisitado

⁵¹ Entrevista com Belarmino Rumão Ferreira concedida no dia 26 de agosto de 2011.

diversas vezes para ser folião-guia durante o Giro. “Quase todo ano vou, às vezes falha, porque parei muito tempo também, parei uns oito anos sem girar porque fiquei sem parceiro, depois foi quando meu pai adoeceu, depois eu fiz parceria com o Patrício e desde então a gente não separou mais”.

Sobre seu papel como folião, Seu Belarmino mostra preocupação com o comportamento dos foliões e como a comunidade age com relação à festa em Natividade.

Antigamente, o pessoal eram mais comprometido com a seriedade. Hoje, eles têm um comprometimento de não deixar essa tradição morrer, mas eles não têm aquele compromisso de dizer eu vou viver a palavra de Deus para mim poder fazer com que os outros sintam o que eu tô transmitindo. Naquele tempo, no tempo que eu comecei girar, o povo não tinha tamanho conhecimento da palavra, mas o que eles conheciam, eles viviam. Agora eu acho que pra mim, o que mais pra mim não é pregar bonito pra você, se eu não vivo aquilo. Eu tenho que aprender de Cristo e te passar isso com amor, porque se eu não te passar a evangelização do Giro ou qualquer momento, se eu não te falar de Deus com amor, eu não tô evangelizando porque eu não vivo aquilo.

Belarmino, que trabalha como mestre de obras, diz que a fé das pessoas é mais forte no sertão e que na cidade, para algumas pessoas, a festa é vista apenas como folclore. “Hoje o povo olha mais a festa do Divino como folclore, eles não vê a parte espiritual da festa”. O folião ainda explica que quando está no Giro com os outros foliões e não há emoção com a chegada da folia há um problema.

A gente parte para as moradias e eu sempre digo para os companheiros, cada vez que nós tamo girando, se nós girar dois, três dias e você não sentir e não ver ninguém chorando debaixo da bandeira ao receber o cântico do Espírito Santo, pára, medita, vamos refletir, porque existe uma coisa errada porque nós não tamo conseguindo levar o sagrado pra penetrar nas pessoas, tem uma coisa errada.

Porque é uma emoção muito grande das pessoas quando recebe a bandeira do Espírito Santo na sua casa, sabemos que ali naquele estandarte, aquela imagem não é realmente o Espírito Santo,

Sobre sua relação com a natureza e a importância dela durante seu processo de composição de rodas e catiras, Belarmino disse que todas elas são voltadas para a relação do homem com a natureza e a fé. “A maioria de minhas composições é voltada para a natureza porque eu sou um adepto da preservação, porque eu sinto que quando eu tô em contato com a natureza, com o verde, com a hidrografia, me inspira compor”. Quando quer compor, Seu Belarmino disse que vai sozinho para a fazenda de uns amigos. “Cada vez que eu vou pra lá, eu gosto de ir sozinho, eu fico lá tranquilo, eu levo meu caderno, minha caneta e vou escrevendo e vou compondo minhas melodias”.

Seu Belarmino disse, emocionado durante entrevista, que não conseguia resumir sua relação com a devoção ao Divino Espírito Santo. Ele acredita que se não fosse sua participação durante os giros das folhas e o incentivo da igreja, ele não teria continuado na devoção.

Eu sei que se não fosse os giros da folia que eu tenho participado, a missão que eu recebi de Deus, o incentivo da igreja, eu não conhecia o tamanho da responsabilidade que eu tenho como folião, porque essa responsabilidade é muito maior do que qualquer pessoa imagina ser um enviado de Deus. Eu acho que não mereço, humanamente falando, não mereço a confiabilidade que Deus depositou sobre mim, mas hora que eu fico pensando assim, e já falei para algumas pessoas, quando eu nasci, Deus olhou e disse: eu vou transformar você em um discípulo meu, vou enviar você, você vai passar por momentos difícil, mas você será um daqueles que vai levar minha palavra para seus irmãos.

Porém, uma das mágoas de Seu Belarmino é a falta de interesse dos seus filhos em participar da festa e, principalmente, para serem foliões do Divino Espírito Santo.

Eu tenho esse sentimento porque meu pai aprendeu com o pai dele, eu aprendi com meu pai e não deixo isso para meus filhos. Eles não quiseram. Até por causa que o estudo exigiu muito deles e eles tiveram que, quando eu mudei pra aqui (**Natividade**), antes de eu mudar pra aqui, eu coloquei eles no colégio mais a avó. E vai convivendo hoje, com a tecnologia, com o estudo e eles vão vendo um horizonte tão diferente que começam a seguir por ali. Ser folião, eu sempre tenho dito isso, ser folião é como um sacerdócio, não é porque eu quero ser um folião, eu sou chamado para ser folião. É por isso que eu tenho que honrar muito o que eu sou, porque independe de mim... Independe de mim. Meus netos são pequenos. Se Deus permitir e se Ele quiser, e eu ainda tiver condições de ver eles na idade de ser um folião, eu ‘tarei’ aí com todo o prazer para ensinar.

A partir desses depoimentos, percebe-se a importância e o significado à devoção do Divino Espírito Santo para as pessoas da comunidade. A relação de cada um com os espaços em que vivem e convivem em comunhão, tornando-se lugares de experiência e trocas simbólicas.

O Imperador do Divino no ano de 2010, Júlio Dias Rocha (Julim), é folião de Natividade que sempre gira com outros foliões, além de compor músicas. Um folião-guia. Apesar de exercer, naquele ano, o papel de imperador e ser responsável pela festa, Julim compôs uma roda, batizada de “Roda Crítica Progressiva”, e ela esteve no caderno de cânticos oficiais da festa, além de ser entoada durante a Missa do Imperador, na Igreja Nossa Senhora da Natividade.

*Se eu pudesse gritar bem alto/
Pra o mundo inteiro escutar/
E aí com certeza, eu gritaria e faria o mundo escutar/
Porque parece que estão dormindo/
Ou ainda não ouviram falar/
Que nós somos todos irmãos/
E que devemos nos amar/
Um ao outro como Cristo amou/
E deixou para nós continuar./
Estamos surdos, cegos e mudos/
Porque tudo escrito está./
Porque tanta ignorância/
Que tem para atrapalhar/
Que causa tanta violência?/
Tá difícil pra controlar./
Porque tanto egoísmo?/
Ninguém não quer compartilhar/
O exemplo que Cristo deixou./
Nós estamos deixando apagar/
Porque tanta devastação?/
Ninguém não quer preservar/
E a natureza perfeita é que purifica o ar/
Com tanto desmatamento./
O sofrimento pode aumentar/
Que além da poluição/
As águas podem secar./
Por isso que eu queria gritar/
Para o mundo inteiro escutar/
Se alguém parasse para ouvir/
Muitas coisas iriam melhorar./
Por isso eu peço o Espírito Santo/
Olhai bastante pra nossa nação./
Nós precisamos de vosso amparo./
É difícil demais nossa situação./
Eu peço que aumentai a nossa fé/
Humildecê nossos corações/
E nos ensina compreender/
E fortaleça a religião/
Essa onda de violência/
Já nos traz a preocupação./
Iluminai nossos governantes/
Pra encontrar uma solução./
Dê a eles inteligência./
Respeito e boa intenção./
Que já não agientamos mais/
Ver falar em corrupção/
A ganância por real/
É o fator principal da razão./
Deixa muitos a desajar/
Pra outros guardar de montão./*

*O vício na juventude/
Já assusta a população./
Com bebida e a droga/
Nos destrói e causa tentação./
Filho não obedece os pais./
Cada vez mais está complicado./
No mundo está um desastre/
Essa tal prostituição./
Por isso eu peço Espírito Santo/
Olhai bastante pra nossa nação/
Sabemos que com vosso amparo/
Alcançaremos a libertação./
Eu fiz minha crítica progressiva/
Sobre o que precisa de correção/
E também faço meus elogios/
Sobre os benefícios que temos nas mãos/
Esses programas sociais/
Federais nós achamos bons/
E dever todos agradecer por comer daquele pão/
O programa Fome Zero/
Eu falo sério foi uma solução/
Apesar de não ser bem distribuído./
Mas tem sido uma redenção/
Bolsa Família e Bolsa Escola/
Foi uma vitória da população/
O Força Jovem e Vale Gás/
Foi demais o Bolsa Cidadã./
O Passe Livre ao deficiente/
Foi decente aquela intenção./
O transporte pra criança ir pra escola/
Foi o melhor das intenções./
Esse Programa Luz para Todos/
Digo que foi uma importante visão./
Eu sei que vai ser benéfica./
Quando tingir a nossa região/
Esse programa Compra Direta/
Foi um sucesso em todo sertão./
O apoio à agricultura familiar/
Vai melhorar muitas condições./
Temos umas línhas do Pronaf/
Com juros baixos e boas condições./
Temos o Ruraltins com assistência e qualificação./
A crítica quando é progressiva/
Auxílica a administração/
E o elogio na certa/
Fortalece as boas intenções.*

Questões ambientais, sociais e políticas são mencionadas nessa roda. Como se percebe, é por meio das composições das rodas que os foliões expressam sua relação com a natureza, com os problemas da sociedade e da família.

3.1.2.1 Folia de Cima

Após saírem da Praça da Igreja Matriz, os foliões da Folia de Cima são os primeiros a chegar ao pouso, na Chácara de Márcia Dallas, cujo proprietário é mais conhecido por Jimmy.

Marido e mulher, se possível os filhos e outros parentes, esperam na porta da cada pelo grupo de devotos cantadores. Nas fazendas não é raro que o marido vá esperar a Folia na porteira ou em um “arco” construído e decorado para o evento, enquanto a mulher e os filhos menores aguardam a chegada de todos na porta da casa (BRANDÃO, 2010, p.55).

Eles aguardavam a Folia na porteira da localidade para aí sim, adentrarem ao recinto, onde os foliões cantam pedindo o pouso, alimento e em troca bênçãos do Divino Espírito Santo para aqueles que os recebem.



Figura 30 – Canto da Acolhida, onde os foliões ficam em frente à casa do devoto pedindo pouso e alimento.

Foto: Poliana Macedo



Figura 31 – Homens assistindo ao futebol na televisão enquanto os foliões faziam o Canto da Acolhida.

Foto: Poliana Macedo



Figura 32 – Devotos em fila para cortejar a bandeira do Divino Espírito Santo.
Foto: Poliana Macedo



Figura 33 – Mãe ensinando a filha como tratar a bandeira do Divino.
Foto: Poliana Macedo

No Canto do Agasalho, os foliões pedem o pouso e alimento ao dono da fazenda.

*Dê licença meu Divino,
Nós queremos apiá
Dono da casa tem muito gosto
E aqui hoje nós vêi pousar
Meu divino nós giramos
Nóis sabe do seu trabalho
Procurou-se a morada
Pra fazê belo agasalho*

O pedido de pouso sendo aceito pelo dono da fazenda é confirmado quando o mesmo pega a bandeira da Folia durante o Canto do Agasalho. Ao ser entregue, a bandeira é levada pelo dono da propriedade por todos os cômodos da casa com o objetivo de abençoar o lar e ao retornar para o pátio, passa a bandeira do Divino por cima de todos as pessoas presentes, fazendo vênias. O proprietário da casa ergue a bandeira para que os devotos formem uma fila e a cumprimentem, seja beijando, enxugando lágrimas e rezando ou pedindo proteção ao Espírito Santo, enquanto a Folia pede proteção para quem os recebeu.

*Ohhh Senhor passa por aqui
Ohhh Senhor passa por aqui
Enche-me de ti, ó Senhor
Enche-me de ti...
Ohh Senhor enche-me de ti
Abençoa o dono da casa, ó Senhor,
Abençoa o dono da casa, ó Senhor⁵²*

Um detalhe observado durante o pouso é que algumas atividades da casa não param, ou mesmo não interferem no ritual, como o jogo de futebol que era transmitido na televisão. Assim que terminou o jogo, alguns homens e crianças que o assistiam

⁵² Trecho do canto do Agasalho cantado pelas Falias.

participaram dos rituais. Outro detalhe: por ser próximo da cidade de Natividade foi facilitada a presença de ambulantes na chácara vendendo bebidas no pouso.

Segundo a pedagoga Inara Gomes Leão⁵³, membro da família que recebeu esse pouso, participar da festa é uma tradição e apesar de morar no município de Santa Rosa (TO) ela trouxe sua filha para a casa dos seus tios, para que já começasse a entender a devoção ao Divino Espírito Santo. “Tem que vir para ajudar na cozinha porque é muito serviço e todos os anos meus tios recebem o pouso. Sem contar que trouxe a minha pequena para começar a entender o que é a festa e, claro, respeitar também.”

Em seguida, o ritual se estabeleceu conforme a tradição: os foliões arrumaram seus arreios, a janta foi servida, o Bendito cantado em agradecimento e a roda estabelecida. Festa em nome do Divino Espírito Santo, ao som de catira e versos que falam do homem, natureza e fé até altas horas da madrugada.

3.1.2.2 Folia do Outro Lado Do Rio Manuel Alves

Já a Folia do Outro Lado do Rio Manuel Alves fez pouso na Fazenda do Romário. Com a presença do Imperador, os foliões chegaram à fazenda e cumpriram o mesmo ritual de cantos e agradecimentos, porém cada qual com sua letra e canção, mas nunca saindo do tema de pedir abrigo.

Os foliões saem em busca de donativos para a Festa do Imperador. Seja uma vaca, uma saca de farinha ou dinheiro em espécie todos os donativos são guardados e/ou anotados pelos foliões. Os que são anotados no caderninho serão buscados assim que as folias retornarem à Natividade em que a coleta acontece na semana que antecede a Festa do Imperador, cerca de dez dias antes.

⁵³ Entrevista com Inara Gomes Leão concedida no dia 24 de abril de 2010.



Figura 34 – Arrieiro ‘esquentando’ o couro do pandeiro para ser tocado logo mais pelos foliões-cantadores.

Foto: Poliana Macedo



Figura 35 – Após a janta, os foliões cantam o Bendito no pouso.

Foto: Poliana Macedo



Figura 36 – Momento da Roda dentro da casa do proprietário da fazenda.
Foto: Poliana Macedo



Figura 37 – Folião descansando junto com a tralha da tropa.
Foto: Poliana Macedo

Os foliões preparam seu local de dormida enquanto as mulheres terminam o preparo da janta. O arrieiro aquece a brasa para ‘esquentar’ o pandeiro para ser trocado o canto do Bendito e depois em festa onde cantam e bebem para animar os donos do pouso que lhes deram acolhida.

O jantar⁵⁴ é servido com um cardápio bem variado e muita quantidade de comida (macarronada, feijão, arroz, farofa, salada, frango, carne de porco, doce de abóbora e mamão verde, além do café no final), pois há muitas pessoas, principalmente os familiares do dono da fazenda, que vieram de Natividade para acompanhar o ritual, sem contar os devotos das chácaras e fazendas vizinhas que também comem no local. Nesse pouso, estavam reunidas mais de 60 pessoas. Alguns pousos mais famosos e conhecidos pela ‘animação da roda’ chegam a reunir cerca de 200 pessoas.

Assim que todos terminam de se alimentar, chega a vez do Bendito. Sem pressa e esperando a comida ‘assentar’, como eles mesmos disseram, os foliões se prepararam para cantar e agradecer a comida recebida, além de pedir proteção à família que os acolheram. Um detalhe é que os foliões inserem o tema da Campanha da Fraternidade, da Igreja Católica em suas quadras do Bendito, como por exemplo, a Campanha de 2011, que tratou da relação do homem com a natureza. A Campanha da Fraternidade 2011 foi um convite à reflexão sobre a necessidade de transformar os problemas provocados por anos de uso inadequado dos recursos naturais e poluição, em esperança para um novo recomeço com mais humanidade e sustentabilidade.

Em seus pousos, os foliões eles levam a orientação de preservação da natureza para os devotos.

*A vida no Planeta
É tudo tão lindo,
Mas meu pedido falou mais alto
Ohhh é a natureza*

⁵⁴ Na hora do almoço ou da “janta”, primeiro são servidos só os foliões. As pessoas da casa, os visitantes e acompanhantes da Folia esperam até que todos os da folia tenham comido para então fazerem seus pratos.

*Chora em apelo
Igual uma mãe em dores de parto (2x)⁵⁵*

Algumas pessoas aguardam o Bendito, outras não e algumas que só chegam para a roda que acontece dentro da casa do proprietário da fazenda, em uma sala pequena, reunindo os familiares, vizinhos e devotos ao som das modas ora entoam a proteção de Deus e ora contam algum caso de folião. Cachaça e licores são servidos à vontade durante a roda.

No dia seguinte, o foliões logo cedo partem e seguem seu caminho para evangelizar e angariar fundos para a Festa do Imperador, como explica Mello Moraes (1999, p. 41)

Enquanto os foliões cantavam e tocavam, tomavam café e dispunham-se para a partida, as pessoas da família e estranhas concorriam com esmolas, acondicionavam ofertas, e os seguiam com o olhar até desaparecerem na distância ou entre os matagais. Assim andavam eles, viajavam por dias inteiros, pedindo pousada aqui e ali, chegando por vezes à freguesia a fim de fazer entrega das esmolas e outras ofertas, que eram vendidas para as despesas da festa.

E assim, seguem evangelizando pelo interior da região. A cada pouso transmitem a palavra de Deus e arrecadam fundos ou mantimentos para a realização da festa do Divino Espírito Santo.

3.1.2.3Folia dos Gerais

A Folia dos Gerais passa por alguns municípios, entre eles Chapada da Natividade, Santa Rosa e Palmas. Em Palmas onde forma percorridos quase metade dos pousos nas fazendas e chácaras, os foliões chegam de micro-ônibus - os cavalos e arreios ficam em uma fazenda próxima à Capital -, permanecendo durante dois dias.

⁵⁵ Trecho do Bendito cantado pelas Folias.

O primeiro pouso em Palmas acontece na Casa de Maria, templo destinado a orações em culto à Nossa Senhora, mãe de Jesus Cristo, além de passarem pelas casas de alguns devotos que pediram a presença da bandeira do Divino em suas residências.

Ao final da tarde, enquanto aguardavam a hora de chegar até o pouso, os foliões foram levados para conhecer a Praia da Graciosa, localizada às margens do Lago da Usina Hidrelétrica Luiz Eduardo Magalhães. Nessa visita, alguns foliões mais antigos sentaram e começaram a compor músicas para serem cantadas nas rodas alegando que a beleza do pôr-do-sol e a paz do lugar os inspiravam para tal.



Figura 38 – Folia de Cima no templo da Casa de Maria em Palmas.

Foto: Lia Mara



Figura 39 – Foliões e Padre Pedro visitando a Praia da Graciosa, em Palmas.
Foto: Poliana Macedo



Figura 40 – Chegada da Folia de Cima no pouso da quadra 706 Sul, em Palmas.
Foto: Poliana Macedo



Figura 41 – Alferes da Folia de Cima passando a bandeira sobre o governador José Wilson Siqueira Campos, primeira-dama Marilúcia Uchôa Siqueira Campos e assessores no Palácio Araguaia.
Foto: Secom/Divulgação/2011

À noite os foliões chegaram até o local do pouso, na quadra 706 Sul em Palmas e foram recebidos na porta da casa pelo proprietário e seus familiares, além de amigos e outros devotos que possuem familiares em Natividade, porém residem em Palmas. Velas acesas nos muros indicam o caminho de onde Folia deverá pousar, representando, ainda, segundo os foliões, o fogo do Espírito Santo.

Seguindo o mesmo rito, os foliões cantam, pedem pouso e comida. O proprietário recebe a bandeira, faz vênias nos presentes e entra em sua casa para abençoá-la, aí sim, as outras pessoas, bem como os foliões, adentram a casa para se preparem para o jantar, o Bendito e a roda.

No dia seguinte, a próxima visita da folia no Palácio Araguaia, sede do Governo, ao então Governador do Estado, José Wilson Siqueira Campos que é devoto do Divino Espírito Santo com o intuito de trazer bênção à Capital e ao Governo.

Uma novidade durante a visita da bandeira ao Governador foi o encontro com uma das folias do município de

Monte do Carmo que também girava pela Capital. Um momento único na história do Estado onde duas folias se encontraram no Palácio.

3.1.3 Encontro das Folias

O Giro de quarenta dias termina em uma quinta-feira, dez dias antes da comemoração do Dia de Pentecostes. É neste dia que acontece o Encontro das Folias na Praça da Igreja Matriz, onde os foliões “assinam” o termo de compromisso, fazem as vênias com as bandeiras do Divino e entoam cânticos com muita alegria.

A comunidade comparece em grande número para celebrar esse momento. Homens, mulheres, jovens e crianças se reúnem em torno do pátio feito especialmente para esse momento da Festa do Divino Espírito Santo. Nem o sol forte desanima os devotos.



Figura 42 – Momento do encontro das três Folias, após quarenta dias de Giro pela zona rural e cidades circunvizinhas.

Foto: Flavio Pereira

As três Folias chegam ao mesmo tempo, cada qual com seu canto e cada qual vinha da sua rota. Encontram-se e cumprimentam-se com as vênias. Um tapete é estendido e três almofadas são colocadas no centro, representando cada uma delas. É lá que os Alferes se ajoelham e firmam seu compromisso com o Divino Espírito Santo. Os cânticos longos e variados são entoados pelos folias, entre eles: um para beijar as bandeiras e outro do Encontro das Folias dentre outros.

Após esse ritual, a festa continua na casa do Imperador regada a comidas e bebidas típicas (licores e cachaças artesanais). É com a chegada das folias que é dado início ao Tríduo do Divino, iniciado na quinta-feira seguinte, quando os devotos ficam durante três dias cantando e louvando ao Espírito Santo.

3.1.4 Preparação para as festas solenes

Nos dias que antecedem as festas solenes, nesse caso a Esmola Geral, Festa do Capitão e Festa do Imperador, os devotos concentram-se nos locais onde as festas serão realizadas para organizar a ornamentação, alimentação entre outros afazeres para os próximos dias de festas em tributo ao Divino.

Marianila Gonzaga de Campos Lima, 52 anos, funcionária pública da Prefeitura de Chapada da Natividade, distante 12 km de Natividade, mais conhecida na cidade como Nila, nasceu em Natividade e todos os familiares também são da cidade. Ela tem dois filhos, Rodrigo e Gustavo. Sobre sua religião e envolvimento com a festa, Nila explicou que é católica e que a religião e a festa do Divino sempre estiveram presentes na sua infância e entre os seus familiares. Há 30 anos, ela e todos os familiares recebem o pouso da folia do Divino de Natividade na fazenda dos pais.

Católica desde quando nasci. Minha mãe sempre ia para a Igreja, levando a gente, nos pousos de folia. Na realidade, eu convivi mais na fazenda junto com meus pais, antes de vir pra Natividade, pra estudar. E lá, o que a gente tinha lá no sertão, como a gente fala né, propriamente dito, era as folias que passavam uma vez por ano lá levando a mensagem do Espírito Santo. [...] Era o evento do

momento. Era esse o evento do ano pra gente, era esse. Até meus sete, oito anos até a gente vir para Natividade. Lá a gente ficava o tempo todo ajudando a mãe. Quando a folia chegava e a Caixa começava a tocar, a gente já se arrumava para receber, receber o Divino Espírito Santo com muita fé e isso meus pais passaram pra nós, desde os antepassados deles também, porque eles conviveram com isso também. E o que eles tinham para oferecer para a gente era isso. [...]O que a gente tinha que se apegar era com a mensagem do Divino que passava nos sertões, nas casas, nos pousos de folia, onde vinha outros visitantes. E, outros visitantes que eu digo, os vizinhos da fazenda próxima aquele pouso. Porque lá na minha mãe, vamos supor, tem um pouso lá que todo ano, tem mais de 30 anos que tem pouso. Aí essas pessoas vão pra lá para também receber a mensagem⁵⁶.

Beltrão (1980, p.69) expôs que “as famílias visitadas consideram uma honra receber, acolher e hospedar os foliões, aos quais se atribuem certas virtudes e poderes, sendo crença geral a de que por onde passam levam bênçãos especiais, a ponto até de curar doenças”. Nila conta que apesar de alguns irmãos morarem em outro Estado, todos os anos, no dia do pouso da folia na fazenda de seus pais, conseguem folga e vão para a fazenda em Natividade para ir ajudá-los. Ela entende que a folia reúne a família.

Então, todos os irmãos, morando em Goiânia onde for, deixavam seus afazeres e ia para receber a folia junto com eles. Assim, aquele momento fraterno, aquele momento da família ali junto para receber o Divino na porta da casa, todos os filhos. [...] **Hoje** (grifo nosso) continua do mesmo jeito. No dia de pouso minha mãe liga: _Oh o pouso. E a gente já tá sabendo o dia que é o pouso e a gente deixa o que tiver e vai, mata o que tiver de matar serviço e vai. Tem hora que eu fico pensando: minha mãe lá e tem muitos anos que ela recebe o pouso de folia, se

⁵⁶ Entrevista com Marianila Gonzaga de Campos Lima concedida no dia 28 de agosto de 2011.

acontecer assim, na falta dela, eu nem sei se a gente vai conseguir fazer um pouso lá novamente. Consegui arrumar tudo direitinho e a gente vai sentir muito. Eu fico até hoje pensando nisso.

Durante a organização da festa na cidade, Nila explicou que na festa de 2011, por ser um membro da família como festeiro, nesse caso seu sobrinho Luciano Pinto ser o Imperador, ela se envolveu mais do que em outros anos, mas sempre contribui e participa dos ritos.

Em outras festas eu vou na Esmola Geral, contribuo da maneira que eu vejo que a pessoa tá ali precisando, as vezes você chega no local e tem muita gente, já está tudo Ok, mas você vai lá e dá uma parcela de contribuição sim. Eu faço sempre. [...] Nesse ano, eu saí de casa em casa pedindo contribuição. Coloquei o chapeuzinho e a camisetinha do Divino: _Oh, estamos aqui em nome imperador do Divino Espírito Santo pedindo ajuda e colaboração pra gente fazer a festa. Em todas as casas contribuía, uns davam cinco ou três ovos, a gente recebia e agradecia. O importante pra gente é a interação também de toda a comunidade e não só da gente. Não, eu tenho condição de fazer a festa e não preciso de ninguém. Isso não é bom. O bom é a participação, é a interação da comunidade, entendeu? Porque todos querem participar e todos querem dar um donativo pra festejo, no sentido que eu estou ajudando o Divino. É a maneira que ele está retribuindo, ele pensa que está retribuindo dessa forma, então ele vai lá ajudar sim⁵⁷.

Dentre os motivos que fazem a fé e a devoção ao Divino Espírito Santo está “ser agraciado” com os pedidos feitos à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Em todos os lugares, devotos, foliões e comunidade comentam o poder do Divino e

⁵⁷ Entrevista com Marianila Gonzaga de Campos Lima concedida no dia 28 de agosto de 2011.

que com ele não se brinca. Ainda mais, que tudo que for pedido com fé para o Divino será atendido.

De graça do Divino foi o que mais recebemos, né? Inclusive meu filho agora, o Rodrigo, ele sofreu um acidente e inclusive hoje tá fazendo um ano do acidente com ele, acidente com caminhão, ele tava carregando areia e o caminhão desmontou todinho e tombou. Daí ele só me ligou: _Mãe, tombei o caminhão, vem me buscar que eu tô aqui e quebrou quase toda as minhas pernas. Aí estava ele e mais três, todos lá no chão. E quando eu cheguei ele tava lá e eu, mais que tudo, urgentemente, pedi ao Divino Espírito Santo, assim a Deus, para iluminar e tirar ele daquele perigo e não deixar de nada de ruim acontecer com ele. Passou pelo quadro de embolia, ficou na UTI, mas graças a Deus e ao Divino Espírito Santo foi recuperado, saiu da UTI, ele ficou sete dias na UTI. Com a bandeira do Divino Espírito Santo. Muitos devotos daqui de Natividade e em Chapada, onde eu trabalho, fez promessa pra ele sair de lá com a bandeira do Divino Espírito Santo. [...]Então, se agarrou, agarrou mesmo. E ele não era assim. Pra você vê. Não sei. Devia ter, mas não tanto quanto ele demonstrou isso pra gente. E tá aí, até hoje com a bandeira. Ganhou uma bandeira e tá aí com a bandeira no quarto dele e tá aí recuperado. A recuperação dele foi 6 meses. E já está aí correndo e pulando, graças a Deus. Bom demais. Só o Divino mesmo. Não tem nem o que falar, nem o que... É impressionante a graça dele. O que você pede com fé pro Divino, você consegue. É o autor dos dons celestes. Então, ele dá tudo, sabedoria, ciência, conselho, entendimento... Tudo ali. Então, o que você pede com fé, com ele você consegue tudo⁵⁸.

Sobre a importância da festa do Divino em sua vida, Nila diz emocionada que

⁵⁸ Entrevista com Marianila Gonzaga de Campos Lima concedida no dia 28 de agosto de 2011.

[...] na minha vida é tudo. Foi tudo pra mim, sabe? Não só pelo fato de Rodrigo ter recuperado, mas, assim, a convivência. Nasci vendo meus pais seguindo o Divino Espírito Santo, que é a terceira pessoa da Santíssima Trindade, e devoto mesmo. Creio no Espírito Santo sim e pra mim é ele a pessoa. [...] Todos ficaram satisfeitos, o povo nativitano, e pelo menos por onde eu passo, todos falam que a festa foi muito boa e a gente fica só agradecido, né? E se precisar de fazer outra, a gente tá pronto! Pronto pra fazer outro!⁵⁹

Apesar das comemorações do Divino acontecerem no primeiro semestre do ano, no máximo até junho (depende do calendário), na Praça do Pelourinho, os moradores estavam reunidos em uma das casas que fica em frente a essa praça e combinavam seu percurso para a Romaria do Bonfim, que acontece no mês de agosto, no povoado do Bonfim, distante 22 km de Natividade.

Apesar da movimentação para as festas, a cidade mantém seu modo de vida interiorano, quando na “hora do almoço” todos descansam. Após a pausa do almoço, as atividades reiniciam em alguns lugares, apesar de que em outros, como na Casa do Imperador, não parar nunca a produção de bolos, petas⁶⁰ e paçocas⁶¹.

⁵⁹ Entrevista com Marianila Gonzaga de Campos Lima concedida no dia 28 de agosto de 2011.

⁶⁰ Biscoito típico da região Centro-Oeste preparado com banha de porco, ovos, polvilho e sal.

⁶¹ Farofa de carne de sol, cebola e farinha piladas no pilão de madeira.



Figura 43 – Bolos prontos na Casa do Imperador.
Foto: Poliana Macedo



Figura 44 – Fornos de barro construídos para o preparo dos
bolos que serão distribuídos durante a festa.
Foto: Poliana Macedo



Figura 45 – Mulheres preparando as massas dos bolos para irem ao forno.
Foto: Poliana Macedo



Figura 46 – Devota organizando as bandeirolas com motivos do Divino.
Foto: Poliana Macedo

Na quinta-feira, próximo à Igreja Matriz, uma loja vende artesanato alusivo à Festa do Divino Espírito Santo. Dentre os artefatos para venda estão chaveiros, molduras para parede e licores com motivos da pombinha do Divino. No interior da loja, algumas mulheres ornamentam algumas cestas com papel crepom vermelho e branco, além de flores do mesmo material na cor branca, para enfeitá-las. Essas cestas seriam recheadas com os ‘pãezinhos do Divino’ que são distribuídos gratuitamente após serem benzidos durante a missa do Imperador e entregues para toda a comunidade presente na celebração.

Nesse mesmo dia, na Casa do Imperador acontecem os últimos preparativos para a Festa do Imperador, que só é realizada no Domingo de Pentecostes, no período da manhã. Porém, como é a maior festa, o trabalho também é maior.

Responsável pela ornamentação da igreja e dos ornamentos da Festa do Divino, Maria José de Oliveira Machado, 62 anos, mais conhecida como Dona Zeza, veio de Pernambuco para o então norte de Goiás, em Gurupi, e chegou a Natividade junto com seu marido e filhos em 1981. “Quando cheguei aqui, já tinha a festa e [o povo] já celebrava ela. Depois que eu cheguei aqui que comecei a participar da festa ajudando no que estava ao meu alcance”.

Para Dona Zeza, o que mais marca a festa do Divino é a fé do povo. Ela e o esposo foram festeiros em 1987 como Capitão do Mastro.

O que mais me marcou é a fé do povo. O amor que o povo tem pelo Divino. Se você vê o quanto é lindo, principalmente, eu já não digo assim na cidade, mas no sertão: a chegada da folia, o pouso é lindo demais. Muito bonito e de tardezinha quando vai chegando os folião tudo a cavalo. Arre pia. E mesmo o pessoal [inaudível]. Eu também já fui festeira do Divino. Nos já participamos, eu e meu esposo, ele foi capitão do mastro. É o que eu achei mais interessante foi que com pouco tempo que tínhamos chegado aqui, nós não tínhamos nem tanto conhecimento com o povo do sertão e tudo. Se você ver, chegava gente que eu nunca tinha visto e pegava assim com garra mesmo, fazendo os bolos comigo e gente que não sabia,

aqueles mais humildes assim, que não sabia fazer bolo, chegava e falava: _Dona Zeza, eu vim lavar ao menos as taças do bolo do Divino. E chegava do começo ao fim. Cuidava de tudo. Quando foi no dia da festa aqui em casa, nós festamos até amanhecer e quando foi por volta de umas 6h mais ou menos, eu deitei um pouco e quando eu levantei, as mulheres já tinham tomado conta e arrumado minha casa, já tinham feito almoço e estava tudo pronto. Eu me achei muito importante. E o pessoal, eles não olham quem, eles querem trabalhar para o Divino, eles já chegam e já falam, “olha, eu vim trabalhar pra Divino. Eu quero ajudar na festa do Divino”⁶².

Sobre as características da festa, Dona Zeza comenta que já assistiu festas em outros lugares e que nunca viu tanta fartura de comida e pessoas para ajudar na organização com em Natividade.

O pessoal que nem me conhecia, mas veio trabalhar pra o Divino. “Vim trabalhar para o Divino, eu quero ajudar na festa do Divino”. Olha, eu já assisti festa em outros lugares, mas o lugar para o povo ajudar mais na festa do Divino igual Natividade, eu não conheço. Porque o povo pega mesmo com garra. É gente cuidando de comida, é gente cuidando de bolo, uma partindo lenha, outros amassando bolo, outros botando fogo no forno, outros lavando tacho, ajudando de um modo geral. Acho que no mundo não tem uma festa pra dar comida pro povo de graça, igual essa festa do Divino. Porque em todo canto que você vai em festa, você tem que pagar pra se alimentar. E aqui você vem, você come, você bebe, você almoça, toma bebida, não é? Toma cerveja, toma refrigerante, toma suco, come bolo, come doce, paçoca, licores tudo de graça. E ainda leva mais pra casa! Uma sacolada! [...] Pode observar, nos outros lugares não tem isso, não. Tudo é pago. E quem vem para a festa do Divino não dá é conta de comer tanta coisa que tem. É

⁶² Entrevista com Maria José de Oliveira Machado concedida no dia 26 de agosto de 2011.

nisso aí que a gente vê a graça de Deus e o Divino multiplica muito mais o rebanho e a condição financeira do povo⁶³.

Outra entrevistada foi Márcia Araújo Borges Pinheiro, 55 anos, nascida em Goiânia, mas com a sua descendência toda de Natividade. Casada há 25 anos, ela tem filhos, sendo um deles deficiente auditivo.

Eu fico só nos bastidores! Eu participo. Ajudo na ornamentação, no bolo, na paçoca, encher saco com os bolos, em tudo que precisar. Trabalho de ajudar tanto o Imperador como o Capitão. Todo mundo da minha família trabalha na festa e desde pequena que eu ajudo. A gente ajuda sem interesse, sem gratificação, sem nada, só na fé mesmo. O Divino recompensa nosso trabalho. E também, só o imperador e o capitão não conseguem fazer uma festa dessa não, nunca! Sem ajuda da comunidade. Em termos com relação ao dinheiro e fazer, organizar. Porque são uns 500 kg de bolo, é bolo demais, paçoca, doce... E é muita gente. É muito bom.

Márcia disse que recorda da festa como algo em cenas e que parece está em outra época e lugar. Sua família nunca realizou uma festa, mas seu marido já participou de um sorteio. Dentre seus filhos, o menino quer ser folião quando crescer, porém sua filha mais velha é mais distante e não participa da festividade.

Quando era pequena sempre participei. Sempre lembrei que participava da festa, nunca perdi e sempre ia com meus pais. Lembro muito das imagens da festa. Sou católica. O que mais marcante na festa e que dá mais emoção é na hora do sorteio de quem vai ser o Imperador e o Capitão do Mastro. Eu acho lindo quando o imperador, linda a festa do Capitão do Mastro, porque é à noite, e realça mais, né? Mas a festa do Imperador parece

⁶³ Entrevista com Maria José de Oliveira Machado concedida no dia 26 de agosto de 2011.

aquelas festas antigas de Portugal, de Rainha e princesas, é assim, parece que não é em Natividade não⁶⁴.

Para ela, a festa mexe muito com a fé. “Quem não tiver fé, nem adianta vir em uma festa dessa para participar. Porque isso aí é para quem tem fé e está na religião. Se você não tiver fé e nem tá na religião, não adianta. A festa é linda demais! Você larga tudo⁶⁵”.

No local da arrumação, seja na casa do Imperador ou na casa do Capitão do Mastro, homens e mulheres de todas as idades trabalham em conjunto para cortar, fritar, pilar (em um pilão de madeira) e colocar em recipientes plásticos as paçocas de carne de sol, além de preparar, assar e empacotar os vários tipos de biscoitos (biscoito do céu, bolacha, peta e amor-perfeito), que serão distribuídos para a comunidade. Uma animação e disposição sem fim. Ao som de forró, causos eram contados no decorrer das atividades e fogos de artifícios eram disparados como sinal de comunicação, tanto da casa do Imperador quanto na casa do Capitão do Mastro, como resposta ao chamado de um e do outro. Os foguetes continuam a noite toda.

⁶⁴ Entrevista com Márcia Araújo Borges Pinheiro concedida dia 26 de agosto de 2011.

⁶⁵ Entrevista com Márcia Araújo Borges Pinheiro concedida dia 26 de agosto de 2011.



Figura 47 – Mulheres ornamentando o Mastro que levará o Capitão durante a “levada” até a Igreja Matriz.

Foto: Poliana Macedo



Figura 48 – Homens que organizavam a fiação elétrica do local onde serão servidas as comidas para a comunidade.

Foto: Poliana Macedo



Figura 49 – Dentro da Casa do Imperador, mulheres empacotam a paçoca e armazenam-na em caixas para distribuição no domingo.

Foto: Poliana Macedo

Devota do Divino e sempre presente nas comemorações do Divino Espírito Santo, Felisberta Ferreira da Silva (Felis)⁶⁶, dançadora de sùssia, disse que todos que estavam lá eram voluntários e atendiam ao chamado do Divino. “Se é para o Divino, ninguém reclama e nem ganha nada, aliás, ganhamos as bênçãos do Divino”.

É notório que os devotos têm uma fé imensurável para com o Divino Espírito Santo. Eles trabalham e se esforçam para preparar todas as comidas, bebidas e ornamentação em nome do Divino. No local há uma energia muito boa. Não há discussão, pois todos estão juntos em nome da fé, da propagação do nome do Divino e em busca das suas bênçãos.

É na noite de quinta-feira, que se inicia o preparo para o Tríduo ao Divino Espírito Santo, na Igreja Matriz Nossa Senhora

⁶⁶ Entrevista com Felisberta Ferreira da Silva concedida no dia 24 de abril de 2010.

da Natividade. Durante a missa, sobem ao altar o padre junto com seus coroinhas, Imperador e Imperatriz, além do Capitão e Rainha do Mastro. Por ser o primeiro dia do Tríduo e não ser um dia de festa, poucas pessoas participam (a igreja não estava lotada e alguns bancos estavam vagos), grande maioria dos presentes eram mulheres, além de poucos homens e jovens.

Na missa, o Tríduo é rápido e logo em seguida começa a missa. Durante a homília, o padre Pedro Novaes pede aos devotos que sigam três palavras durante a festa do Divino Espírito Santo, sendo elas: caridade, devoção e unidade. Para o padre, o Divino amolece nossos corações, nossos preconceitos e nos aproxima de Deus. A bandeira do Divino faz o povo de Deus se aproximar Dele. Nesse momento, o ambiente fica carregado de fé em todos os cânticos, orações e ladainhas em coro.

Ao final da missa, o padre pede para que as pessoas tragam uma vela para o Tríduo de sexta-feira que será benzida e 'levada ao Pai' para que o devoto a acenda só em momentos de extrema dificuldade e quando a fé se esvai. Antes da benção final, o padre Pedro Novaes convida o Capitão do Mastro e o Imperador para fazerem o uso da palavra e chamarem os devotos para participar das festas desse fim de semana.

O Capitão do Mastro de 2010, Antonio Luiz, disse para os presentes que tentou fazer o mínimo durante esse um ano de preparação para que a festa acontecesse da melhor maneira possível. E segundo ele, o máximo ninguém consegue. O Capitão ainda convidou todos para participar da missa, da busca e levatada do mastro, além da sua festa que seria realizada no sábado.

Já o Imperador do mesmo ano, Julio Dias Rocha, falou aos devotos que ao ser agraciado pelo Divino, apesar dele ser de origem humilde e não ter casa em Natividade, pois morava na zona rural, ele teve a responsabilidade de realizar uma caminhada árdua com a ajuda do Espírito Santo e, às vezes, quando sentia cansaço, uma das coisas que o faz ficar feliz é o calor humano, pois a ajuda dos irmãos na preparação dessa festa faz com que ele não se sinta só. E, muitas vezes, pessoas que ele não acreditava

que viriam ajudar apareciam e que pessoas com quem ele não tinha contato, também apareceram para colaborar com o Divino.

Uma das questões abordadas pelo Imperador Julio Dias Rocha foi que algumas pessoas que haviam colocado o nome para a sorte⁶⁷ do Divino pediram para que fosse retirado. E que, até aquele dia (quinta-feira), não havia nenhum nome para a sorte. O Imperador disse que “essa história é nossa e muita gente aqui de Natividade não dá valor. Nós que somos nativitanos temos que convencer nossos irmãos da importância de ter a festa do Divino e, claro, de ajudá-los com essa tarefa do Divino”⁶⁸.

O Padre Pedro complementou o pedido do Imperador e disse que “ao retirar o nome da sorte do Divino é sinal de rompimento com a tradição, pois se você colocou o nome, a sorte e a festa não é você que vai realizar, mas sim, o Divino. Pois o Divino que vai escolher o corpo em que ele quer agir para realizar o dia da caridade entre a comunidade”⁶⁹. Quando a missa foi finalizada, os devotos formaram uma fila para beijar a bandeira da Misericórdia e fazer pedidos ao Divino.

No segundo dia do Tríduo, sexta-feira, as atividades com os últimos preparos para as solenidades envolvem todos os foliões. Se os devotos terminam algum serviço e estão sem fazer nada, já partem para auxiliar outro grupo em qualquer atividade, seja na produção de bandeirolas, assando e preparando os bolos (de arroz, de polvilho e bolo de mãe) que serão distribuídos no domingo.

À noite, houve a bênção das velas em tributo ao Pai, sábado será ao Filho e Domingo ao Espírito Santo. Ainda durante a missa, o Imperador Julio Dias Rocha tomou a palavra antes do final e cantou a ladainha composta por ele e intitulada “Roda Crítica Progressiva”, que fala sobre a falta de união dos

⁶⁷ Receber a sorte do divino é ser agraciado para ser festeiro da festa do ano seguinte.

⁶⁸ Fala do imperador Julio Dias Rocha durante a missa do Tríduo ao Divino Espírito Santo.

⁶⁹ Fala do Padre Pedro Novaes durante a missa do Tríduo ao Divino Espírito Santo.

filhos de Deus, além de questões contemporâneas como violência, corrupção, poluição, programas sociais do Governo, entre outros. No final da missa, os devotos foram beijar a bandeira do Divino e pedir proteção divina para o ano. Nessa noite, as três bandeiras que foram no Giro das Folias compareceram a missa.

Os preparativos na casa do Imperador continuavam noite adentro com os foguetes entre a casa do Imperador e Capitão do Mastro.

3.1.5 Esmola Geral

No sábado acontece a Esmola Geral. No período da manhã, as mulheres da comunidade (em sua maioria idosas) organizam a Igreja Matriz para a saída da Esmola Geral que acontece por volta das 15h. Toda a Igreja é enfeitada na cor vermelha e as bandeiras do Divino chegam a todo momento e já são abençoadas pelo padre. Geralmente são bandeiras de devotos, promesseiros, doações e novas bandeiras. O movimento próximo à Igreja Matriz é intenso com a chegada das bandeiras e de pessoas que participam da Esmola Geral.

Ao chegarem à Igreja Matriz, aproximadamente 20 bandeiras enviadas por devotos são nomeadas pela organização para que uma não seja trocada por outra no final da Esmola Geral. A primeira bandeira a ser benzida pelo Padre Pedro Novaes é a bandeira da Misericórdia e após esse momento, são lidos os nomes das duplas que levarão as bandeiras durante a Esmola, sendo que o portador da bandeira não pode tocar no donativo que receberá pelo caminho.

O padre orientou ainda as duplas para que abençoassem todas as pessoas que encontrassem, e caso elas não quisessem, a bênção voltaria para quem a ofereceu. “Difunde em nós o Espírito Santo, pois a bandeira é nosso sinal para assegurar a santidade e a nossa fé”⁷⁰.

⁷⁰ Fala do padre Pedro Novaes durante a preparação para a Esmola Geral.

Enquanto os casais de alferes percorrem as residências levando a bandeira do Divino, simultaneamente uma multidão em procissão percorre as principais ruas da cidade, acompanhando em passos lentos a bandeira da Misericórdia. [...] Diversas pessoas se aglomeram nas calçadas em frente às casas, observando e bendizendo a passagem dos devotos. Vários vão até a bandeira da Misericórdia para beijá-la. Outras pessoas vão se incorporando ao cortejo (MESSIAS, 2010, p. 198)

As pessoas estavam emocionadas durante a Esmola Geral, pagando promessas e muitas estavam vestidas com a cor vermelha em homenagem ao Divino. A solenidade é longa e cansativa, porém as pessoas não saem do local e acompanham todo o trajeto, apesar do sol que é forte à tarde nesse período do ano em Natividade.



Figura 50 – Mulheres ornamentando a Igreja Matriz para receber a Esmola Geral.
Foto: Poliana Macedo



Figura 51 – Bandeiras do Divino Espírito Santo que chegavam para a Esmola Geral eram dispostas na mesa do altar da Igreja Matriz.

Foto: Poliana Macedo



Figura 52 – Devotas durante a Esmola Geral, cantando e, em sua grande maioria, vestidas de vermelho.

Foto: Poliana Macedo



Figura 53 – Após a bênção do Padre, as pessoas que as carregam as bandeiras se preparam para iniciar a Esmola Geral.

Foto: Poliana Macedo

Em resumo, a Esmola Geral é uma procissão na qual a população e os Alferes saem pelas principais ruas de Natividade com uma bandeira maior, a Bandeira da Misericórdia, e com as bandeiras dos devotos visitando os moradores e pedindo donativos para a festa de uma modo geral.

Folhetos em forma de leque são distribuídos com a letra de uma das principais músicas que é cantada durante a Esmola. O autor da música do ano de 2010 foi Flávio Antônio de Araújo e a canção intitulada “Esmola Geral do Divino Espírito Santo”:

Uma vida prolongada
Cheia de gozo e ventura
Com saúde vigorosa
O Divino lhe assegura

Devotos dessa cidade
Vinde ouvir o nosso canto
Vinde beijar a bandeira
Do Divino Espírito Santo

Uma vida prolongada
Cheia de gozo e pureza
Hão de subir os degraus
Aos auspícios da grandeza

Divino Espírito Santo
Senhor de cetro e coroa
Cá na terra uma pombinha
Lá no céu terceira pessoa

Quando der a sua esmola
Dê de bom coração
Que o Divino vos promete
Lá na glória a salvação

Divino Espírito Santo
Aqui vem nos visitar
Vem também pedir esmola
Para seu dia festejar

Deus lhe pague a boa esmola
Deus lhe dê muita saúde
Esmola é caridade
Caridade é virtude

Deus vos pague a boa esmola
Deus vos dê muito o que dar
O Divino Espírito Santo
É quem há de vos pagar

É chegada em vossa casa
Uma formosa bandeira
Nela vem retratada
Uma pomba verdadeira

A pombinha vai voando
Retratada nesse vén
O Divino Espírito Santo
É quem vem descendo lá do céu

A pombinha vai voando
No seu bico leva a flor
Vai voando e vai dizendo

Viva, viva o nosso imperador

Divino Espírito Santo Santo
Divino consolador
Consolai as nossas almas
Quando deste mundo for

Deus salve a casa santa
Onde Deus fez a morada
Onde mora o cálice bento
E a hóstia consagrada

O Divino pede esmola
Mas não pede por carecer
Ele pede pra experimentar
A quem seu devoto quer ser
Deus vos salve alma pia
Alma pura e venturosa
O Divino vos dará
A mansão gloriosa

Deus vos salve, meu Senhor,
Deus vos dê muito que dar
O Divino Espírito Santo
É quem vos há de ajudar

Senhor dona da casa
Um raminho da laranjeira
Venha dar a sua esmola
Ao Divino da bandeira

Quando der a sua esmola
Ponha seu dinheiro a juros
Quando for no fim dos tempos
Tem a glória por seguro

A pombinha vai voando
Por cima da laranjeira
Vai voando e vai dizendo
Viva, viva o alferes da bandeira

Sua casa está bem feita
Seu telhado é de vidro
Nela viva muitos anos
A mulher com seu marido

Adeus que vamos embora
Vamos com muita alegria
O Divino Espírito Santo
É quem fica em vossa companhia

Somente
na igreja

Rodrigo Gonzaga de Campos Lima, 30 anos, é filho de Nila e se considera um dos agraciados pelo Divino Espírito Santo após o acidente que sofreu quando trabalhava em Chapada da Natividade. Das festas que se recorda, desde 1989, Rodrigo disse que só participou intensamente da organização em 2011.

Estou sempre muito ligado com a religião e sempre estive presente em vários eventos religiosos, mas em relação à festa do Divino, participei pela primeira vez em 2011 de toda organização da festa. Ajudei recolhendo o gado nas fazendas para fazer as paçocas e a comida da Festa, a socar paçoca, na organização do local, buscando lenha pra fazer bolo, recolhendo donativos, nas gravações dos CDs das folias e etc. [...] Sempre estou convidando amigos pra ajudarem na organização da festa e eles sempre aceitam os convites feito de coração, conhecem bem a tradição da festa⁷¹.

Sobre a promessa que sua mãe (Nila) fez para que ele recuperasse do acidente, Rodrigo diz que teve que carregar a bandeira da Misericórdia no dia da Esmola Geral.

Sofri um acidente e minha mãe fez uma promessa pra me recuperar, então fui responsável por carregar a bandeira da Misericórdia pelas ruas da cidade, ela pesa uns 50 quilos e tem um três metros de altura, no primeiro instante que peguei achei que eu não fosse conseguir carregar, mas a minha fé é tão forte que consegui carregar ela dois dias seguidos das 7 horas da manhã a 1 hora da tarde. O vento batia tão forte na bandeira que eu pensava que não fosse conseguir, mas o Divino me iluminou e eu consegui pagar a minha promessa.

A Esmola Geral percorre toda a cidade e em determinados locais, as duplas vão de carro até certa região da cidade percorrem o local recolhendo os donativos e retornam de carro para o

⁷¹ Entrevista com Rodrigo Gonzaga de Campos Lima concedida no dia 18 de janeiro de 2012.

centro da cidade. O encontro de todas as bandeiras que saíram em busca de donativos para a Festa do Imperador acontece no Centro de Convenções, próximo à Rodoviária.

Chegando à casa do imperador, o alferes da bandeira da Misericórdia circula fazendo vênias e posteriormente entrega esta bandeira ao imperador, que também circula em frente à sua casa, fazendo vênias; em seguida, entra na casa, levando consigo a bandeira. Seguidamente, o mesmo gesto é repetido por todos os alferes do Divino, que participaram da procissão da Esmola Geral (MESSIAS, 2010, p. 203).

Após esse ritual é servido café e bolos para os presentes na casa do Imperador e logo mais à noite, acontece assim, a missa e festa do Capitão do Mastro.

3.1.6 Festa do Capitão do Mastro

No mesmo dia da Esmola Geral, ou seja, sábado na parte da noite, acontece a festa do Capitão do Mastro. Nela, o Capitão é levado de sua casa até a porta da Igreja Matriz em cima de um mastro de aproximadamente cinco metros de altura. A população acompanha o mastro até a Praça da Igreja ao som de músicas religiosas e com o caminho iluminado por velas.

Milheiro (2003, p. 457) aponta que um detalhe presente nessas festas é a decoração e, um dos elementos frequentemente utilizados eram as luminárias, pois simbolizavam a alegria, além de ser sinal da presença do sagrado e símbolo de oração, estando, assim, presente em todos os momentos da festa, pois as luzes “apareciam junto dos túmulos, dos altares e do Santíssimo Sacramento, faz escolta de honra em enterros e Procissões”.

O símbolo do capitão é um mastro de madeira, com aproximadamente seis metros de altura, enfeitado com bandeirolas vermelhas e brancas e com o estandarte do Divino no alto, ornamentado nas mesmas cores. É neste instrumento que o capitão, juntamente com a rainha do

mastro, sobem e são levados pelo povo, de sua casa até a porta da Igreja Matriz (MESSIAS, 2010, p. 203)

Durante a missa do Capitão do Mastro, a Igreja Matriz está lotada e as pessoas sentam-se ao redor da igreja, nas calçadas das casas vizinhas e escutam a missa que é transmitida pelos altos falantes da torre. A presença de famílias é notória.

Porém, a maior parte das pessoas que estavam do lado de fora não prestavam atenção na missa, pois elas conversam, brincam e ficam esperando a hora profana da festa. Tudo indica que a parte profana chama mais atenção até porque esse será o momento que poderão observar e provar a força e fé do Capitão do Mastro.



Figura 54 – Missa do segundo dia do Tríduo ao Divino Espírito Santo que acontece antes da busca do Mastro.

Foto: Poliana Macedo



Figura 55 – Comunidade sai da Missa e segue até a casa do Capitão do Mastro para a ‘buscada’ do Mastro.
Foto: Poliana Macedo

Os jovens não participam diretamente, mas sabem da importância da festa por influência da família, e só o fato de estarem presentes nesse ambiente (mesmo que fora) indica que participam dessa tradição. Outra observação é que a maior parte das mulheres está dentro da igreja e seus maridos ficam do lado de fora esperando o momento de buscar o Mastro. Conversando, claro.

O mastro é armado e enfeitado com antecedência, permanecendo à frente da casa do capitão. Enquanto os devotos participam da cerimônia religiosa, o grupo de tocadores e dançadores de sussa os aguardam em frente à casa do capitão do mastro (MESSIAS, 2010, p. 204).

Durante a missa, Padre Pedro diz que a festa do Divino é a forma de celebrar a festa da vida na carne e que no reinado do Espírito Santo ninguém passa fome, nem sede e nem pode ficar triste, daí que se justifica toda a festa. E que além de toda a festa, os devotos devem crer no amor que é gerado pelo Pai e Filho

através do Espírito Santo para unir o povo e falarem só uma língua.

O papel do Capitão na festa é chamar a atenção da comunidade para a importância da festa com seu Mastro. Durante a fala do Capitão do Mastro, ele informou que o valor gasto em sua festa girou em torno dos 35 mil reais e ele gastou “do seu bolso” só 10% desse valor, ou seja, o restante foi fruto de doação de devotos.

Após a missa, toda a comunidade presente sai em busca do Mastro na casa do Capitão. O Capitão e a Rainha do Mastro sobem no mastro, que por vezes se parece com um barco navegando pelo mar de gente. Os homens levantam o mastro e fazem movimentos rápidos de sobe e desce para testar a força dos dois, só que em determinado momento a rainha resolve descer e o fardo fica com o Capitão.

Os catireiros e as dançarinas de sússia abrem o caminho dançando (até com garrafas na cabeça), fazem paradas e dançam mais, além de cantar, o que atrai grande parte das pessoas. Luminárias produzidas com cera de abelha seguradas pela comunidade iluminam o caminho que será percorrido pelo mastro até sua chegada na Igreja Matriz. Cânticos são entoados enquanto todos seguem o mastro com o capitão em cima dele. A alegria é notória nesse momento da festa com risos, gargalhadas e música.



Figura 56 – ‘Buscada’ do mastro com o Capitão e Rainha dentro dele; comunidade com luminárias.

Foto: Emerson Silva



Figura 57 – O mastro chega até a entrada da Igreja Matriz trazido nos braços dos homens da comunidade.

Foto: Emerson Silva



Figura 58 – Dançadores de sùssia animam a comunidade, uma forma de convidá-los para a festa do Capitão do Mastro.
Foto: Emerson Silva



Figura 59 – Distribuição de comida na festa do Capitão do Mastro.
Foto: Emerson Silva

Ao chegarem em frente à Igreja Matriz, a sússia e a catira tomam conta do local e todos ficam ao redor, sendo que alguns dançam no meio da roda. Logo após esse evento, todos retornam para a casa do Capitão do Mastro onde a festa acontece e será oferecida para a comunidade “de graça”, com fartura de comida e bebida não alcoólica, pois há alguns anos o antigo pároco de Natividade proibiu a distribuição desse tipo de bebida.

Assim que todos se encontram no local, o Capitão do Mastro agradece pela presença e oferece simbolicamente a mesa cheia de comida e bebidas (licores alcoólicos são permitidos por serem artesanais) para os presentes. Uma mesa muito enfeitada e cheia de adornos e guloseimas é desfeita em segundos. Assim, o papel do Capitão foi cumprido.

Ao redor da festa do Capitão, vários ambulantes aproveitam a oportunidade para vender cerveja e espetinhos de carne. O forró começa e todos vão dançar, além de enfrentar uma fila organizada para pegar bolos, biscoitos, refrigerantes e paçocas.

3.1.7 Missa Solene, Coroação e Festa do Imperador

Dentre as mudanças de um ano para o outro (no período desta pesquisa) que aconteceram na festa do Divino Espírito Santo em Natividade está que: em 2010, foi o último ano que a Coroação e Missa Solene do Dia de Pentecostes aconteceu na Igreja Matriz, pois no ano seguinte em 2011, as comemorações foram transferidas para outras igrejas da cidade: a Igreja do Espírito Santo, próximo à entrada de Natividade, recebeu a Missa Solene, e na Igreja São Benedito foi realizada Coroação do Imperador.

No Domingo de Pentecostes chega ao ápice da festa do Divino Espírito Santo, em que há a coroação e a Festa do Imperador. Enquanto a igreja recebe os últimos preparativos como a decoração em geral, os pãezinhos da sorte do Imperador e a banda da cidade se prepara para tocar durante o cortejo. Poucos devotos estavam trajados de vermelho e muitas pessoas das cidades do interior chegavam para acompanhar a festa em caminhonetes à gás, mais conhecidas na região como os ‘pau-de-arara’.



Figura 60 – Altar da Igreja Matriz enfeitado para a Missa e Coroação do Imperador.
Foto: Poliana Macedo



Figura 61 – Mulheres preparando a mesa para receber alimentos e bebidas que serão doados pelo Imperador.
Foto: Poliana Macedo



Figura 62 – Ambulantes preparam seus postos de venda antes do início do cortejo.

Foto: Poliana Macedo



Figura 63 – Banda Municipal nos últimos preparativos para o cortejo.

Foto: Poliana Macedo



Figura 64 – Painel com pombinha do Divino e sete dons do Espírito Santo.
Foto: Poliana Macedo



Figura 65 – Barracas com os donativos do Imperador e os serventes aguardando o momento do cortejo.
Foto: Poliana Macedo

Segundo os devotos que estavam na Casa do Imperador para acompanhar a coroação, a tradição do local é que o Imperador seja coroado em sua casa e vá como tal até a Igreja, em cortejo junto com sua família, alferes e ex-imperadores, enfim, toda sua “Corte”.

[...] contexto de análise da mudança (degenerativa, mas ao mesmo tempo vivificante), nos modelos de maior perenidade o papel de “imperador” passa, nalguns casos, a ser interpretado por uma criança (tanto no Continente como nas ilhas e até no Brasil) ou, ainda, (talvez por inspiração do simbolismo da “rainha santa” ou analogia com as “juízas”/“modormas” das festas populares portuguesas), a incluir uma “imperatriz”. Percebe-se também aqui, de alguma forma, uma expressão crescente das funcionalidades familiares (LOPES, 2004, p. 123).

Logo cedo, as mulheres terminam a ornamentação do local onde será posta a mesa com as comidas e bebidas que o Imperador oferecerá para a comunidade. Os ambulantes também preparam seus produtos para venda especialmente bebidas como cerveja, refrigerante e água, e alguns ainda vendem também cachaça.



Figura 66 – Enquanto aguarda a saída do cortejo, devota beija a bandeira da Misericórdia.

Foto: Poliana Macedo



Figura 67 – Ambulantes nas calçadas, principalmente, próximo ao local da festa e da Igreja.

Foto: Poliana Macedo



Figura 68 – Jovens levando estandartes representando os sete dons do Espírito Santo.

Foto: Poliana Macedo



Figura 69 – Cortejo do Imperador até a Igreja Matriz onde acontecerá a Coroação e Missa Solene.

Foto: Poliana Macedo

Após a organização inicia-se o cortejo em que o Imperador e sua família saem pelas ruas e a população segue atrás com cânticos. A sequência do cortejo inicia com a bandeira da Misericórdia (a mesma da Esmola Geral), logo depois vem os Alferes das três folias desse ano, jovens representando os sete dons do Espírito Santo, crianças vestidas de anjinhos, o portalmofada com a bíblia, dentro de um cercado vem o Imperador com sua família e amigos, além do Capitão do Mastro e a Rainha do Mastro, logo atrás os ex-imperadores e capitães, seguidos pela banda municipal e a população.

No final do cortejo, a bandeira da Misericórdia saúda o Imperador e sua família na porta da Igreja Matriz e o padre os recebe onde realiza a coroação do Imperador. Após a coroação, inicia-se a Missa Solene e em seguida, é realizado o sorteio do Imperador e Capitão para a festa do ano seguinte.

Uma missa longa com a Igreja Matriz lotada, onde a banda se desloca para o coreto e o restante da população que acompanhava a solenidade fica na Igreja (na medida do possível), em frente à Igreja ou ao seu redor, principalmente, debaixo das sombras das árvores.



Figura 70 – Em 2010, cortejo do Imperador que acontece dentro de um quadrante e segue até a Igreja para coroação.
Foto: Emerson Silva



Figura 71 – Cortejo chegando à Igreja Matriz para Coroação e Missa Solene.
Foto: Poliana Macedo

O mastro que foi trazido pela população na noite anterior fica em frente à Igreja Matriz durante toda a noite e não há nele o menor resquício de vandalismo. Agentes da Polícia Militar estavam presentes no local devido a presença de autoridades como o Governador do Estado, alguns deputados e senadores que participam da Festa do Imperador, como também, por causa do grande contingente de pessoas em um só local (média de 2 mil pessoas) durante a Missa Solene, sem contar com a Festa do Imperador que reúne o dobro de pessoas.

No final da missa apaga-se o Círio que simboliza o Cristo presente entre o povo e que só volta a ser utilizado nas cerimônias de batismo. Na seqüência, o Imperador convida todos para participar da festa e agradece pela ajuda das cozinheiras, boleiras, cortadores de lenha, preparadores de paçoca, ornamentadores e cantores.

Um dos momentos mais esperados pela comunidade, o Sorteio do Imperador e Capitão do Mastro do ano seguinte a Igreja fica em silêncio. Faz-se a leitura da sorte para a escolha do

Imperador e Capitão do Mastro que no domingo mesmo já oferecem seus nomes, acontecendo assim um ‘sorteio simbólico’⁷², pois em todos os anos os interessados em promover a festa eram indicados ou manifestavam o desejo à Paróquia.

Durante o sermão, o Padre Novaes explica que no próximo ano (neste caso em 20110, haveria o sorteio de fato e não a indicação de nomes como acontecia nos anos anteriores. O outro nome para Capitão que não foi sorteado ficou como mordomo da festa do Divino Espírito Santo e teria que contribuir com R\$ 20,00⁷³ para a Igreja.

Nas ruas, as pessoas comentavam os nomes dos festeiros de 2011 e mais um ciclo se iniciava da festa do Divino Espírito Santo em Natividade.



Figura 72 – Imperador e Imperatriz de 2011 saindo da Igreja São Benedito após a Coroação.

Foto: Emerson Silva

⁷² Em 2010, para representar o Capitão foram colocados dois nomes e para Imperador só um nome.

⁷³ Valor definido pela Igreja.

Outro personagem importante em Natividade, não só como figura política, bem como para a festa do Divino como um todo é o senhor Joaquim Rodrigues de Cerqueira, 76 anos, mais conhecido por Seu Quinca. Em Natividade, ele já foi proprietário de loja de tecidos, secretário de obras, juiz de paz, vereador e vice-prefeito. E, como ele mesmo define, na sua “vida religiosa” já foi Alferes, Despachante, Imperador, Capitão do Mastro e, nos últimos anos, Procurador da Sorte na festa do Divino Espírito Santo.

Pai de cinco filhas, sete netos e duas bisnetas, das posições que já ocupou na festa, Seu Quinca disse que todas refletem o mesmo sentimento de amor ao Divino e que na família de oito irmãos, apenas ele, alguns primos e tios que são mais envolvidos com a festa. “Todos os sentimentos é o mesmo porque a fé e o amor ao Divino. A gente já tem no sangue, e o sangue é uma questão hereditária, não é? Mas também dos meus irmãos, só eu. Só. Não são ligados com a festa⁷⁴”.

Sobre a forma como a festa é celebrada atualmente, Seu Quinca recorda com saudosismo de quando girou nas folias.

Ah, me marcou muito e eu tenho dia de eu chorar quando eu lembro. Porque naquela época, diferente de hoje, porque o prosseguimento da humanidade tá mudando rapidamente e, naquela época era diferente, e foi ali em 65, 68. O povo morava no sertão, os costumes eram totalmente diferentes, tanto familiar como amizades. Naquela época ainda tinha amigo sério, hoje não existe mais, hoje é muito difícil. E a gente saía, como eu sai duas vezes, girando no sertão com aquela harmonia, você chegava nas moradas pra pernoite e mesmo durante o dia nas esmola, durante o dia, o povo recebia com aquela maravilha, maravilhosa alegria, aquele respeito, aquela fé, coisa linda e aqueles companheiros que giravam com a gente, os foliões todo mundo unido. Na pernoite, você chegava e tava aquele povão esperando a bandeira do Divino, daí ia cantar o agasalho, depois vinha a janta,

⁷⁴ Entrevista com Joaquim Rodrigues de Cerqueira concedida no dia 26 de agosto de 2011.

depois as roda, no outro dia... Isso me dá saudade demais. Muita e muita. Aquele povo, aqueles companheiros, um bocado deles já morreram, vários deles já morreram e não foi nenhum por idade, foi por doença que apareceu. E hoje, você olha e quase não vê mais aquele povo daquele tempo, só vê essa turma moderna, que não tem nenhum, não são todos totalmente, mas o sentimento já desapareceu, são um sentimento material terrível, isso acaba com as pessoas espiritualistas, perde o sentimento.

Segundo Seu Quinca, outra lembrança forte que ele tem é da relação com a natureza: o sertão, as folias e os foliões. Principalmente, na década de 1960, quando ele foi Alferes das folias do Divino e que a abundância de animais e plantas era maior. Seu Quinca explica, ainda, que uma coisa que influencia muito na festa é o período em que ela acontece, pois

[...] tem ano que é mais baixa e tem ano que é mais alta, e é melhor pra festa que é quando cai mais alta, porque já passou a chuva, tem muita água no sertão, mas não tem cheia e nem chuva. E aí fica melhor. Nesse ano que nós estamos (2011) ela caiu bem alta, porque a festa foi em junho. Né? E assim é melhor, né? [...] E, olhe. Tudo isso tem é um processo natural, porque a natureza ela é um poder criado pelo Criador. O Criador é Deus que é de infinita sabedoria e misericórdia. Ele é da trindade gloriosa, pai, filho e divino espírito santo. [...] Hoje você anda na natureza e os varjão encheram de mato, os chapadão fecharam e viraram tabuleiro e o campo, o tabuleiro virou mato de roça. Acabou tudo. Você não vê uma arara, não vê um papagaio, não vê um periquito, a coisa mais difícil é você vê um veado do campo. [...] Mas está totalmente diferente, o povo largou o sertão. Isso não é culpa deles, foi o procedimento das transformações políticas, sociais.

Para ele, a festa não terá fim, pois além do seu crescimento, a comunidade sabe da importância de manter essa tradição viva e que os foliões ou devotos sempre o procuram para

saber de alguma ‘regra’ ou “conduta a ser seguida” ou simplesmente, cantar uma roda.

E a festa do Divino, voltando a festa, ela hoje não vai interromper. Primeiro, por causa da força do Divino, ele querendo, ninguém derruba. Mas ela não volta aquela beleza que era no passado. Não volta. Ela cresceu também, depois que nós chegamos aí ela cresceu. Muita gente. E agora, o povo voltou a crescer de novo. E eu acredito que ela vai permanecer. Natividade tem muita vida no sentido religioso por causa da festa de Nossa Senhora da Natividade, que me parece que ela agora vai crescer mais do que ela era no passado, e a festa do Bonfim e do Divino. Ela mobiliza o povo, entusiasma o povo, o sujeito aí convivendo, vai tendo os costumes, aquela juventude, aí eles passa a fazer parte. Porque as pessoas mais de idade vão “descantiando”, porque ela é uma festa de muito trabalho, muita movimentação e exige muito serviço disso ou daquilo, e quem tem mais força de fazer é a pessoa de idade mais jovem.

Ao relatar sobre seu envolvimento com a festa do Divino, Seu Quinca fica emocionado pois segundo ele, suas filhas sempre participam da festa e um de seus netos será padre em breve e afirmou que fica feliz porque sua família está “toda encaminhada”.

Ela representa na minha vida, na minha parte espiritual interior, pode dizer tudo. Na fé, ela é uma festa muito bonita e eu a amo, eu tenho muito amor ao Divino Espírito Santo, porque o Divino Espírito Santo, ele é a Terceira Pessoa da Trindade Gloriosa, ele é pai, é filho, é espírito santo. Agora, a festa do Divino, a bandeira do Divino é um sinal que ela tem que sair para a pessoa adorar ela, ela tem que ser amada, tem que ser venerada e tem que ser respeitada. Não é isso? Agora, dentro de mim, eu é difícil eu receber um canto do Divino Espírito Santo porque que conheço, eu sei os cantos, já fui Alferes por duas vezes, participei da festa todo o tempo junto com os folião. Eu conheço um canto bem feito, que comove, e o

canto que não é, não comove, é a falta da competência do folião. [...] Um canto do Divino Espírito Santo para quem ama e para quem tem fé é sentimentalístico, espiritualista. Eu não resisto e disparo a chorar. [...] Aquilo, a beleza que é as coisas de Deus [...]

Brandão (2010) aponta que os atos recriam as trocas sociais e simbólicas, seguindo uma regra tradicional em que encontramos as ações de dar, receber e retribuir, sendo elas dádivas matérias ou espirituais.

Assim, todos os anos, em inúmeros recantos do país, repetem-se um festejo devoto que incorpora crenças e cultos, idéias e atos coletivos de diferentes origens. Uma dança inicialmente popular e profana associa-se a outros dramáticos também populares em sua origem. A dança de folia passa pelo salão dos nobres, e os autos pela nave das igrejas medievais. Dramas de piedade cristã com versos e danças são trazidos ao Brasil pelos missionários jesuítas. Fazem parte do repertório do teatro catequético e, portanto, são impostos aos indígenas espalham-se pelo ciclo das festas de povoados e cidades da Colônia. Tornam-se partes da vida das confrarias e irmandades religiosas de todo o país. Dramas da “Vida de Cristo” ou da “Vida dos Santos” coexistem com os ritos oficiais da religião, seja nas igrejas, seja nas procissões. Vistos com desconfiança pelos bispos renovadores do período de romanização do catolicismo brasileiro, ritos com cantos, danças e dramas piedosos – mas, é preciso dizer, em muitos casos fervorosamente festivos e barulhentos – são aos poucos expulsos do interior dos templos e das procissões para o adro, a praça, a periferia pobre das cidades e, daí, para as estradas e terreiros do mundo rural (BRANDÃO, 2010, p. 42).

Regidos pelas regras de um código estabelecido durante anos, os devotos e foliões do Divino Espírito Santo acompanham esses ritos do que pode ou se deve fazer em cada momento e o quê e como deve ser feito.

Em determinados momentos, os devotos são protagonistas ou apenas coadjuvantes dentro dessa relação. E é aí que percebemos os preceitos de Pierre Bourdieu (1998) sobre o papel da religião em cumprir uma função social, além da relação entre espaço e lugar nas festas religiosas, que se transformam à medida que adquirem definição e significado. Por exemplo, o rancho de uma fazenda ao receber uma folia do Divino transforma-se em lugar sagrado e de evangelização da palavra de Cristo. Bem como uma casa em uma rua qualquer de Natividade que vira espaço de festa e de bênção, o lugar do Império do Divino, sem contar com a praça da Igreja Matriz que na Saída ou no Encontro das folias é lugar de chegada e despedida de uma missão religiosa, em que o dar, o receber e o retribuir são uma constante na vida dos devotos e foliões do Divino Espírito Santo.

Independentemente da complexidade de uma festa religiosa, o homem religioso sente a necessidade de participar do tempo sagrado, pois é um acontecimento que foi originado há muito tempo e que por meio do rito retoma sua importância naquele momento. Vê-se que no tempo sagrado, tempo dos ritos e festas religiosas, o homem quer se aproximar dos modelos divinos e ficar mais próximo de seus deuses, ele simula e recria outro baseado nos mitos, enfim, na história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se caracterizar a festa do Divino Espírito Santo como uma festa cristã comunitária, um sinal de partilha e de compromisso na missão de reunir o mundo em torno da mensagem de Cristo.

O objetivo principal deste livro foi descrever o processo de organização da comunidade para a realização da festa do Divino Espírito Santo em Natividade e compreender a contribuição da mesma na construção da religiosidade da comunidade. Pode-se adiantar ainda que os resultados foram além do esperado, tanto pelo material visual coletado, como pelos depoimentos dos devotos e foliões à luz da teoria da folkcomunicação.

A problemática desta pesquisa consistiu em saber como ocorreu o processo de organização da comunidade de Natividade em torno da festa do Divino Espírito Santo e qual a sua contribuição para a cultura local, além de caracterizar como se deu o início desse modelo de comemoração, no modelo de “império”, bem como a atuação dos elementos folk presentes na relação entre a festa e a comunidade.

Todas as pessoas envolvidas na festa têm algo a dizer, por isso, a escolha de devotos, foliões, boleiras, imperadores para compor o universo dos entrevistados.

Foram dois anos de pesquisa intensa na comunidade, sem contar com outros quatro anos durante a graduação. Enfim, ao todo, seis anos dedicados para pesquisa sobre a festa do Divino Espírito Santo em Natividade uma das mais conhecidas e reconhecidas como tradição do Estado do Tocantins.

Partiu-se do pressuposto que na produção de crenças e práticas religiosas estão os modos de representação e compreensão individual e em grupo que são sustentadas pela memória que é revivida nos lugares, nos discursos e nas práticas. São essas práticas que vêm do passado, repletas de significados locais, regionais e até mesmo nacionais que servem de base para a construção e apropriação de novas culturas e valores de toda uma sociedade.

Os aspectos evidenciados nessa pesquisa ilustram alguns dos elementos que foram considerados importantes para o entendimento da festa como um todo. Como processo comunicacional, essa festividade é mobilizadora das comunidades e assumindo ainda dimensões culturais e religiosas, a festa do Divino Espírito Santo em Natividade possui uma característica folkcomunicação, já que é ativadora das relações humanas produzindo comunhão entre determinados grupos (zona urbana e zona rural) em torno de algo comum, o culto ao Divino.

Estudar as manifestações que envolvem religiosidade como o sagrado e o profano, ou seja, o que é divino torna-se uma busca por compreender os aspectos comunicacionais dos elementos religiosos de determinada cultura, além de buscar na memória do grupo participante dessa manifestação algo mais antigo, foi um dos alicerces para o desenvolvimento desta pesquisa.

Apresentou-se como foi estabelecido o conceito de religião, campo religioso e conceitos sobre o sagrado e profano nas festas religiosas, além de discorrer como se dá a relação do homem com a religião. Apresentou-se ainda, a interdisciplinaridade por meio das teorias da folkcomunicação e história oral.

Em seguida, apresentou-se conceitos sobre festas, histórico das comemorações da festa do Espírito Santo na Europa Ocidental, bem como sua expansão em Portugal e em suas colônias nos séculos XVII e XVIII, seguindo o modelo de “império” até sua chegada ao Brasil.

Partindo desse conhecimento histórico da festa e com embasamento sobre a relação do homem com a sua religiosidade, iniciou-se assim, a descrição das festas do Divino Espírito Santo no Estado do Tocantins, principalmente sobre Natividade, por ser o campo de estudo desta pesquisa, relatando todos os rituais dessa festa religiosa popular, com observação participante e entrevistas.

Conhecendo a festa e todos os seus ritos, além dos seus modos de fazer por meio da comunidade, abordou-se os conceitos de lugar, relacionando a interação dos foliões com as

folias, os ritos e, principalmente, a influência e importância do Divino Espírito Santo em sua vida e no seu espaço de convivência. Existe ali uma relação intensa de fé entre essas pessoas e seu padroeiro, que será refletida no empenho e dedicação em realizar a cada ano uma festa melhor que a outra.

Na abordagem teórica e metodológica, analisou-se o ambiente social e a própria organização da comunidade para a constituição dessa festividade. A presença das mulheres na organização da estrutura básica da festa é notória como percebe-se nas fotografias no terceiro capítulo. Elas “tomam a rédea” da organização e tudo sai conforme a tradição.

Os cânticos, rezas ou qualquer outro tipo de ritual que aconteça durante a festa do Divino Espírito Santo fizeram com que houvesse uma melhor compreensão do lugar, das pessoas, das transformações, dos juízos de valor e do modo de expressão da comunidade nativiana. É na expressão máxima da fé que percebe-se quão grandioso é o culto ao Divino Espírito Santo nessa cidade.

Relacionou-se ainda as questões sobre espaço e lugar em conjunto com relatos de experiência que cada entrevistado pôde repassar. Experiência essa, de fé e devoção ao Divino Espírito Santo, em que para eles a festa não é a comemoração de um acontecimento mítico (e portanto religioso), mas sim a sua atualização de compromisso e de fé com o sagrado.

Compartilhou-se momentos de uma história passada e ao mesmo tempo presente em que jovens, adultos e idosos recebiam e transmitiam conhecimento, seja na hora de cozinhar um bolo ou levantar uma tenda. Esse processo de comunicação entre o grupo e que é passado de geração a geração só corrobora com os estudos voltados para a folkcomunicação conforme apresentamos no decorrer desta pesquisa.

Fazendo uma ponte entre a comemoração da festa do Divino em Portugal como no Brasil, o modelo “império” que foi estabelecido em Alequer no século XIV ainda mantém suas características principais como personagens, ritos e solenidades. Claro que existem peculiaridades entre os dois países, bem como existem diferenças e similaridades na forma que é comemorada a

festa em nosso país, conforme foi apresentado o modo de organização da população para o festejo nas cidades de Monte do Carmo e Natividade em que há diferença nos costumes. Um exemplo é que em Natividade não há o reinado do Imperador menino e em Monte do Carmo sim.

Ao comparar a cidade de Pirenópolis (GO) com as ilhas do Açores evidentemente que haverá semelhanças com o ritual festivo, porém, no caso brasileiro, com algumas singularidades onde proliferam as procissões, as “folias”, as “cavalhadas”, as novenas, as danças populares e folclóricas. O que importa nesses casos apresentados é a especificidade principal da festa do Divino Espírito Santo onde é a figura do “Imperador” que além de ter um papel de comandar a procissão é distribuidor de ‘bodos’ ou esmolos, marcando assim essas práticas cerimoniais populares.

São essas peculiaridades que fazem com que cada festa se torne diferente e única. Sobre a influência do Barroco no “modelo” da festa, ressalta-se que pela suntuosidade, música, cores fortes, ostentação, o fazer fluir e influir o poder e acima de tudo, mostrá-lo para a população, além da idéia de ordem social e poder político que suspendem-se a uma esfera sobrenatural e divina, percebe-se que essa “atmosfera” circunda a festa, principalmente no dia da coroação do Imperador, quando, em trajes sociais e cheios de pedrarias, paetês e vestidos de gala, a Corte sai às ruas envolta da população para acompanhar o Imperador e vê-lo receber as bênçãos do Sagrado, tornando-o um enviado do Espírito Santo e representante do mesmo na Terra.

Os impérios obedecem de fato a um conjunto de motivações de natureza religiosa em que estão pessoas que antes de tudo, têm a fé no Espírito Santo. Essas motivações religiosas são particularmente importantes no caso do Imperador, do folião e de todos que participam do reinado de um ano do Divino Espírito Santo.

Sendo assim, quem faz a festa do Divino Espírito Santo em Natividade são os devotos. Os devotos e foliões buscam a aproximação do modelo divino para segui-lo, pelo menos nesse tempo sagrado da festa. É a fé e a devoção que motivam os

nativitanos, bem como pessoas das cidades vizinhas a viver a festa do Divino.

Independentemente do lugar onde esteja sendo organizada cada etapa da festa, pode-se afirmar que ela está em todos os lugares, seja na casa da boleira que reúne algumas mulheres ao redor do seu fogão a lenhas, ou seja no espaço em que os homens estão reunidos e ao terminar de levantar uma tenda comemoram com fogos de artifícios e tomando cerveja ou cachaça, tudo isso em nome do Divino.

Tentou-se observar a festa e o comportamento das pessoas para entender como funciona a festividade. Acredita-se que a festa do Divino é um conjunto de ritos bem definidos, cada um com sua especificidade, mas é algo além de uma simples festividade, como se comemorássemos um dia santo e também transborda o conceito de manifestação cultural, pois a “festa” envolve todos os elementos perpassando na casa, na rua, na roça e na igreja.

Durante a pesquisa de campo, observou-se ainda que as pessoas estavam fazendo e o que caracteriza essa festa, bem como a conduta de cada um durante determinado rito, como, por exemplo, na Saída das folias da casa do Imperador, logo após o almoço, cada personagem é responsável por um gesto, um ato ou representação, do que cada um pode fazer naquele momento, sempre amparados pelos mais velhos que ficam ao lado dizendo o que está “certo” e o que está “errado”, ou quê “pode” ou “não pode”. E, por último, tentou-se observar as trocas que existem entre essas pessoas, o significado dos objetos, dos atos e das falas.

Da participação de faixas etárias diferentes existe uma lacuna entre gerações que poderá interferir no prosseguimento da festa, ou pelo menos diminuir o fervor por algum tempo, pois poucos jovens estavam presentes nos momentos mais sagrados da festa. É fato que os avós influenciam mais os netos do que influenciaram seus filhos.

Da relação dos foliões com a natureza, a devoção à mesma é notória nas composições das músicas e a relação que os foliões possuem, principalmente quando estão no Giro das folias, da importância da natureza nesses 40 dias, algo que vai além da

compreensão. É, a partir dessa observação que Mircea Eliade (2008) comenta que as pessoas contam e recontam histórias sobre acontecimentos grupais, elaborando e reelaborando mitos que, ao atuarem no caso da religião como meta-narrativas hierofânicas, tornam possível sua sociabilidade e embasam uma história comum.

Durante a pesquisa observou-se ainda, que no dia a dia, apesar de uma boa parte dos organizadores e participantes trabalharem e viverem em condições econômicas desfavoráveis à outras pessoas, a festa muda toda essa realidade e os devotos passam a pertencer, aliás, todos pertencem a um mesmo universo, cria-se ali uma sensação de pertencimento, onde todos são importantes e podem colaborar, em que as tradições herdadas são repassadas no tempo presente.

A realização da festa fortalece a história e a memória local, pois é na produção e reprodução dos ritos e rituais aprendidos com seus antepassados que os espaços de realização da mesma tornam-se lugares. Por experiência, Yi-Fu Tuan (1983, p. 224) questiona que “o sentido de lugar é uma qualidade do equilíbrio do conhecimento entre sentir-se enraizado no lugar, que é inconsciente, e sentir-se estranho, que está associado a uma consciência exagerada – e exagerada porque é somente ou em grande parte mental?”

Não há reprodução de mensagem, trocas simbólicas, memória e experiência sem que pessoas estejam envolvidas e, de certa maneira, por mais que a festa diminua seu tamanho, nunca deixará de ser grandiosa e com intenso significado para seus devotos.

É a fé que faz com que as pessoas acreditem nas bênçãos dessa divindade e por mais que alguns não estejam muito envolvidos, em determinado momento, eles se rendem à devoção e iniciam aí o aprendizado e a transmissão de saberes pela memória e pela experiência que cada um obteve na sua vivência, seja como simples devoto ou fervoroso folião do Divino.

Por fim, esta pesquisa abre possibilidades para outras investigações, já que como apontou-se a influência dos franciscanos, bem como dos portugueses das ilhas de Açores na

expansão do culto ao Divino Espírito Santo no Brasil é comprovada por alguns autores. Este livro caracterizou-se como um trabalho delicado e minucioso, em que trabalhar com história oral e principalmente, agentes folk, requer confiança por parte da comunidade no pesquisador. Contar sua vida e sua experiência com o sagrado é algo forte e que emocionou os entrevistados e todos os envolvidos na pesquisa, pois adentrou-se em um território tão particular e misterioso do ser humano que é a fé.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. *O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.
- ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. A redenção dos pardos: a festa de São Gonçalo Garcia no Recife, em 1745. In: JANCOSO, Istvóu; KANTOR, Luis (orgs). *Festa, cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. Vols. I, São Paulo: Imprensa Oficial, 2001.
- BARROS, José d'Assunção. Os campos da História no século XX. In: *Ler História* - número 49, 2007, p. 77-104
- BEBIANO, Rui. Festa. In: *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*. Lisboa: Ed. Presença, 1989.
- BELTRÃO, Luís. *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Cortez Editora, 1980.
- BENEVIDES, Francisco da Fonseca. *Rainhas de Portugal: estudo histórico*. 2ª Ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2009.
- BENJAMIN, Roberto. Folkcomunicação: da proposta de Luiz Beltrão à contemporaneidade. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 8-9, enero/diciembre 2008. Disponível em: <http://www.alaic.net/portal/revista/r8-9/cientifica_06.pdf>. Acesso em: 15 Nov 2011.
- BERTAUX, Daniel. *La historia oral: métodos y experiencias*. Madrid : Debate, 1993.
- BOLL, Armindo, OLIVEIRA, Marcelo Pires de. A Pesquisa de Campo em Folkcomunicação - Escolhas de métodos de coleta de dados – o caso da história oral na pesquisa com as figureiras de Tabuaté. In: *CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE FOLKCOMUNICAÇÃO*. 8, 2005, Teresina. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/7/73/GT1-007-Pesquisa_de_campo_-_Armindo_e_Marcelo.pdf>. Acesso em: 02 jul 2010.

- BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In: BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo; Perspectiva, 1998.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Prece e folia: festa e romaria*. Aparecida: Ideias & Letras, 2010.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Sacerdotes de Viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.
- CÂMARA MUNICIPAL DE ALENQUER. *Renascem as festas do Espírito Santo*. Disponível em: <<http://www.cm-alenquer.pt/News/newsdetail.aspx?news=16a78b3e-f502-44e7-9859-f940d8ea7801&q=divino>> Acesso em: 02 jul 2010.
- CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4ª ed. 1ª reimpressão – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- CARDIM, Pedro. Entradas solenes: rituais comunitários e festas políticas, Portugal e Brasil, séculos XVI e XVII. In: JANCOSO, Istvóu; KANTOR, Luis (orgs). *Festa, cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. Vols. I, São Paulo: Imprensa Oficial, 2001.
- CARVALHO, Maria Michol Pinho de. Divino Espírito (re)ligando Portugal/Brasil no Imaginário Religioso Popular. In: *CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA*, 4, 2008, Lisboa. Disponível em: <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/188.pdf>>. Acesso em: 02 jul 2010.
- CORREIA, Sílvia. A CGTP, a história oral e o estudo dos trabalhadores. In: *Le Monde diplomatique* (edição portuguesa) – II série, nº 51- Janeiro 2011.

- COSTA, Antonieta. *As festas Sanjoaninas e suas origens mais remotas: estudo comparativo documental*. Guimarães: NEPS - Universidade do Minho, D.L. 2002. (Cadernos NEPS).
- COUTINHO, A. CAVALCANTE, M. *Ex-voto: uma manifestação da fé popular*. Professor Orientador: Rogério Cadengue, 1984.
- D'ANGELO, Zuleide. Natividade reverencia o Imperador do Divino Espírito Santo. *Jornal do Tocantins*, Caderno Arte & Vida, p. 02, 05 de jun de 2001.
- D'ANGELO, Zuleide. Imperador do Divino vai reinar hoje em Natividade. *Jornal do Tocantins*, Caderno Arte & Vida, p. 02, 19 de mai de 2002.
- DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco: 1986.
- DEL PRIORI, Mary, HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. O “baú de ossos”: história como parte da memória & memória como objeto da história. In: *Memória, Patrimônio e Identidade – Salto para o Futuro/TV Escola*. Disponível em: <<http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/145632MemoriaPatriIdent.pdf>>. Acesso em: 13 mai 2010.
- DURKHEIN, Emile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. 3ª Ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano - A Essência das Religiões*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, s/d.
- FERRETTI, Sérgio Figueiredo. Festa do Divino no Tambor de Mina. *Conférence de la Société Internationale de Sociologie des Religions (SISR)*, 25, 1999, Bélgica. Disponível em: <<http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Festa%20do%20Divino%20no%20Tambor%20de%20Mina.pdf>> Acesso em: 28 de Dez 2011.
- FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

Festa do Divino tem início com a saída dos foliões. *Jornal do Tocantins*, Caderno Arte & Vida, p. 02, 12 de abr de 1998.

Festejos do Divino movimentam Natividade. *Jornal do Tocantins*, Caderno Arte & Vida, p. 02, 31 de mai de 1998.

FREITAS, Bianca Gonçalves de. O Sagrado e Profano na Folkcomunicação. In: *CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE FOLKCOMUNICAÇÃO*. 8, 2005, Teresina. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/7/7d/GT6-009-O_sagrado_e_o_profano-Bianca.pdf> Acesso em: 12 Nov 2011.

GALEFFI, Dante Augusto. O que é isto – a fenomenologia de Husserl?. *Ideação*, n. 05, p.13-36, ma/jun 2000. Disponível em: <<http://www.uefs.br/nef/dante5.pdf>>. Acesso em: 08 jan 2012.

GEERTZ, Clifford, *A interpretação das culturas*. - 1.ed., IS. reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1991.

_____. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. – 7ª ed. Editora DP&A: São Paulo, 2002.

HOHLFELDT, Antonio. Novas tendências nas pesquisas da folkcomunicação: pesquisas acadêmicas se aproximam dos estudos culturais. In: *CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*. 1, 2002, Salvador.

HUFF JUNIOR, Arnaldo Érico. Campo religioso brasileiro e história do tempo presente. *Cad. CERU*, São Paulo, v. 19, n. 2, dez. 2008. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-45192008000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 jan. 2012.

- HUSSERL, Edmund. *A idéia da Fenomenologia*. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.
- JOUTARD, Phillip. Memória coletiva. In: BURGUIÈRE, A. (Org.). *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- LEAL, João. *As Festas do Espírito Santo no Açores: um estudo de antropologia social*. Publicações Dom Quixote: Lisboa, 1994.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. São Paulo, editora UNICAMP, 1990.
- LIMA, José. Festa. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.). *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.
- LOPES, Aurélio. *Devoção e poder nas Festas do Espírito Santo*. Edições Cosmos, 2004.
- MALUF, Márcia. Aspecto Barroco nas Festas Populares. *Revista Olhar*. Ano 03. N° 05-06. JAN-DEZ/01. Disponível em: <<http://olhar.usfcar.br/index.php/olhar/article/viemFile/68/59>> Acesso em: 10 de Jan 2012.
- MANAZETE, Celeste Marinho, GUIMARÃES, Carla, COSTA, Maria Juliana. As relações simbólicas da Festa do Divino de São Luis do Paraitinga. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE A ESCOLA LATINO-AMERICANA DE COMUNICAÇÃO. 08, 2004, São Paulo. Disponível em: <<http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/0/08/GT4Texto009.pdf>> Acesso em: 15 abr 2011.
- MARQUES, João Francisco. Oração e devoções. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir). *História Religiosa de Portugal*. Vol. 2, Lisboa: Círculo de Leitores, 2000. p.650-658
- MATA, Luís Antonio Santos Nunes. *Ser, ter e poder: o hospital do Espírito Santo nos finais da Idade Média*. Coleção História e Arte. Número 5. Magno Edições & Câmara Municipal de Santarém: Leiria, 200. p. 21- 33

MATOS, Sérgio Campos. *Historiografia e memória nacional no Portugal do século XIX (1846-1898)*. Lisboa : Edições Colibri, 1998.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 5ª ed. - São Paulo: Edições Loyola, 2005

MELO, José Marques de. As festas populares como processos comunicacionais: roteiro para o seu inventário no limiar do século XXI. *Libero*: Ano III, V. 3, nº 6, 2000, p. 56-63.

_____. *Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação*. São Paulo: Paulus, 2008.

MELLO MORAES, Filho. *Festas e tradições populares do Brasil*. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1999.

MESSIAS, Noeci Carvalho. *Religiosidade e devoção: as festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade – TO*. 2010, 352 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em: <http://portais.ufg.br/uploads/113/original_Tese_Noeci_Carvalho_Messias.pdf>. Acesso em 23 ago 2011.

MILHEIRO, Maria Manuela. A Arte e a Festa. O sagrado, o lúdico e o efêmero. In: *Cadernos do Noroeste*. Vol. 9 (2), 1996, pag. 83-102

_____. Braga. *A cidade e a festa o século VXIII*. Braga: NEPS, 2003.

_____. Subsídios para a festa barroca: festa fúnebre. In: *Cadernos do Noroeste*, nº 4, 1991.

MUIR, Edward. *Fiesta y Rito em la Europa Moderna*. Madrid: Ed. Complutense, 2001.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. A festa vai à cidade: uma etnografia da romaria do Divino Pai Eterno, Goiás. [Texto originalmente publicado na revista *Religião e Sociedade*, 22/2, Rio de Janeiro, 2002]. *Núcleo de Antropologia Urbana da USP* [online]. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. 2002. Disponível em: <<http://www.n-a-u.org/Nascimento1.html>>. Acessado em: 23 nov 2009.

- OLIVEIRA, Frederico Salomé de. O catolicismo rústico ganha uma cidade nova: a Festa do Divino da Comunidade Canela, Antes e Depois de Palmas/TO. ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA. 6, 2010, Salvador. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/wordpress/24418.pdf>> Acesso em: 12 jan 2011
- PENTEADO, Pedro. Confrarias. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir). *História Religiosa de Portugal*. Vol. 2, Lisboa: Círculo de Leitores, 2000. P. 323-330.
- PEREIRA, Carla Rocha. Devoção e identidade: a festa do Divino Espírito Santo da Colônia Maranhense no Rio de Janeiro. 2005, 205 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). IFCS/PPGSA, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2005. Disponível em: <http://nuclao.uebs.com/texto_completo_CARLA%20ROCHA_241.prn.pdf>. Acesso em: 23 nov 2009.
- POLISTCHUCK, Llana, TRINTA, Aluízio Ramos. *Teorias da comunicação: o pensamento e a prática do jornalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- PREFEITURA DE NATIVIDADE. História e Localização geográfica. Disponível em: <<http://www.natividade.to.gov.br/>> Acesso em: 19 jul 2010.
- PRINS, Gwyn. História Oral In: BURKE, Peter. *A Escrita da História: novas perspectivas*. 2ª ed. - São Paulo: UNESP, 1992.
- REZENDE, Shara. Festa de fé e tradição. *Jornal do Tocantins*, Caderno Arte & Vida, p. 01, 22 de mai de 2010.
- SANDIOCA, Elena Hernandez. *Tendencias historiográficas actuales – Escribir historia hoy*. Madrid: Ediciones Akal, 2004.
- SANTOS, Claudfranklin Monteiro. A Festa como objeto de pesquisa histórica no campo da religiosidade. In: ENCONTRO SERGIPANO DE HISTÓRIA. 12, 2008, Aracaju. Disponível

em: <www.gpcir.sites.uol.com.br/ce/claudefranklin.pdf>.
Acesso em: 13 mai 2010.

SANTOS, João Rafael Coelho Cursino dos. *A Festa do divino de São Luiz de Paraiçiba: o desafio da cultura popular na contemporaneidade*. 2008, 226 f. Dissertação (Mestrado em História Social) Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, 2008.

SERRÃO, José Vicente (org). *Em nome do Espírito Santo: história de um culto*. Instituto dos Arquivos Nacionais (Torre do Tombo): Lisboa, 2004.

SILVA, Edna Lúcia da. *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*/Edna Lúcia da Silva, Estera Muszkat Menezes. – 3. ed. rev. atual.– Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

TEDIM, José Manuel. *A procissão das procissões: a festa do Corpo de Deus*. In: PEREIRA, João Castel-Branco (coord.). *A arte efêmera em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

THOMPSON, Paul. *Historias de vida em El analisis de cambio social*. In: BERTAUX, Daniel. *La historia oral: métodos y experiencias*. Madrid : Debate, 1993.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. *A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos*. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/trigueiro-osvaldo-espetacularizacao-culturas-populares.pdf> > Acesso em: 15 jul 2006.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Lúcia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir). *História Religiosa de Portugal*. Vol. 2, Lisboa: Círculo de Leitores, 2000. p. 323-330

- COUTINHO, A. CAVALCANTE, M. *Ex-voto: uma manifestação da fé popular*. Professor Orientador: Rogério Cadengue, 1984.
- DEL PRIORE, Mary Lucia. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- DEUS DA LUZ. *Festa do Divino*. Direção de Suzana Barros. Produção de Maria Arienar e Raimundo Penaforte. Palmas, 2003. 1 DVD (17 min e 54 seg.), son, color.
- VASINA, J. *Oral Tradition as History*. Madison: Wisconsin, 1985, p. 199
- JOUTARD, P. Memória coletiva. In: BURGUIÈRE, A. (Org.). *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- MURRAY, Charles. A Memória Oral: As Festas Populares como objeto de memória. In: *Memória, Patrimônio e Identidade – Salto para o Futuro/TV Escola*. Disponível em: <<http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/145632MemoriaPatriIdent.pdf>>. Acesso em: 13 mai 2010.
- THOMPSON, Paul. The voice of the Past. In: PERKS, Robert, Thomson, Alistair (Ed.). *The Oral History Reader*. Routledge: Londres, 1998. p. 28
- PORTELLI, Alessandro. What Makes Oral History Different. In: PERKS, Robert, Thomson, Alistair (Ed.). *The Oral History Reader*. Routledge: Londres, 1998. p.63-74
- PREFEITURA DE PIRENÓPOLIS. *Atrativos Culturais*. Disponível em: <<http://www.pirenopolis.go.gov.br/1628/noticias/turismo/atrativos-culturais/festa-do-divino-espírito-santo-2//>> Acesso em: 19 jul 2010.
- TEIXEIRA, José A. *Folclore Goiano*. Editora Nacional, São Paulo, 1954.

LISTA DE FONTES ORAIS

- **Belarmino Rumão Ferreira** - Entrevistado dia 26 de agosto de 2011, Pedreiro, 61 anos
- **Felisberta Fereira da Silva (Felis)** - Entrevistada dia 24 de abril de 2010
- **Flávio Pereira de Souza** - Entrevistado dia 24 de abril de 2010, Guia de Turismo, 27 anos
- **Inara Gomes Leão** - Entrevistada dia 24 de abril de 2011, Pedagoga, 27 anos
- **Joaquim Rodrigues de Cerqueira (Seu Quinca)** - Entrevistado dia 26 de agosto de 2011, aposentado, 76 anos
- **Julio Dias Rocha** – Entrevistado dia 22 de maio de 2010, Fazendeiro
- **Luciano Pereira Pinto** – Entrevistado dia 15 de setembro de 2011, Agrônomo, 37 anos
- **Márcia Araújo Borges Pinheiro** – Entrevistada em 26 de agosto de 2011, Funcionária pública, 55 anos
- **Maria José de Oliveira Machado (Dona Zeza)** - Entrevistada em 26 de agosto de 2011, Funcionária pública, 62 anos
- **Marianila Gonzaga de Campos Lima** – Entrevistada dia 28 de agosto de 2011, Funcionária pública, 52 anos
- **Rodrigo Gonzaga de Campos Lima** – Entrevistado dia 18 de janeiro de 2012, Autônomo, 29 anos
- **Simone Camêlo Araújo** – Entrevistada em 03 de outubro de 2011, Historiadora, 47 anos
- **Vanessa Nascimento Pereira** – Entrevistada em 24 de abril de 2011, Enfermeira, 34 anos